



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

MICHELE JATOBÁ PEREIRA DE ALMEIDA

**TRABALHO DOCENTE, ENSINO REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL:
MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA
BAHIA**

Salvador
2024

MICHELE JATOBÁ PEREIRA DE ALMEIDA

**TRABALHO DOCENTE, ENSINO REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL:
MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA
BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Língua e Cultura.
Orientadora: Prof^a. Dra. Cristiane Landulfo

Salvador
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Almeida, Michele Jatobá Pereira
TRABALHO DOCENTE, ENSINO REMOTO E LETRAMENTO
DIGITAL: MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO
INTERIOR DA BAHIA / Michele Jatobá Pereira de
Almeida. -- Salvador, 2024.
181 f. : il

Orientadora: Cristiane Landulfo.
Dissertação (Mestrado - Mestrado) -- Universidade
Federal da Bahia, Univerdade Federal da Bahia, 2024.

1. TRAVESSIAS QUE CONDUZEM ESTA DISSERTAÇÃO. 2. O
BRASIL NA PANDEMIA: A NAVEGAÇÃO QUE FICOU À DERIVA. 3.
E A ESCOLA NÃO PAROU: ENFRENTANDO O TSUNAMI DO ENSINO
REMOTO. 4. ROTA METODOLÓGICA. 5. NARRATIVAS
MEMORIALÍSTICAS DE UM PERÍODO PANDÊMICO: ENSINO
REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL. I. Landulfo, Cristiane.
II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA -UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

**TRABALHO DOCENTE, ENSINO REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL:
MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA
BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Mestrado em Língua e Cultura, ofertado pela Universidade Federal da Bahia-UFBA, para obtenção do título de mestra, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Salvador, 21 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Landulfo
Universidade Federal da Bahia-UFBA
Orientadora

Profa. Dra. Doris Cristina Vicente da Silva Matos
Universidade Federal de Sergipe
Examinadora Externa

Prof. Dr. Júlio Neves Pereira
Universidade Federal da Bahia-UFBA
Examinador Interno

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nos fazemos. (Paulo Freire).

Dedico este trabalho a **DEUS** por ser a força que me move.

À minha **mainha** e às minhas filhas **Alice e Fernanda**, com todo meu amor.

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber. (Paulo Freire, 2000)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço especialmente a Deus, por ter a certeza que em todo tempo Ele conduziu e sustentou-me, dando-me, sobretudo, forças e sabedoria para concluir o Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, para obter o título de Mestra na Universidade Federal da Bahia-UFBA, mesmo diante de uma rotina tão adversa para conciliar trabalho, estudo, filhas e casa. Não tenho dúvidas que Ele sempre esteve comigo durante os momentos. Sempre foi ELE a minha força até aqui. Por isso a ELE, toda honra e toda glória em todo o tempo.

A mainha e painho, meus maiores incentivadores, meus amores, meu grande alicerce. Eu jamais seria a mulher que sou hoje sem a educação e proteção que recebi deles. Eles sempre serão a minha maior motivação para sonhar e a força que me move e, por isso, as minhas conquistas sempre serão celebradas primeiramente comeles. Com painho eu aprendi a ser pontual, a ser responsável e a encarar o estudo como algo sério. Com mainha, eu aprendi a ser forte, determinada, sonhadora. Foi ela também que mesmo sem muitos estudos, desde criança me ensinava o quanto eu precisava deles para que eu me tornasse uma mulher forte, que dizia que eu precisava ter um emprego, que eu precisava ser independente, e sim, um dos maiores sonhos dela era que eu me tornasse uma professora. Foi ela que foi fazer a minha matrícula no magistério. Na época, tinha que madrugar para conseguir a vaga na escola. E lá estava ela às 04:00h da manhã para que eu conseguisse uma vaga. Foi ela que me levou para fazer o primeiro vestibular e que ficou a manhã toda sentada na porta do lado de fora me esperando. Ainda consigo lembrar da sua expressão quando eu respondi: eu acho que serei aprovada. Foi ela também que, cedinho, estava na banca do jornal quando soube pelo rádio que tinha saído o resultado do exame. Sim, sou da época em que os resultados dos vestibulares eram publicados no jornal da cidade. Não tínhamos computador, *internet*. Era pelo jornal que sabíamos as notícias mais importantes. Mas só comprávamos em datas especiais, na maioria das vezes tinha um vizinho que sempre levava no mercadinho de painho e a gente lia geralmente dessa forma. Ah, mainha! Como sou grata pela tua vida. Hoje ela é a minha maior rede de apoio para que eu possa estudar, trabalhar, Eu só cheguei até aqui com o apoio dela. Ela que será sempre a minha fonte de inspiração e o grande amor da minha vida.

A Dudu, meu esposo, meu companheiro, de fato, na alegria e na tristeza, meu grande cúmplice e parceiro de vida, que embarca nas minhas aventuras sem medir esforços para ajudar-me. O seu apoio e zelo durante esses quinze anos de casados, fez toda a diferença para que eu continuasse sempre estudando e conseguisse dar conta de tantas atribuições. Ele que torce e vibra por cada uma das minhas conquistas. Que cuida das nossas filhas com tanto amor e afeto para que eu estude, que sem dúvidas é um dos responsáveis por tornar a minha jornada mais leve e amorosa.

A Fernanda e a Alice, as filhas mais lindas do meu mundo. Minhas joias mais preciosas. Como sou grata a Deus por ter vocês. Minha fonte inesgotável de força e de amor. São elas que ressignificam diariamente os meus passos e que desvelaram em mim uma coragem que eu nem imaginava que tinha. As minhas conquistas serão sempre por mim e por vocês. E sempre serão elas, a parte mais linda da minha história. Amo infinitamente vocês.

A Sheila, minha irmã, amiga e parceira. Aquela que está do meu lado em todas as circunstâncias. E as minhas sobrinhas Eduarda e Beatriz, por deixarem a minha vida mais leve e ainda mais afetuosa.

A minha orientadora maravilhosa, professora Dra. Cristiane Landulfo, por toda a acolhida desde o primeiro momento e por ter conduzido com tanto zelo, afeto essa orientanda. Sempre de forma generosa, humana, sensível conduziu com maestria este percurso de forma segura e tranquila. Uma pesquisadora que inspira profissionalismo, competência, gentileza. Cris, você é incrível! Quero seguir aprendendo com você.

Aos professores do Mestrado do Programa em Língua e Cultura da UFBA, que fizeram parte desta caminhada. Em especial à professora Dra. Edleise Mendes, por sempre provocar, aguçar o debate na busca por uma educação de qualidade que inquieta mentes e corações e que se faz cada vez mais necessário. Que privilégio te conhecer e ter sido sua aluna!

Ao professor Dr. Julio Neves, professor a quem eu tive o privilégio de estagiar na turma de LET45 e que prontamente aceitou o convite para participar da banca de qualificação com contribuições tão significativas e necessárias. Um profissional dedicado, responsável, que exerce com dedicação e afinco as suas atividades profissionais. Aprendi muito realizando o tirocínio sob a orientação do professor Júlio.

Que a educação encontre cada vez mais profissionais com tamanho zelo como o senhor.

À professora Dra. Doris Matos que também contribuiu de forma significativa com a minha banca de qualificação, empreendendo um olhar atento, refinado, gentil e sugeriu ajustes relevantes para aprimorar a escrita do presente trabalho.

As minhas colegas de trabalho do Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso, em especial aquelas que navegaram comigo e participaram prontamente desta pesquisa e que mergulharam nesta jornada, tão desafiadora, de forma mais alegre e prazerosa.

Agradeço também em especial a todas as professoras e professores que tive ao longo de toda a minha vida estudantil. E aos meus alunos e alunas ao longo de toda a minha caminhada como professora. Sou grata também a vocês por esta conquista. Por vocês também, que eu quero seguir aprendendo sempre.

RESUMO

A presente pesquisa, situada na área da Linguística Aplicada, foi desenvolvida com o objetivo de Identificar de que modo a ausência/ presença dos letramentos digitais impactou nas vivências e nas práticas pedagógicas mediante a adoção do ensino remoto implementado durante a pandemia da COVID-19, em um Colégio Estadual da Rede Pública no interior da Bahia. Para tanto, este estudo foi guiado pelas seguintes perguntas norteadoras: De que modo a rotina das/dos docentes foi impactada pela transição do ensino presencial para o ensino remoto na vida das docentes do Colégio Estadual de Junco durante o período de isolamento instaurado pela pandemia da COVID-19? Como a formação docente inicial e/ou continuada possibilitaram o desenvolvimento do letramento digital nas aulas do Colégio Estadual de Junco? Como as docentes experienciaram os multiletramentos durante a adoção do ensino remoto? Nesse sentido, visando atender aos questionamentos da pesquisa, a rota metodológica adotada escolhida foi a pesquisa qualitativa, sob uma perspectiva autoetnográfica, uma vez que é propósito também investigar os aspectos subjetivos, sociais e comportamentais das pessoas envolvidas. Para tanto, a combinação de diferentes instrumentos de geração de dados possibilitou explorar também a minha própria experiência diante das vivências e transformações impostas durante o período pandêmico e o ensino remoto, a saber: estudo dos documentos, como os decretos e portarias implementadas durante a adoção do ensino remoto. Além dos questionários que foram respondidos pelas participantes da pesquisa, incluindo a pesquisadora; entrevista Semiestruturada e individualizadas e a rodas de narrativas memorialísticas acerca do período pandêmico. Os resultados demonstraram o quanto foi desafiador ser professora na pandemia da COVID. Também percebeu-se o quanto ainda é preciso investir na formação docente, uma vez que na condição de professoras precisamos estar em constante aprendizado. Quanto aos impactos investigados na práxis pedagógicas acerca dos multiletramentos, notou-se que toda a nossa rotina profissional, pessoal, precisou ser modificada. Diante disso, nos aproximamos mais dos letramentos digitais diante da necessidade e o uso de ferramentas como *Google Meet*, *Google Classroom*, *Youtube*, *Moodle*, *Zoom*, *Hangout*, *WhatsApp*, *Instagram* e outras que foram incorporadas nas nossas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Trabalho docente; Letramento digital; Ensino remoto; Pandemia de Covid; Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

The present study, located in the area of Applied Linguistics, was developed with the objective of identifying how the absence/presence of digital literacies impacted experiences and pedagogical practices through the adoption of remote teaching implemented during the COVID-19 pandemic, in a State Public School in the countryside of Bahia. To this end, this study was guided by the following southernizing questions: How was the teachers' routine impacted by the transition from in-person to remote teaching in the lives of teachers at Colégio Estadual de Junco during the period of isolation introduced by the COVID-19 pandemic? COVID-19? How did initial and/or continued teacher training enable the development of digital literacy in classes at Colegio Estadual de Junco? How did teachers experience multiliteracies during the adoption of remote teaching? In this regard, in order to answer the research questions, the adopted methodological approach is qualitative research, from an autoethnographic perspective, since the purpose is also to investigate the subjective, social and behavioral aspects of the people involved. To this end, the combination of different data generation tools also allows for exploring my own experience in the face of the experiences and transformations imposed during the pandemic period and remote teaching, namely: study of documents, such as decrees and ordinances implemented during adoption of remote teaching. In addition to the questionnaires that must be answered by research participants, including the researcher; Semi-structured and individualized interviews and a series of memorial narratives about the pandemic period. The results demonstrated how challenging it was to be a teacher during the COVID pandemic. It was also realized how much investment still needs to be made in teacher training, since as teachers we need to be constantly learning. Regarding the impacts investigated on pedagogical praxis regarding multiliteracies, it was noted that our entire professional and personal routine needed to be modified. Given this, we move closer to digital literacy given the need and use of tools such as Google Meet, Google Classroom, Youtube, Moodle, Zoom, Hangout, WhatsApp, Instagram and others that have been incorporated into our pedagogical practices.

Keywords: Teaching work; Digital literacy; Remote teaching; Covid pandemic; Digital Technologies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Quadro nº 01 - Estado da Arte-Letramento digital e Pandemia	22
Quadro 02- Mortes pelo coronavírus no Brasil em 2020	51
Quadro 03- Mortes pelo coronavírus no Brasil em 2021	52
Quadro 04- Instrumentos de registros de dados.....	116
Quadro 05- Participantes da pesquisa.....	123
Quadro 06- Categorias e subcategorias de análise.....	134
Quadro 07- Nuvem de palavras.....	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Mortes por coronavírus no país	44
Gráfico 02 - Mortos por covid-19 são maioria entre quem não se vacinou.....	54
Gráfico 03 - Em qual área/curso é graduado(a)?	126
Gráfico 04 - Você estava lecionando durante a pandemia do COVID 19?	127
Gráfico 05 - Quantos anos você tem?.....	127
Gráfico 06 - Com que frequência usa a <i>internet</i> ?	129
Gráfico 07 - Quais desses gêneros/redes sociais você utiliza com mais frequência?	129
Gráfico 08 - Qual/Quais equipamento(s) tecnológico(s) você mais utilizou durante o período pandêmico?.....	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Bricolagem	37
Figura 02: OMS declara pandemia de Coronavírus.....	39
Figura 03: Primeira morte por coronavírus no Brasil	40
Figura 04: Bolsonaro ataca vacinação	47
Figura 05: Bolsonaro diz: “não sou coqueiro”	47
Figura 06: Apoiadores de Bolsonaro usam desinformação para atacar vacinação infantil	48
Figura 07: Tudo o que você não deve fazer, o Brasil fez.....	49
Figura 08: Bolsonaro defende o uso da cloroquina	49
Figura 09: 2020 foi o ano com menor gasto do MEC com educação básica desde 2010.....	55
Figura 10: Bolsonaro veta ajuda financeira.....	56
Figura 11: Dossiê aponta descaso do governo	56
Figura 12: Resoluções no estado da Bahia durante o período pandêmico	59
Figura 13: Deliberações CEE- BA.	59
Figura 14: Cadernos de Aprendizagem	64
Figura 15: Caderno de apoio.....	65
Figura 16: Caderno de Linguagens- Eixo.....	66
Figura 17: Vista panorâmica da cidade de Jacobina	67
Figura 18: Boletim Epidemiológico da cidade de Jacobina.	69
Figura 19: Praça do Distrito do Paraíso.....	70
Figura 20: Vista Panorâmica do Paraíso	70
Figura 21: Registro de uma aula virtual pelo <i>Google Meet</i>	72
Figura 22: Registro de uma aula virtual pelo <i>Google Meet</i>	73
Figura 23: Tecnologia, ensino remoto na pandemia.	76
Figura 24: Entrada principal do CEJ/ Anexo Paraíso.	119
Figura 25: Sala de aula	119
Figura 26: Pavilhão das salas	120
Figura 27: Vista da entrada do CEJ	120
Figura 28: Vista da saída do CEJ/ Anexo Paraíso	121
Figura 29: Bricolagem de ferramentas digitais	136

SUMÁRIO

1. TRAVESSIAS QUE CONDUZEM ESTA DISSERTAÇÃO	16
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 NAVEGANDO EM OUTROS MARES: UM DIÁLOGO COM OUTRAS PESQUISAS	19
1.3 SEM PEDIR LICENÇA UM VENTO CONTRÁRIO, EIS QUE DE REPENTE UMA TAL DE PANDEMIA: A COVID-19	27
1.4 OBJETIVO GERAL	33
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	34
1.6 PERGUNTAS SULEADORAS	34
1.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: ATRAVESSAMENTOS	35
2. O BRASIL NA PANDEMIA: A NAVEGAÇÃO QUE FICOU À DERIVA	37
2.1 O NAUFRÁGIO NO BRASIL: PANDEMIA E GENOCÍDIO	39
2.2 E COMO FOI A NAVEGAÇÃO NO ESTADO DA BAHIA?	57
2.3 JACOBINA E O COLÉGIO ESTADUAL DE JUNCO/ANEXO PARAÍSO.....	67
2.4 A MUDANÇA NA ROTA IMPOSTA PELA COVID 19: O ENSINO REMOTO COMO SOLUÇÃO PARA A EDUCAÇÃO.....	71
3. E A ESCOLA NÃO PAROU: ENFRENTANDO O TSUNAMI DO ENSINO REMOTO	75
3.1 EIS QUE NÃO FOI MAIS POSSÍVEL FUGIR DELA: A TECNOLOGIA COMO UMA GRANDE ALIADA NO ENSINO REMOTO PANDÊMICO	77
3.2 MERGULHANDO NAS ÁGUAS DO LETRAMENTO	81
3.3 UM NOVO MUNDO À VISTA: A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS. ...	90
3.4 AVISTANDO TERRAS NOVAS: EIS QUE SURGEM NOVOS LETRAMENTOS	94
3.5 VELEJANDO NOS MARES DO LETRAMENTO DIGITAL	96
3.6 LETRAMENTO DIGITAL COMO UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO	99
3.7 (MULTI) LETRAMENTOS E OS DOCUMENTOS OFICIAIS	103
4. ROTA METODOLÓGICA	107
4.1 A PESQUISA QUALITATIVA.....	107
4.2 PESQUISANDO OS DOCUMENTOS.....	108
4.3 PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA E MEMÓRIAS.....	110
4.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS.....	115

4.5 NOSSO NAVIO: ESCOLA ESTADUAL DE JUNCO/ ANEXO PARAÍSO	117
4.6 QUANTO ÀS NAVEGANTES? AQUELAS QUE NÃO RECUSARAM À TRAVESSIA.....	121
5. NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM PERÍODO PANDÊMICO: ENSINO REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL.....	125
5.1 MARES ANDADOS: POR ONDE ANDEI E COMO CHEGUEI	131
5.2 EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSORA NA PANDEMIA	135
5.2.1 Aprendendo e ensinando em meio ao caos.....	138
5.2.2 Transformações nas práticas pedagógicas.....	142
5.3 FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIAS.....	143
5.3.1 Formação na urgência.....	146
5.3.2 Adaptação curricular.....	147
5.4 NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS: CONCEPÇÕES DO LETRAMENTO DIGITAL EM PERÍODO PANDÊMICO.....	149
5.4.1 Letramento digital: aprendizagens e desafios.....	151
5.4.2 Legado do letramento digital pós pandemia	155
6. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS.....	162
ANEXOS.....	167
APÊNDICES.....	172

1 TRAVESSIAS QUE CONDUZEM ESTA DISSERTAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

É chegado o tempo da travessia! Como bem diria Fernando Pessoa, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. Por isso, é necessário atravessar/insurgir. Faço essa alusão, porque a realização do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLINC na Universidade Federal da Bahia (UFBA), vai muito além do objetivo de alcançar um título acadêmico, representa para mim, tempo para atravessar, mas especialmente o de fazer a minha própria travessia.

Parece que aquele sonho distante de cursar um mestrado na UFBA, daquela menina do interior, do sertão da Bahia, hoje uma mulher, mãe de duas meninas, professora de Linguagens desde os dezesseis anos, começa a se materializar, já que gradativamente tenho colhido os frutos de ter feito dos livros, os meus melhores amigos. Mesmo sem condições de comprá-los, por muitos anos foi pedindo emprestado de vizinhos e colegas que a minha vida foi transformada pelos meus grandes companheiros até aqui.

Os estudos sobre a educação entraram na minha vida aos quatorze anos de idade, quando terminei o ensino fundamental II e resolvi fazer o curso de magistério no Colégio Deocleciano Barbosa de Castro, no turno matutino. Eu sempre fui muito inquieta em busca do aprender e sabia que essa era minha única alternativa para “mudar de vida”. Sempre pensei muito no futuro e não queria que minhas filhas passassem pelas privações pelas quais eu passei.

Os estudos transformaram a minha vida. Fui a primeira da família a entrar na Universidade. Hoje sou graduada em Letras, Filosofia e bacharela em Direito pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, uma recém advogada e com muito orgulho, sou PROFESSORA. Atualmente, trabalho como docente da rede estadual da Bahia e também na rede municipal de Umburanas-BA. Sou consciente da responsabilidade dessa profissão e há vinte anos procuro exercê-la, tendo como inspiração aquelas professoras que marcaram a minha trajetória.

Confesso que tenho muito cuidado e sensibilidade para que a minha história não sirva de alicerce para a meritocracia¹, pois sei o quanto essa é uma armadilha que tentam perpetuar e legitimar. Apesar de grata e sensível a todo percurso até aqui. Trago marcas que são oriundas da injustiça social presente neste país. Não quero que ninguém precise enfrentar as dores que eu já enfrentei, pois sei muito bem que não existem igualdade de oportunidades. Por isso, defendo que as políticas sociais, de inclusão precisam ser cada vez mais difundidas e ampliadas para a promoção da justiça social.

Lembro-me de que ainda no magistério eu já ficava incomodada com inúmeras questões, apesar de não ter muito conhecimento e nem um repertório teórico amplo. Certamente, por essa razão, devido a essa preocupação, o meu primeiro projeto, aos quinze anos de idade, já contemplava a leitura e a escrita. Apesar de não ter esse nome presente de forma expressa, hoje reconheço: era um projeto de letramento, já que mesmo sem saber e conhecer essa nomenclatura/conceito, tinha uma preocupação em envolver as alunas e alunos em práticas letradas diversas.

Todo esse preâmbulo foi necessário para marcar o meu lugar de enunciação: Uma mulher que ainda traz na sua essência aquela criança que sonhava em ser professora, que sempre gostou de aprender, que alimenta e acredita no poder transformador da educação, que reconhece a importância da pesquisa, da ciência e deseja continuar sendo também agente de transformação na vida de muitas meninas e meninos no interior do sertão nordestino.

Desse modo, pretendo que os resultados desta pesquisa sejam escritos de modo que a sua leitura seja acolhedora e de fácil compreensão, sem a linguagem metódica e séria do direito que, possivelmente, ficou impregnada em mim durante cinco anos dessa referida graduação. Pois o contexto sobre o qual vamos tratar já foi doloroso e sofrido demais: o ensino remoto durante os anos da pandemia da COVID-19. Ademais, acredito que o conhecimento deve ser democratizado no intuito de desconstruir essa hierarquia do saber que ronda as universidades e que é de difícil compreensão para a grande maioria das pessoas.

¹ Segundo o Dicionário Michaelis, meritocracia é uma “forma de administração cujos cargos são conquistados segundo o merecimento, em que há o predomínio do conhecimento e da competência.” Também é considerado um conceito sociológico que preconiza que todo ser humano tem a capacidade de prosperar e vencer pelo seu próprio mérito, sem precisar de ajuda, seja da sociedade, seja da família, seja até do próprio estado.

É importante demarcar que a presente pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada, que, segundo Gomes (2021), surgiu na década de 1940 com o propósito de pensar o ensino de línguas, em especial de língua inglesa. No entanto, com o passar dos anos, surgiram novas demandas que provocaram mudanças epistemológicas, ampliando os rumos das pesquisas realizadas no campo da LA, o que a tornou uma ciência independente da Linguística Geral. Nesse sentido, percebe-se que a LA passou a propor pesquisas com enfoque nas necessidades reais dentro de uma perspectiva sócio-histórica-cultural. Para tanto, ela precisou se reinventar diante das transformações ocorridas, conforme afirma Matos (2013, p.5):

Esse novo modo de conceber a LA permite entender melhor os paradigmas existentes nos dias atuais, já que meados da década de 1980 até a de 1990, as pesquisas realizadas dentro dessa área começam a investigar outros contextos sociais que não lidam com o ensino, passando a ser entendida, inclusive como indisciplinar, ou seja, se reconhece que não pode mais se constituir como disciplina, isto é, ir além de paradigmas consolidados, prontos, acabados e consagrados.

Nota-se que é uma preocupação da LA como preceitua Kumaravadivelu (2006), transcender a abordagem positivista e testar outras possibilidades. Para Pennycook (2006), a LA deve ser transgressiva, no sentido de transgredir políticas ultrapassadas e pensamentos limitantes. Segundo Cook (2008, p.5), a LA é uma disciplina acadêmica preocupada com a relação do conhecimento sobre a linguagem para a tomada de decisões no mundo real. Nessa perspectiva, o ensino da língua precisa ser realizado de forma crítica, reflexiva provocando experiências e um aprendizado que faça sentido e que dialogue com outras áreas do saber, favorecendo um conhecimento que seja relevante socialmente, fornecendo um aprendizado diversificado, crítico e sobretudo contra-hegemônico.

Em consonância com esse pensamento, Kleiman (2019), destaca que a expansão da LA combina três aspectos: a interdisciplinarização, a transdisciplinarização e a disciplinarização. Logo, observa-se que um dos objetivos da LA é promover a difusão do conhecimento de forma crítica, visibilizando estratégias que contemplem a utilização da linguagem, compreendendo seu contexto social, histórico e cultural por entender que a linguagem está inserida num campo dinâmico que envolvem diversas práticas sociais. De acordo com Moita Lopes (2016),

A LA também formula seus próprios modelos teóricos, podendo colaborar com o avanço do conhecimento não somente dentro do seu campo de ação como também em outras áreas de pesquisa. Ou seja, (...) centra-se na

resolução de problemas específicos, pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento e a formulação teórica quanto a chamada pesquisa básica” (Lopes, 2016, p.21).

Cabe então à escola oportunizar que o campo de atuação da LA espraie-se para outros campos do saber ao entender que a linguagem é uma prática social que está entrelaçada com outras ciências, como a psicologia, educação, ciências humanas e sociais, entre outras. Consequentemente ao ter ciência disso, ela se reinventa, articula novas formas de produzir conhecimento. Sendo assim, em uma sociedade multifacetada e plural é uma necessidade da L.A considerar os efeitos linguísticos diversificados.

Ademais torna pertinente destacar o que preceitua Moita Lopes (2008), quando explica que o objetivo da LA não é solucionar problemas, até porque o problema não existe em si. Mas explicar os fenômenos, tendo como ponto de partida a linguagem, levantando questões de práticas social que podem ocorrer nos mais diversos contextos. Nesse sentido, por entender que a temática central da presente pesquisa se situa no campo do letramento digital e esse é também entendido como um fenômeno social que envolvem práticas de leitura, escrita, tecnologia e atendem a funções e propósitos diferentes, considero ser de suma importância situar nesse trabalho o olhar problematizador, questionador da LA fundamentando o presente trabalho nos pressupostos bibliográficos desse referido campo do saber.

1.2 NAVEGANDO EM OUTROS MARES: UM DIÁLOGO COM OUTRAS PESQUISAS

No intuito de compreender melhor o objeto a ser estudado, foi realizada uma revisão sistemática acerca do descritor tendo como fonte de referência para o levantamento das informações o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). É possível encontrar com critério de pesquisa Letramento Digital e pandemia, no período de 2020-2023, dezesseis trabalhos de dissertação de mestrado acerca do tema investigado na área de conhecimento, Linguística e Letras. Desse modo, apresento o quadro nº 01, com os dados que foram encontrados sobre os seguintes estudos:

Quadro nº 01 - Estado da Arte-Letramento digital e Pandemia

TÍTULO	AUTOR (A)	OBJETIVO DA PESQUISA	PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO	ANO
A abordagem da cultura digital em um curso normal do estado do Rio de Janeiro	Adriana Leite de Andrade	Compreender as implicações da cultura digital no trabalho docente dos professores do Curso Normal e, consequentemente, na formação dos estudantes.	Universidade Católica de Petrópolis	2020.
Estratégias de ensino remoto e o Letramento Digital na Alfabetização de crianças.	Yzynyia Silva Rezende Machado	Analisar a implementação das estratégias de ensino remotas no processo de alfabetização e letramento digital, em uma turma do 2ª ano do ensino fundamental, de uma escola pública do município de Tibau/RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN	2020.
Formação docente e letramento digital em contexto de pandemia.	Noelia Barbosa de Costa Queiroz	Analisar as contribuições da Formação Online, na Perspectiva do Letramento Digital, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação - SME - de	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2021.

		Natal/RN, para a prática formativa dos assessores pedagógicos e diretores de unidades de ensino.		
O gênero <i>fake news</i> no processo de desenvolvimento da leitura e do letramento de estudantes de uma escola da rede estadual de Pernambuco.	Dafyne Ivanadyja de Lima	Desenvolver o nível de leitura e letramento dos estudantes do nono ano de uma escola pública estadual a partir de práticas contextualizadas e que pensamos serem necessárias para contribuir na formação de um sujeito crítico e consciente do seu papel social e linguístico no meio social em que vive.	Universidade do Pernambuco	2020
Letramento digital em tempos de pandemia: implicações e desafios no Ensino Superior	Zulma Ferreira de Souza	Investigar as habilidades do letramento digital dos alunos do curso de Pedagogia presencial da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), suas implicações e desafios no	Universidade Estadual de Montes Claros	2022

		ensino remoto.		
Bibliotecário e pós-verdade no contexto da informação, memória e poder nas redes sociais: Uma proposta de Letramento informacional para o Instituto Federal do Maranhão <i>Campus Caxias</i> .	Ianna Lustosa Torres	Diagnosticar as particularidades das origens conceituais e históricas da informação e memória coletiva, seus efeitos nos contextos da desinformação e disseminação de notícias falsas e qual postura do bibliotecário a sociedade necessita neste contexto.	Universidade Federal do Cariri	2020
Práticas de Alfabetização em uma turma do 2º ano do ensino fundamental de um Colégio de Aplicação no ensino remoto Natal-RN 2023.	Patrícia Regina Vieira Viana de Andrade	Investigar práticas de alfabetização desenvolvidas no formato de ensino remoto com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2022
Letramento Digital em tempos de pandemia: o olhar de professores e alunos sobre o ensino remoto emergencial e as tecnologias digitais.	Danilly de Souza Bezerra	Analisar o cenário do ensino atual mediado pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDCs), através do discurso de	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	2021

		professores e alunos, levando em consideração, também, os letramentos digitais.		
<i>Fanfics</i> e combate ao <i>Bullying</i> : Práticas de Leitura e Escrita em ambientes digitais.	Ana Cláudia Caldas Quaresma	Desenvolver práticas significativas de leitura e escrita em duas turmas do ensino fundamental, usando o gênero <i>Fanfics</i> com vistas a combater o <i>bullying</i> em ambientes digital e escolar.	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	2020
Ferramentas digitais- Uso e crítica em tempos de pandemia por docentes de Língua Inglesa em escolas públicas baianas- o caso do <i>Google For Education</i> .	Lais Vieira de Cunha Bernardes	Descobrir e entender os principais desafios enfrentados por docentes de língua inglesa no desenvolvimento de atividades remotas durante a pandemia do COVID-19.	Universidade Estadual da Bahia	2021
Letramento Digital na conjuntura da pandemia: implicações na vida de docentes da rede de ensino de Araguaína-	Clorisneia Soares Vila Nova Silva	Investigar os letramentos digitais de professores (as) da Educação Infantil e Ensino Fundamental I	Universidade Federal do Norte do Tocantins	2023

TO		da rede municipal de ensino de Araguaína-TO na conjuntura da pandemia considerando o uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizado e as suas implicações na vida dos docentes.		
Um olhar sobre as tecnologias como apoio no contexto da educação de Jovens e Adultos-EJA Interventiva do Distrito Federal	Daniel Santos da Cruz	Investigar os letramentos digitais de professores (as) da Educação Infantil e Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino de Araguaína-TO na conjuntura da pandemia considerando o uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizado e as suas implicações na vida dos docentes.	Universidade de Brasília	2020
Letramentos em ambientes virtuais de aprendizagem na educação	Rodrigo Fortes Mello	Investigar os modos de interação de alunos e professores do	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2021

<p>básica: estudo de caso do AVA do Instituto de Aplicação da UERJ'</p>		<p>6º ano do Ensino Fundamental (EF) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) com o AVA da escola, observando-se perfis, ações e percepções dos participantes.</p>		
<p>Aulas remotas em contexto pandêmico: sobre a participação de discentes da rede municipal</p>	<p>Monalisa Guedes Correia Gonzaga</p>	<p>Investigar em quatro escolas municipais, na cidade de Poções-BA, sendo duas delas dos anos iniciais e duas dos anos finais do Ensino Fundamental os fatores como igualdade e equidade de acesso ao ensino remoto durante o contexto pandêmico.</p>	<p>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia</p>	<p>2023</p>
<p>O Letramento crítico na pandemia: repensando as aulas de Língua Inglesa na adaptação híbrida da escola pública.</p>	<p>Maiara Dalpiaz dos Santos</p>	<p>Investigar, à luz de um escopo teórico da Linguística Aplicada (LA) e Educação – tendo em vista que a LA é uma área aberta (MOITA LOPES, 2009), analisar como</p>	<p>Universidade do Vale do Rio dos Sinos</p>	<p>2022</p>

		professoras de línguas de uma rede municipal agiram em relação à avaliação ao longo e após o período pandêmico, bem como compreender suas concepções de avaliação.		
“Na verdade, tudo mudou, o mundo mudou e não teria como a escola continuar avaliando da mesma forma”- O impacto da pandemia de Covid-19 na prática avaliativa no contexto do ensino de línguas.	Isabelle Marine Rabelo	Analisar o ambiente escolar de acolhimento nos seus modos virtual e presencial, aliando-se a formação e o exercício da professora participante, a participação de seus alunos, aos impactos na comunidade do contexto específico.	Universidade Federal de Minas Gerais	2023

Fonte: Organizado pela pesquisadora utilizando dados do site:
<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Compreendo que a realização do levantamento dos dados e realização de estudos de outras pesquisas são importantes para o desenvolvimento do presente estudo, uma vez que ambos dialogam, contribuem e ampliam as análises, bem como com o repertório do referencial teórico. Além disso, acredito que os trabalhos realizados na pandemia também têm/terão valor histórico e consitui/constituirão um acervo importante tendo em vista o contexto adverso da pandemia e as inúmeras tentativas do governo federal de tentar descredibilizar a imagem e o legado das universidades públicas.

Outrossim, é pertinente frisar o quanto as pesquisas científicas são importantes não apenas para o cenário educacional, bem como para todos os segmentos sociais. Ademais, é possível perceber que diante dos trabalhos que foram realizados, o quanto o exercício docente requer aprimoramento e formação contínua. Mesmo diante de um cenário inóspito, as pesquisas científicas continuaram sendo realizadas e mostram a sua força, a sua importância para a construção do conhecimento.

A presente pesquisa visa também contribuir para a construção do conhecimento refletindo sobre a importância da formação docente e das tecnologias digitais no cenário educacional sob a ótica da necessidade formativa das professoras que participaram da pesquisa. Para isso, a partir dos vários instrumentos que foram gerados dialogamos e refletimos sobre a ausência/presença dos letramentos digitais no período pandêmico.

1.3 SEM PEDIR LICENÇA UM VENTO CONTRÁRIO, EIS QUE DE REPENTE UMA TAL DE PANDEMIA: A COVID- 19.

O ano era 2020, início de fevereiro, participei da jornada pedagógica, juntamente com colegas professoras e professores, como de costume para a realização dos planejamentos pedagógicos antes do início de mais um ano letivo. Quem já participou dessas reuniões sabe o quanto as discussões que surgem nesses encontros são importantes. Muitos estudos são realizados para que possamos garantir às/aos nossa(o)s educanda(o)s o direito de aprender. Ao finalizar a jornada, não levamos apenas agendas, pilotos (pincéis) e cadernos novos. Pelo contrário, saímos cheia(o)s de expectativas de que o ano letivo que efetivamente vai iniciar seja um tempo de recomeço, de esperança e de novas travessias.

Os anos podem passar, mas o sentimento de iniciar mais um ano gera ansiedade em todas as pessoas que convivem no ambiente escolar. Ficamos na expectativa de preparar um momento de acolhimento, como também programações especiais, seja para o primeiro dia, seja para a primeira semana de aula e para o ano todo letivo. Muitas vezes, compramos, com o nosso próprio salário, balas, balões e chocolates. E é bem provável que você conheça um ou muitos professora(e)s espalhada(o)s por aí, da rede pública, ou da rede privada que mantêm esse costume. Sem falar daqueles que são dotados de habilidades artísticas e que capricham nas lembrancinhas e nos painéis de boas-vindas.

Mas no início do ano letivo de 2020, tudo foi diferente. De repente, ficamos perdida(o)s com o que estava por vir e diante de uma enxurrada de reportagens, não

se falava mais em outra notícia, ora nos jornais, ora nas rodas de conversa entre amigos e familiares, seja entre os colegas de trabalho, tudo era sobre a tal pandemia de COVID-19 que segundo dados do Ministério da Saúde é:

uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARSCoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (Brasil², 2021b, on-line)

Por mais assustada(o)s, apreensivas(os), acredito que, naquele momento inicial, não tínhamos a real dimensão da gravidade do mal que estava por vir. Ainda conforme dados do Ministério da Saúde, foi em 26 de fevereiro de 2020, a confirmação do primeiro caso do Coronavírus. Desde então, centenas de pessoas com sintomas gripais começaram a ficar em observação/ isoladas para que o vírus não se espalhasse. A primeira morte confirmada no Brasil foi em 12 de março de 2020. Assim, no dia 18 de março, recebemos a notícia de que a escola iria fechar por quinze dias. Isso não aconteceu somente no Colégio Estadual do Junco que paralisou as suas atividades, mas em todas as escolas da rede estadual da Bahia, bem como em todas as escolas de Jacobina-BA, e nas escolas de todo o país. Essa foi uma medida que tinha o propósito de evitar a proliferação do vírus.

Entretanto, em 30 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde- OMS declarou estado de emergência de saúde pública por conta do SARS-COV-2, vírus causador da COVID 19, oficializando ainda no mês de março, o estado de pandemia, termo utilizado quando ocorre um grande surto que afeta uma região e se propaga por diferentes continentes mediante a transmissão de pessoa para pessoa. Assim, a rotina de milhares de pessoas mudou.

De repente, profissionais de todas as áreas do conhecimento, foram obrigados a ingressar, de forma mais efetiva, no mundo virtual, ou seja, todas as atividades passaram a ser realizadas por meio de TDIC. O novo contexto, obrigou-nos a nos mantermos online para trabalhar, adquirir produtos e serviços e, até mesmo, nos relacionar com pessoas, com as quais convivíamos diariamente de forma presencial. Na educação, como nas demais áreas, se tornou urgente buscar alternativas para dar continuidade ao processo educativo e às rotinas escolares. É factual que a pandemia causada pela ameaça do COVID-19, trouxe à tona uma carência na formação docente no tocante ao uso das TDIC (Queiroz, 2021 p.16).

Diante desse novo cenário, a população precisou se recolher dentro de seus lares. E as saídas de casa se tornaram exclusivamente para atividades essenciais, tais como: idas ao supermercado, à farmácia e aos hospitais. Assim, a escola também

² Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

precisou se recolher diante do caos que começávamos a viver e do número crescente de pessoas infectadas. Parecia que estávamos dentro de um pesadelo do qual queríamos acordar para ver se ficávamos livres do vírus, da doença e das mortes.

A situação da pandemia se tornou bastante grave com um elevado número de pessoas contaminadas e mortes decorrentes da doença, ocasionadas, principalmente, pela falta de planejamento e coordenação do governo federal que impactou negativamente na condução de políticas sanitárias nacionais. Além disso, o presidente em exercício negou, desde o princípio, a gravidade da pandemia e os resultados das pesquisas científicas e incentivou medidas contrárias à prevenção da contaminação, como o uso de máscaras e o distanciamento físico, atuando também com descaso em relação à vacinação (Milliet, 2022 p. 18).

Mas o pesadelo foi longo demais e deixou sequelas irreversíveis. Muitas vidas foram ceifadas, muitas famílias perderam seus entes queridos. Além das inúmeras consequências para a economia durante esse período. Na verdade, todas as esferas sociais foram atingidas. Como nos explica Arruda (2020), o isolamento social promoveu transformações econômicas severas imediatas, com a parada obrigatória de inúmeros setores. Esse cenário mudou também a realidade das escolas de todo o país, alterando toda rotina de atividades docente.

Percebe-se que o contexto de pandemia impôs aos docentes uma profunda reorganização de suas rotinas de trabalho. A barreira física entre trabalho e vida familiar, no domicílio, deixou de existir e, na maioria das vezes, forçou improvisações diversas ao cotidiano familiar e doméstico, para permitir a estrutura mínima necessária às atividades de ensino-aprendizagem. A remodelagem das formas de exercer a docência e a revisão aguda dos tempos de trabalho e de vida familiar produziram consequências negativas expressivas na saúde física e mental do docente. O escasso tempo diário dedicado ao descanso e altas proporções de qualidade de sono ruim foram algumas das situações de saúde identificadas no contexto da pandemia (Winters, Nogueira, Heidemann, Durand, 2023, p. 06).

Como vimos, a pandemia da COVID-19 gerou mudanças significativas e profundas em toda a sociedade. Provocando impactos culturais, econômicos e sociais. E na educação esse cenário não foi diferente. Ocorre que justamente por ser um lugar que promove transformação de vidas e não um espaço de proliferação do vírus, a escola precisou recuar, a escola precisou “fechar as suas portas”. Algo inimaginável em outros tempos. A comunidade escolar foi trancada, silenciada e transportada para espaços desconhecidos e virtuais e ampliando as desigualdades de oportunidades entre as/os jovens.

No ano de 2020, com a pandemia da Covid-19 que assolou o mundo, ocorreu o fechamento das escolas públicas e privadas, num ato emergencial de isolamento social. Gestores, professores e pais vivenciaram um modelo de

educação para o qual ninguém estava preparado. As aulas foram improvisadas, na tentativa de manter o calendário escolar, criando plataformas de videoconferência e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), contribuindo para escancarar as diferenças sociais do aluno da rede pública. **É importante salientar que os estudantes de baixa renda são os mais prejudicados nesse período pandêmico, por inúmeras razões** (Souza, 2022 p.42 grifo meu).

O fato é que não estávamos preparada(o)s para enfrentar a COVID-19. A princípio ninguém sabia o que pensar, ninguém sabia como agir, quais medidas precisariam ser tomadas para a escola poder continuar. Foi tudo intempestivo. E a escola precisou se reinventar. Uma vez que a escola é um espaço de vida, é um espaço de construção e (des)construção constante. Eis que nasce o chamado ensino remoto, que gerou ainda mais incertezas, conforme nos relata Morales (2020):

Adaptar-se a uma nova rotina não é tão simples para muitos alunos, que relatam problemas com ansiedade e sono desregulado. A situação e o contexto do ensino remoto fazem com que os estudantes se sintam ligados o tempo todo. Além disso, muitos deles, em situação de vulnerabilidade, precisaram acrescentar atividades domésticas no seu dia a dia (Morales, 2020, p.11).

E nesse universo de dúvidas e incertezas que se instalou em todo o mundo e que permeou também o contexto escolar, foi adotado como medida de segurança diante do número crescente de mortes e até da falta de leitos de UTIs para atender a alta demanda de pessoas. Dessa forma, a alternativa adotada para a educação continuar foi o chamado ensino remoto, pensado como uma solução para não deixar as/os estudantes sem acesso à educação.

Diante dessa nova realidade as/os professoras(es) foram desafiadas(os) a encarar o mundo digital como ferramenta indispensável para o desenvolvimento das suas atividades laborais. As dúvidas, as inquietações, as angústias, nesse momento, foram inúmeras. A princípio, era uma situação extremamente atípica, nenhuma educadora, aluna (o), gestora (o) já tinham enfrentado uma pandemia. Não havia manual, não havia livros falando sobre como ser professora em tempos de pandemia.

Mas como a escola é um espaço também de re(construção), logo percebemos que não haveria a chance do retorno das aulas presenciais por um longo período de tempo. Foi então que o chamado ensino remoto se instalou por quase dois anos, quando a mediação das aulas passou a ser por meio das plataformas virtuais que, conseqüentemente, demandaram o uso de tecnologias diversas.

Desse modo, as professoras e professores desse país precisaram de forma intempestiva ressignificar as práticas pedagógicas, uma vez que o novo cenário, a nova modalidade e o novo formato de aula exigiram a adoção de novos caminhos metodológicos. Dentre essas mudanças tornou-se necessário nos alinharmos com as tecnologias digitais.

Entretanto, observou-se um outro problema, visto que a utilização dos recursos tecnológicos nos espaços escolares sempre foi muito escassa, principalmente no âmbito da escola pública, onde é comum encontrarmos laboratórios de informática fantasmas espalhados por unidades escolares. Situações como essas foram passando despercebidas por anos, sem um debate mais profundo sobre a importância da formação docente voltada para as tecnologias digitais. Sendo importante observar que:

Há uma parcela dos docentes que não empregava a tecnologia em sala de aula antes do isolamento social, não estando familiarizados com uso da tecnologia com objetivos pedagógicos, pois a maioria não teve formações adequadas para o uso dessa como instrumento norteador do processo de ensino (Alves, Leite, Ferreira, Farias, 2020, p. 4).

É válido ressaltar que no âmbito educacional sempre aconteceu uma certa resistência para o uso das tecnologias pois, historicamente, não recebemos formação para estarmos preparados para utilizar as tecnologias digitais em sala de aula e, conseqüentemente, vamos deixando o aprendizado desse conhecimento à margem, seja por insegurança e/ou por desconhecimento no manuseio de recursos tecnológicos. Assim, sem nos darmos conta, colaboramos para que a exclusão digital seja propagada, conforme nos explica Sorj (2003), a:

Exclusão digital depende de cinco fatores que determinam a maior ou menor universalização dos sistemas telemáticos: a existência de infraestruturas físicas de transmissão; a disponibilidade de equipamento/ conexão de acesso (computador, modem, linha de acesso); treinamento no uso dos instrumentos do computador e da internet; capacitação intelectual e inserção social do usuário, produto da profissão, do nível educacional e intelectual e de sua rede social, que determina o aproveitamento efetivo da informação e das necessidades de comunicação pela internet; a produção e uso de conteúdo específicos adequados às necessidades dos diversos segmentos da população (Sorj, 2003, p.62).

Assim sendo, torna-se salutar compreender a relevância dos letramentos digitais e como esse tornou-se essencial nesse novo formato de ensino/aprendizagem, bem como na vida cotidiana. Para garantir o direito de aprendizagem, a escola precisou repensar a sala de aula, refletir sobre o novo formato

de ensinar, de aprender e de reconfigurar conceitos e práticas. E com a emergência da situação, docentes e aprendizes precisaram encarar as tecnologias digitais e as novas formas de interação e até mesmo novos gêneros e formatos textuais, já que foi preciso adotar o ensino remoto para a educação continuar.

Nesse sentido, a escola, de fato, deixou aflorar o seu papel solidário e também revolucionário, já que foi preciso unir forças para tentar sanar não apenas as dificuldades relacionadas às tecnologias digitais, como também minimizar os impactos para com aquela(e)s que foram impedidos, excluídos de acompanhar as aulas na modalidade remota.

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. E na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em *youtubers* gravando videoaulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom* (Moreira, Henrique e Barros, 2020, p.352).

Diante do exposto, busco, por meio da realização da presente pesquisa, compreender de que modo a presença/ausência do chamado letramento digital impactou nas vivências e nas práticas pedagógicas das/dos docentes do Colégio Estadual do Junco/Anexo Paraíso durante o contexto pandêmico da COVID-19. Vale ressaltar que este trabalho coaduna com o entendimento de que letramento digital, em especial no período pandêmico, se refere ao desenvolvimento de habilidades que possibilitem aos docentes e discentes compreenderem e produzirem variados gêneros e tipos textuais em ambientes digitais, participando de modo crítico deste ambiente imposto pela situação sanitária que vivenciamos por cerca de dois anos (Coscarelli, 2012; Ribeiro, 2008; Soares, 2002).

1.4 OBJETIVO GERAL DO PRESENTE ESTUDO

Analisar de que modo a ausência/ presença dos (multi)letramentos digitais impactou nas vivências e nas práticas pedagógicas mediante a adoção do ensino remoto implementado durante a pandemia da COVID-19, em um Colégio Estadual da Rede Pública no interior da Bahia.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever os impactos no processo de mudança de rotina vivenciada pelas docentes mediante a transição do ensino presencial para o ensino remoto no Colégio Estadual de Junco durante o período de isolamento instaurado pela pandemia da COVID-19;
- b) Verificar em que medida o processo formativo docente antes e durante o período pandêmico contribuiu com as práticas de letramento digital;
- c) Investigar como os docentes experienciaram os letramentos digitais durante o período pandêmico a fim de compreender os desafios e conquistas alcançados durante o formato de ensino remoto;
- d) Refletir sobre as implicações/ transformações nas práticas pedagógicas dos docentes do Colégio Estadual de Junco após o retorno do período remoto para o presencial, a respeito da (in)existência dos letramentos digitais.

1.6 PERGUNTAS SULEADORAS

O desafio de enfrentar a pandemia diante do isolamento social e o medo da contaminação da doença foi um período extremamente difícil. Adaptar-se à nova rotina exigiu a adoção de uma nova dinâmica no processo de ensinar e aprender. Paratanto, a presente pesquisa está direcionada pelas seguintes Perguntas suleadoras³:

1. De que modo a rotina das/dos docentes foi impactada mediante a transição do ensino presencial para o ensino remoto na vida dos docentes do Colégio Estadual de Junco durante o período de isolamento instaurado pela pandemia da COVID 19?
2. Como a formação docente inicial e/ou continuada possibilitaram o desenvolvimento do letramento digital nas aulas do Colégio Estadual de Junco?

³ Segundo Silva Junior (2022), O primeiro autor a utilizar o termo “sulear” pela primeira vez foi o físico brasileiro Marcio D’Olive Campos a fim de marcar uma posição crítica a ideologia do “nortear” quando aplicada no Sul. Noutras palavras, Campos questiona e questiona e reflete acerca dos modos como certos conceitos espaciais foram determinados sob a ótica de países ditos “centrais” no mundo, países que, desde seus pontos de vista, Acabaram por produzir uma lógica científica, humanística, artística etc. homogeneizadora e, por isso mesmo, excludente. Desse modo, escolheu-se utilizar esse termo afim de dar visibilidade à perspectiva do Sul e ir de encontro ao padrão dominante eurocêntrico que apresenta o norte como referência universal.

3. Como as docentes experienciaram o letramento digital durante a adoção do ensino remoto?
4. Quais atividades pedagógicas foram desenvolvidas durante o período pandêmico e que foram incorporadas para a modalidade presencial atual?

1.7 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: ATRAVESSAMENTOS

É interessante explicar de que maneira será registrada e organizada a nossa travessia durante a realização desta pesquisa. Por entender que o processo de ensino/aprendizagem é um ato de constante movimento e diálogo e que a presente pesquisa é de cunho qualitativo, me propus a estudar ainda mais sobre tecnologias, letramentos, ensino remoto de modo a compreender a temática de maneira mais profunda. Ademais, devido ao caráter dinâmico de estar inserida na pesquisa como pesquisadora e participante, pretendo trazer à luz as discussões e problemáticas que serão desveladas ao longo do percurso a ser realizado.

Desse modo, a dissertação apresenta seis capítulos, bem como referências, anexos e apêndices. O primeiro capítulo, de maneira introdutória, contém o objetivo geral da pesquisa, objetivos específicos, a justificativa sobre a importância de deixar registrado as vivências de como foi ser professora numa pandemia da Covid-19 diante da adoção do ensino remoto. Seguido da apresentação das perguntas norteadoras e de como foi organizado o presente trabalho.

No segundo capítulo, rememoro e discorro sobre o Brasil na Pandemia, essa navegação que ficou à deriva. Assim abordo de que modo ocorreu o “naufrágio” durante o período pandêmico em nosso país e no estado da Bahia, apresentando as implicações e consequências da gestão federal e estadual no período de maior crise humanitária e sanitária mundial e o impacto na educação.

Já no terceiro capítulo intitulado “E a escola não parou, enfrentando o *tsunami* do ensino remoto”, apresento as tecnologias digitais como uma grande aliada no cenário educacional. Sendo assim, destaco os letramentos na pandemia e descrevo de forma sucinta a pedagogia dos multiletramentos, novos letramentos e com mais detalhes o que significa o letramento digital, bem como discorro sobre os (multi)letramentos e os documentos oficiais da educação brasileira. Também informo com qual definição este trabalho coaduna.

No quarto capítulo, apresento a rota metodológica bem como justifico a escolha pela pesquisa qualitativa sob a ótica da autoetnografia e dos estudos da memória, tendo em vista que abordo o contexto de desafios de como foi ser professora e professor na pandemia da Covid 19 e a relação com o processo de ensino e aprendizagem na modalidade remota. Desse modo, discorro de que modo ocorreu essa navegação e quais as navegantes aceitaram embarcar juntamente comigo nas águas desta pesquisa.

No quinto capítulo, apresento os registros das narrativas memorialísticas de um período pandêmico, por meio das memórias, constatações e reflexões, com base em algumas categorias de análise, sendo crucial trazer à tona o que revelam as sujeitas participantes da pesquisa e os mares navegados até aqui. E, por fim, no sexto e último capítulo apresento as considerações finais, onde apresento de forma sintética as discussões e análises acerca dos questionamentos que foram realizados ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

2. O BRASIL NA PANDEMIA: A NAVEGAÇÃO QUE FICOU À DERIVA

Figura 01- Bricolagem



Fonte: Imagens de jornais organizadas pela pesquisadora

Na condição de pesquisadora participante desta pesquisa que viveu as dores de ser professora numa pandemia, deixo registrado neste capítulo as memórias de um período histórico que ficará eternamente marcado para quem sobreviveu e enfrentou a Covid-19. Rememoro como foi difícil e doloroso enfrentar esse mau tempo Brasil, na Bahia e em Jacobina-BA, sob um recorte de reportagens, portarias, decretos que foram publicados durante o contexto pandêmico. Por isso, inicio com uma poesia de autoria do poeta cearense Bráulio Bessa, a fim de que possamos fazer uma singela homenagem à memória de todas as vítimas que faleceram em virtude da Covid 19. Além disso, faço aqui algumas indagações: Quantos amores de tantas

famílias foram embora!? Quantas mortes poderiam ter sido evitadas se o nosso país não tivesse ficado à deriva?

Inumeráveis

(Bráulio Bessa)

Andre Cavalcante era professor amigo de todos e pai do Pedrinho.
O Bruno Campelo seguiu seu caminho.
Tornou-se enfermeiro por puro amor.
Já Carlos Antônio, era cobrador.
Estava ansioso pra se aposentar.
A Diva Thereza amava tocar seu belo piano de forma eloquente.
Se números frios não tocam a gente espero que nomes consigam tocar.

Iramar Carneiro, heroi da Estrada foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.
Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene uma mãe dedicada.
Lenita Maria, era muito animada baiana de escola de samba a sambar
Margarida Veras amava ensinar era professora bondosa e presente.
Se números frios não tocam a gente

Elaine Cristina, grande paratleta fez três faculdades e ganhou medalhas
Felipe Pedrosa vencia as batalhas
Dirigindo Uber em busca da meta.
Gastão Dias Junior, pessoa discreta na pediatria escolheu se doar
Horácia Coutinho e seu dom de cuidar De cada amigo e de cada parente.
Se números frios não tocam a gente

Raimundo dos Santos, um homem guerreiro
O senhor dos rios, dos peixes também
Salvador José, baiano do bem
Bebia cerveja e era roqueiro.
Terezinha Maia sorria ligeiro
cuidava das plantas, cuidava do lar
Vanessa dos Santos era luz solar
mulher colorida e irreverente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial
pra netos e filhos fazia banquete.
Yvonne Martins fazia um sorvete
Das mangas tiradas do pé no quintal
Zulmira de Sousa, esposa leal
falava com Deus, vivia a rezar.
O X da questão talvez seja amar
por isso não seja tão indiferente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

2.1 O NAUFRÁGIO NO BRASIL: PANDEMIA E GENOCÍDIO

A tempestade foi oficialmente declarada no dia 11 de março de 2020, quando a OMS- Organização Mundial de Saúde decretou o estado de pandemia do Coronavírus, provocado pelo vírus Sars-Cov-2, causador da doença da Covid-19. Ainda segundo a própria OMS, o estado de pandemia é decretado quando há a disseminação mundial de uma nova doença e espalha-se por diferentes continentes devido à transmissão de pessoa para pessoa. A figura abaixo retrata esse momento.

Figura 02- Organização Mundial de Saúde declara pandemia de Coronavírus



Fonte: G1, março de 2020 ⁴

Segundo dados do Ministério da Saúde, a doença provocada pelo SARS-CoV-2, pode apresentar casos assintomáticos por meio de manifestações clínicas mais leves até quadros graves. O vírus provoca febre, tosse e em inúmeras pessoas, uma grande dificuldade respiratória. Geralmente causa maiores complicações em pessoas com doenças preexistentes como diabetes, hipertensão e também em pessoas idosas com mais de sessenta anos. Essas informações foram repetidas inúmeras vezes em diferentes meios de comunicação e por todo o mundo. No entanto, apesar dos alertas, o vírus tomou proporções devastadoras.

⁴Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>

Figura 03- Primeira morte por coronavírus no Brasil



Fonte:G1,junho de 2020⁵

A primeira morte no Brasil pelo coronavírus ocorreu em 12 de março de 2020, conforme dados divulgados pelo Ministério da Saúde. A primeira vítima foi uma mulher de 57 anos, moradora de São Paulo, que se chamava Rosana Aparecida Urbano. Quando releio essa reportagem da figura 02 acima retratada, que na época foi compartilhada no grupo da família, ainda consigo lembrar do temor que senti. Parece que a gente começava a sentir a gravidade dessa tempestade que estava por vir. Contudo, ainda não imaginávamos, naquele momento, que tantas vítimas iriam ser assoladas e ceifadas pela Covid-19.

Vale também destacar que a última pandemia decretada anteriormente pela OMS ocorreu em junho de 2010, causada pelo vírus H1N1. Acredita-se que o vírus veio do porco e de aves, e o primeiro caso ocorreu no México. Muitas mortes foram registradas, totalizando cerca de 300 mil pessoas vítimas do H1N1.

Toda vez que eu preciso rememorar como surgiu a pandemia da COVID- 19, confesso que ainda é um processo muito doloroso. Como foi cruel e sofrido enfrentar esse mau tempo. O ano de 2020, era para mim, um ano muito esperado. Foi de fato um ano sonhado, planejado e aguardado por dez anos, pois eu o tinha escolhido para o nascimento de um dos meus bens mais preciosos: a minha segunda filha.

⁵(Fonte:<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Visto em 15/03/2023)

Durante todas as premonições do mau tempo que estava por vir, eu estava grávida. A minha filha nasceu justamente no dia 25 de março de 2020. No estopim da pandemia, o clima era de verdadeiro terror. O comércio da cidade, bem como todos os órgãos, escolas, restaurantes encontravam-se fechados em virtude dos decretos de isolamento. Isso ocorreu não apenas em Jacobina, mas em todo o país. As ruas ficaram totalmente desertas. Assim, ao ir para a maternidade, o sentimento era de desespero. Naquele momento, o ano tão aguardado tornou-se um verdadeiro pesadelo, vide o Decreto Estadual publicado em 18 de março de 2020:

O decreto Nº 19.549 de 18 março de 2020 declara situação de emergência em todo o território baiano, afetado por doença Infeciosa Viral - COBRADE 1.5.1.1.0, conforme a Instrução Normativa do Ministério da Integração Nacional nº 02, de 20 de dezembro de 2016, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no uso da atribuição que lhe conferem os incisos V e XII do art. 105 da Constituição Estadual, o inciso VII do art. 7º da Lei Federal nº 12.608, de 10 de abril de 2012, e com fundamento no inciso II do § 1º do art. 6º da Lei Federal nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, considerando que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação, na forma do art. 196 da Constituição Federal; considerando a classificação pela Organização Mundial de Saúde, **no dia 11 de março de 2020, como pandemia do Novo Coronavírus**; considerando que a situação demanda o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar a disseminação da doença, D E C R E T A Art. 1º - **Fica declarada Situação de Emergência em todo o território baiano, em virtude do desastre classificado e codificado como Doença Infeciosa Viral - COBRADE 1.5.1.1.0**, conforme Instrução Normativa do Ministério da Integração Nacional nº 02, de 20 de dezembro de 2016, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19. Art. 2º - Fica autorizada a mobilização de todos os órgãos estaduais, no âmbito das suas competências, para envidar esforços no intuito de apoiar as ações de resposta ao desastre, reabilitação do cenário e reconstrução.

Art. 3º - Para fins do art. 1º deste Decreto, no âmbito do Poder Executivo Estadual, consideram-se serviços públicos essenciais as atividades relacionadas a segurança pública, saúde, proteção e defesa civil, fiscalização e arrecadação. Art. 4º - Fica estendido a todos os Municípios do Estado da Bahia o disposto no art. 7º do Decreto nº 19.529, de 16 de março de 2020.

Art. 5º - **Ficam suspensas, pelo período de 10 (dez) dias**, a partir da primeira hora do dia 20 de março de 2020, **a circulação e a saída, e, a partir da nona hora do dia 20 de março de 2020, a chegada: I - de qualquer transporte coletivo intermunicipal, público e privado, rodoviário e hidroviário, nas modalidades regular, fretamento, complementar, alternativo e de vans, nos Municípios de Salvador, Feira de Santana, Porto Seguro, Prado, Lauro de Freitas, Simões Filho, Vera Cruz e Itaparica; II - de ônibus interestaduais, no território do Estado da Bahia.** § 1º - Fica excepcionada a circulação de transportes rodoviários e hidroviários, públicos ou particulares, para deslocamento de trabalhadores, residentes nas Regiões Metropolitanas de Salvador e Feira de Santana ou em locais próximos aos Municípios de Porto Seguro e Prado, desde que conduzidos para o exercício de atividade profissional (Governo do Estado da Bahia, 2020, grifos meus)

Conforme o excerto do decreto acima, foi declarada situação de emergência em virtude da Covid 19 em todo território baiano em março de 2020. Dentre as medidas adotadas está a suspensão do transporte coletivo intermunicipal público e privado. Enquanto eu estava no hospital não se falava em outro assunto a não ser sobre a Covid 19. Inclusive, é oportuno destacar que o estado de calamidade no nosso país conforme expresso por meio do Decreto Legislativo nº 6, foi reconhecido após a publicação do citado decreto, em 20 de março de 2020 quando foi requerido pelo chefe do executivo para alterar e permitir a dispensa de resultados fiscais, bem como limitações de empenho. O chefe do executivo que foi tão enérgico, atento para alterar a situação fiscal e orçamentária do país, foi tão omissivo, inerte e um ser humano extremamente negacionista diante da vida de tantas brasileiras e brasileiros desse país que perderam a vida em virtude de um governo que negligenciou a gravidade do vírus. Vejamos o que preceitua o decreto abaixo:

Art. 1º Fica reconhecida, exclusivamente para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, notadamente para as dispensas do atingimento dos resultados fiscais previstos no art. 2º da Lei nº 13.898, de 11 de novembro de 2019, e da limitação de empenho de que trata o art. 9º da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, com efeitos até 31 de dezembro de 2020, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020.

Art. 2º Fica **constituída Comissão Mista no âmbito do Congresso Nacional, composta por 6 (seis) deputados e 6 (seis) senadores, com igual número de suplentes, com o objetivo de acompanhar a situação fiscal e a execução orçamentária e financeira** das medidas relacionadas à emergência de saúde pública de importância internacional relacionada ao coronavírus (Covid-19). § 1º Os trabalhos poderão ser desenvolvidos por meio virtual, nos termos definidos pela Presidência da Comissão. § 2º A Comissão realizará, mensalmente, reunião com o Ministério da Economia, para avaliar a situação fiscal e a execução orçamentária e financeira das medidas relacionadas à emergência de saúde pública de importância internacional relacionada ao coronavírus (Covid-19). (Brasil, Decreto Legislativo Nº6, 2020, grifo meu)

Convém observar que no dia 18 de março de 2020 houve não apenas a dispensa dos resultados fiscais e da limitação de empenho, bem como foi constituída a comissão mista que visava acompanhar a situação fiscal e orçamentária e financeira das medidas relacionadas à emergência de saúde. No entanto, foi evidente e notório a negligência do governo federal no combate à Covid-19. Nesse sentido, corrobora Schieber quando diz:

O que se via como conjuntura política ampliada, no quesito sanitário da pandemia e dos protocolos adequados sugeridos para o seu controle, era a

postura anticientífica, irônica, negacionista, sem empatia do representante presidencial em exercício que não seguia as recomendações da OMS e do Ministério da Saúde – que teve constantes e conturbadas mudanças de gestão, em plena negligência ao contexto brasileiro. Ele divulgava remédios que se diziam “contra o coronavírus” de forma arbitrária, injustificada, sem respaldo científico ético e embasado, e incentivava o uso de medicamentos sem eficácia comprovada pela medicina no combate à pandemia, com atraso na distribuição das vacinas de prevenção, altíssimo número demortes em todas as faixas etárias e um desestímulo ao uso de máscara deproteção. Aliás, no que concerne à falta de exemplos adequados pelos políticos nacionais, declaro que promoveram aglomerações partidárias pelo Governo Federal em 2020 e no primeiro semestre de 2021, quando a recomendação oficial à população era o distanciamento social. Enquanto isso, o Brasil chegava à marca de mais de 614 mil mortos pela COVID-19 (Schieber, 2022, p.66).

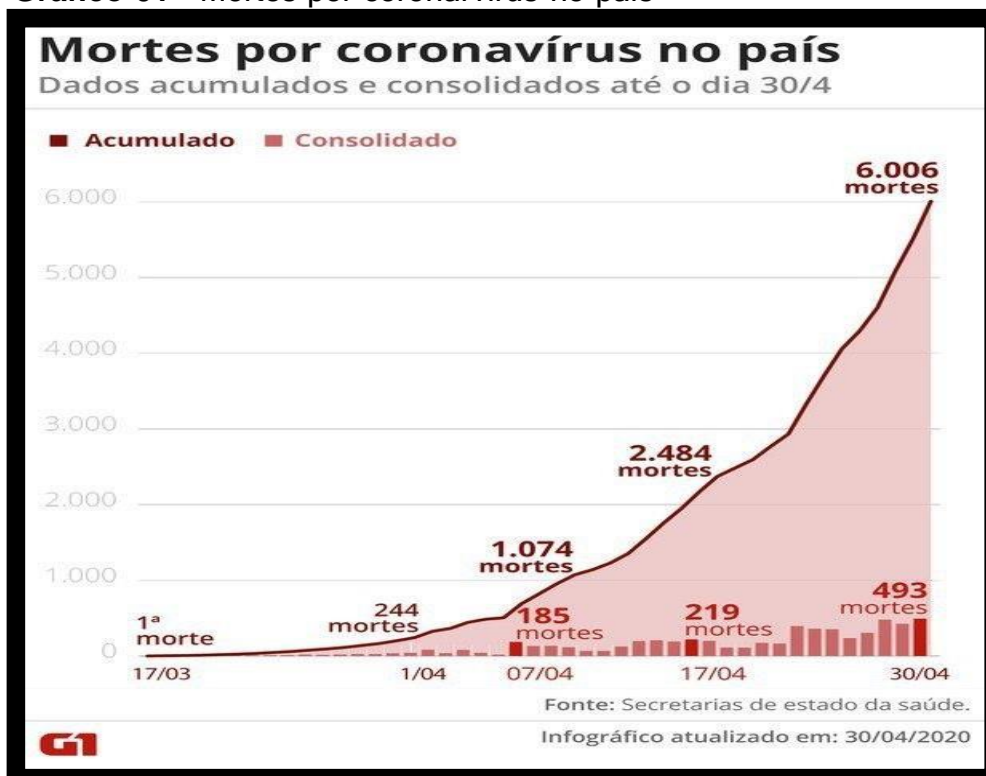
Tudo era sobre o coronavírus, ora nas redes sociais, ora nos jornais de televisão ou nos grupos de *WhatsApp*. O que a gente viveu no Brasil foi um cenário conturbado, uma gestão que negligenciou a ciência e que proferia um discurso doentio contra máscaras e vacinas. Por essa razão, considero extremamente necessário que os dados aqui apresentados fiquem registrados para além das nossas memórias e que essas sejam de certa forma materializadas para que daqui a alguns anos a gente possa também rememorar tudo aquilo que vivemos em um período pandêmico sob a ótica dos dados coletados a fim de nunca permitir que coisas semelhantes ocorram no futuro. Destarte, trago um excerto de mais um decreto do estado da Bahia para ilustrar os que estávamos vivenciando naquele momento.

DECRETO Nº 19.528 DE 16 DE MARÇO DE 2020 Institui, no âmbito do Poder Executivo Estadual, o trabalho remoto, na forma que indica, e dá outras providências. O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso V do art. 105 da Constituição Estadual, **considerando que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção**, proteção e recuperação, na forma do art. 196 da Constituição Federal; considerando a classificação pela Organização Mundial da Saúde, no dia 11 de março de 2020, como pandemia do Novo Coronavírus; considerando que a situação demanda o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar a disseminação da doença, DE C R E T A: Art. 1º - **Fica instituído, no âmbito do Poder Executivo Estadual, o trabalho remoto**, conforme atribuições regimentais, enquanto perdurar o estado de emergência em saúde causado pelo coronavírus, para: I - servidores que tenham 60 (sessenta) ou mais anos de idade; II - servidores que tenham histórico de doenças respiratórias e doenças crônicas; III - servidoras grávidas; IV - servidores que utilizam medicamentos imunossupressores (Governo Do Estado Da Bahia, 2020).

Por meio do decreto nº 19.528 de março de 2020, o governo do estado da Bahia, visando evitar a disseminação da doença, instituiu o trabalho remoto a fim de controlar os riscos da doença para os servidores que detinham histórico de doenças respiratórias e doenças crônicas e também para os maiores de sessenta anos. Uma vez que os idosos estavam na faixa etária de maior risco de vida ou de agravamento da doença. Contudo, constata-se que os decretos federais opõem-se aos do executivo. Assim, enquanto o governo federal descredibiliza a gravidade do vírus, o governador da Bahia foi mais enérgico ao enfrentamento do vírus. Percebe-se com clareza que existiu uma maior sensibilidade e preocupação no combate à pandemia da Covid-19 no estado da Bahia, o que foi comprovado diante das leituras e análises das resoluções e portarias publicadas. No entanto, apesar de medidas como essa adotadas no território baiano, as mortes cresceram de maneira assustadora em todo país e nem todos tiveram o privilégio de trabalhar remotamente, uma vez que o decreto se destinou aos servidores públicos da Bahia.

Ainda no mês de março de 2020, foram registrados 5.812 infectados e 202 mortes no Brasil e em um intervalo curto de tempo, no dia 30 de abril, foram confirmadas pelas secretarias estaduais mais 6.006 mortes. Conforme podemos observar no gráfico 01 apresentado a seguir:

Gráfico 01 - Mortes por coronavírus no país



Fonte: G1, abril de 2020⁶

Também é pertinente trazer à memória que em maio de 2020, o Brasil já ocupava o segundo lugar no *ranking* dos países com mais casos confirmados, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. E a situação pandêmica do nosso país foi ficando cada vez mais grave. As secretarias estaduais de Saúde confirmavam diariamente dados alarmantes tanto do número de vítimas fatais, bem como registravam um número crescente de pessoas que foram acometidas com a doença da COVID-19. O ambiente provocado pela pandemia foi de fato caótico, estressante e atingiu a todas as pessoas.

Todos os países precisaram adotar estratégias de combate ao alto contágio provocado pelo vírus. No entanto, o nosso país apresentou condutas bastante controversas. Por aqui, não existiu por parte do Governo Federal a adoção de nenhuma conduta que sensibilizasse a população sobre os riscos de contaminação e prevenção da COVID-19. Ao invés disso, como afirma Petronílio (2022, p.42), “...os dias de nojo, também, nos mostraram o quanto o ser humano é capaz das piores atrocidades, mesmo que em meio a uma crise mundial de saúde. A gente acompanhou diariamente a omissão de um governo atroz”. Nesse sentido, Caponi (2020), dizia que a pandemia era uma “fantasia”. Chegou inclusive a dizer que a situação era uma “histeria” e que o Brasil precisaria voltar ao normal.

Entretanto, muitos foram os alertas emitidos pelos pesquisadores do Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2021), como demonstra o trecho abaixo:

A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros. Além disso, a necessidade de ações para contenção da mobilidade social como isolamento e quarentena, bem como a velocidade e urgência de testagem de medicamentos e vacinas evidenciam implicações éticas e de direitos humanos que merecem análise crítica e prudência. Partindo-se da

⁶(Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/30/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-30-de-abril.ghtml>. Visto em 13/04/2023.)

perspectiva teórica de que as enfermidades são fenômenos a um só tempo biológicos e sociais, construídos historicamente mediante complexos processos de negociação, disputas e produção de consensos, objetivo das atividades deste eixo envolve compreender e responder parcialmente aos desafios colocados pela pandemia, organizando uma rede de pesquisadores do campo das ciências sociais e humanidades visando a investigação, resposta e capacitação como estratégias para o enfrentamento do Covid-19 no Brasil⁷ (Fiocruz, 2023).

O número de infectados e mortos em virtude da pandemia cresceu de forma descontrolada. Pesquisadores de todo o mundo se debruçaram nos estudos para combater o vírus. A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis. Diante do caos instaurado pela pandemia da COVID 19, é importante trazer à tona mais informações sobre o presidente que estava no comando da navegação chamada Brasil.

Desde o início da crise sanitária, o então presidente deu entrevistas a jornalistas e se pronunciou em redes sociais com certo desdém em relação à gravidade da doença, o que acarretou em falta de medidas a contento que pudessem minimizar a propagação do vírus no Brasil. (Lima, 2022, p. 89)

O nosso país ficou à mercê de uma pessoa que nunca se comoveu com o quantitativo de pessoas que foram mortas e tratou com total descaso a maior crise humanitária e sanitária que vivenciamos nos últimos tempos. Durante todo esse período em que as pessoas estavam sofrendo o luto pela perda dos seus familiares, o presidente chegou a proferir palavras que zombavam da dor sentida pela população brasileira naquele momento. E acreditem, o chefe do executivo do nosso país que deveria estar preocupado em promover medidas de enfrentamento ao Covid 19, chegou a dizer que não era “coveiro” em uma entrevista em rede nacional transmitida para milhões de brasileiros, quando perguntado pelo grande número de mortes em nosso país.

⁷(Fonte: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Visto em 30/05/2023)

Figura 04- Bolsonaro ataca vacinação



Fonte: G1

Figura 05- Bolsonaro diz: “Não sou covheiro



Fonte: CNN

E as aberrações proferidas pelo tal “comandante” durante o período pandêmico enquanto milhares de pessoas morriam foram diversas. Além de demonstrar ser uma pessoa desumana, insensível, tratou com total descaso o número de vítimas. O tal presidente questionou a vacinação e a comprovação da eficácia das vacinas. Além de fomentar um discurso de descredibilização da ciência, promoveu um ataque direto às campanhas de vacinação, bem como atrasou e negligenciou a compra de vacinas, incitando de forma escancarada uma campanha anti-vacina por onde passava.

Figura 06- Apoiadores de Bolsonaro usam desinformação para atacar vacinação infantil



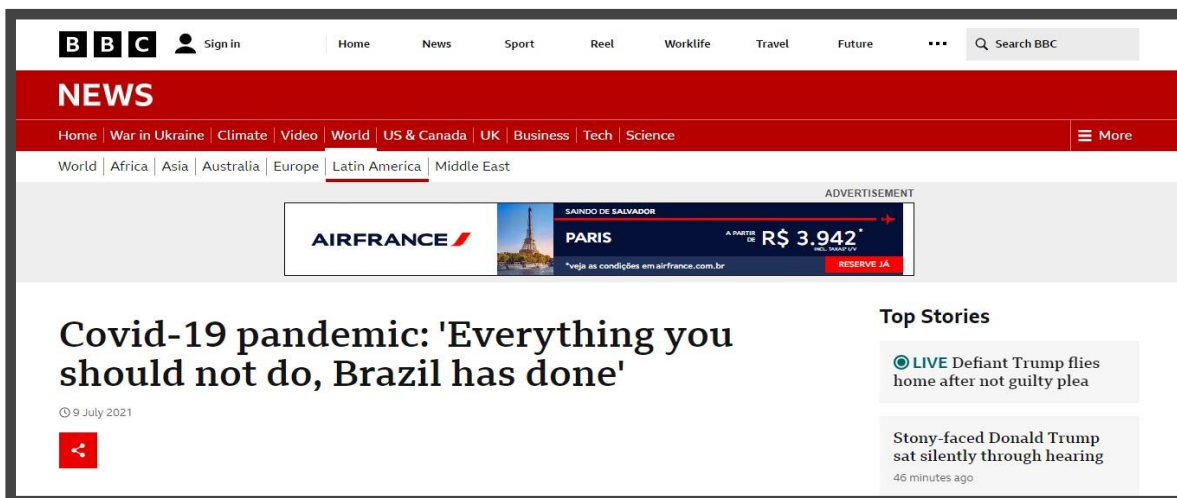
Fonte: UOL, janeiro de 2021⁸

E o nosso país pagou um preço alto por essa condução irresponsável. Segundo o Conselho Nacional de Saúde (CONASS), o Brasil registrou até janeiro de 2023 o número de 694.192 mil mortes. Enquanto os países que reconheceram a gravidade do vírus da Covid-19 e adotaram medidas preventivas de maneira a evitar a proliferação do vírus, tiveram resultados positivos mesmo diante da letalidade do vírus.

Inclusive, segundo os dados da Johns Hopkins (2021), o Brasil chegou a ocupar o topo no *ranking* de países com mais número de mortes, e considerado o pior país na gestão da pandemia. Enquanto a Nova Zelândia apareceu em primeiro lugar no *ranking* dos países que melhor administraram a pandemia.

⁸Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/14/apoiadores-de-bolsonaro-usam-desinformacao-para-atacar-vacinacao-infantil.htm>. Visto em: 30/05/2023.

Figura 07 - Tudo o que você não deve fazer, o Brasil fez



Fonte: BBC, julho de 2021⁹

Figura 08 – Bolsonaro defende o uso da cloroquina



Fonte: O Globo, maio de 2021¹⁰

De acordo com Galvão e Saviani (2021):

O governo Bolsonaro não apenas foi omissivo e irresponsável como pode ser classificado como genocida, pois nem mesmo aplicou os recursos aprovados pelo Congresso Nacional destinados ao combate ao novo coronavírus; desperdiçou mais de 1,5 milhão de reais de dinheiro público investindo na ampliação da produção de cloroquina pelo Laboratório Farmacêutico do Exército, sendo este medicamento sabidamente ineficaz ao tratamento da Covid 19; tratou a pandemia com pouco caso, desrespeitando normas sanitárias e minimizando a gravidade da doença; deixou a população à própria sorte para morrer nos hospitais; além de colocar o Brasil como líder

⁹ (Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-57733540>. Visto em 30/05/2023.)- “Tudo que você não deve fazer, o Brasil fez.”

¹⁰Fonte:<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Visto em: 30/05/23.

mundial de enfermeiros e enfermeiras falecidos em decorrência do SARS-COV-2 (Galvão; Saviani, 2021, p. 37).

O Brasil teve um governo genocida. Os dados do Ministério da Saúde, no ano de 2021, foi extremamente letal e fez o país se tornar o responsável por 60% das mortes por covid de toda a América do Sul. Por isso, faço questão de deixar aqui registrado para que no futuro as pessoas que tiverem a curiosidade de ler esta dissertação saibam que não era só uma “gripezinha”, como afirmou o então presidente do Brasil.

A única atitude tomada pelo tal presidente em relação às medidas relacionadas ao Covid-19, foi a recomendação de um remédio chamado cloroquina, que não tinha nenhuma comprovação de eficácia, além de apresentar ainda altos riscos para a saúde. E o preço que toda a população brasileira pagou por atitudes irresponsáveis, negligentes foi extremamente alto e desumano. Segundo dados do jornal O Globo, publicados em 20 de maio de 2021, o ex-presidente Bolsonaro chegou a defender o uso da cloroquina em 23 discursos oficiais.

Destarte, é importante pensar nas palavras de Petronílio (2022):

Nojo é a palavra que define a sensação de ver inúmeras pessoas morrendo por uma pandemia, cuja vacinação já existe, mas, cujo governo negligencia, desmente a ciência, nega a existência do vírus, faz piada com as(os) mortas(os), se recusa a comprar os imunizantes. E, por falar em mortas(os), quantas(os) entes queridas(os) perdemos durante estes anos? Foram mais de seiscentas mil perdas irreparáveis. Nojo é a expressão que define a sensação de medo da morte, da própria morte e da morte daquelas(es) que amamos. É a palavra que expressa a sensação de lástima ao ver os cemitérios lotados, os crematórios sobrecarregados, os hospitais repletos de pessoas queridas, conhecidas e/ou desconhecidas. Trata-se de um termo que define a sensação de ver os testes de verificação da doença em falta nas clínicas, nos postos de saúde e nos hospitais. É a sensação de ver as vacinas em falta no próprio país, que também é um dos produtores do imunizante (Petronílio, 2022 p.44).

É impossível não se emocionar e ao mesmo tempo ficar enojada com todo esse período que vivemos. Por isso, deixo registrado aqui o meu repúdio, a minha indignação com a forma negacionista como foi conduzida a pandemia da COVID -19 no nosso país, principalmente durante os anos de 2020 e 2021. Enquanto eu viver, carregarei as tristes lembranças de um período caótico. Será impossível esquecer as cenas dos hospitais superlotados, das covas infinitas sendo abertas nos cemitérios espalhados pelo país afora, pessoas sendo enterradas nos sacos plásticos porque faltaram caixões diante do número crescente de vítimas. Ainda é doloroso relembrar

o quanto as vidas de tantos brasileiros e brasileiras foram tratadas com tamanho descaso.

Diante do exposto, compartilho os quadros 04 e 05, os quais foram organizados a partir dos dados coletados sobre o número de mortes ocorridas durante os anos citados, a fim de que, tenhamos uma dimensão da gravidade sobre a grande atrocidade que foi a pandemia do Coronavírus no Brasil.

Quadro 02- Mortes pelo coronavírus em 2020 no Brasil

MORTES PELO CORONAVÍRUS EM 2020 NO BRASIL	
MARÇO	244 mortes
ABRIL	5.070 mortes
MAIO	23.413 mortes
JUNHO	30.280 mortes
JULHO	32.881 mortes
AGOSTO	28.906 mortes
SETEMBRO	22.571 mortes
OUTUBRO	15.932 mortes
NOVEMBRO	13.236 mortes
DEZEMBRO	18,5 mil mortes

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com dados que foram coletados nos sites do G1 e CNN

Quadro 03- Mortes pelo coronavírus em 2021 no Brasil

MORTES PELO CORONAVÍRUS EM 2021 NO BRASIL	
JANEIRO	21.811 mortes
FEVEREIRO	30.484 mortes
MARÇO	66.573 mortes
ABRIL	82.266 mortes
MAIO	59.010 mortes
JUNHO	32.623 mortes
JULHO	33.660 mortes
AGOSTO	24.088 mortes
SETEMBRO	16.275 mortes
OUTUBRO	11.075 mortes
NOVEMBRO	6.894 mortes
DEZEMBRO	3282 mortes

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com dados que foram coletados no site do G1 e CNN.

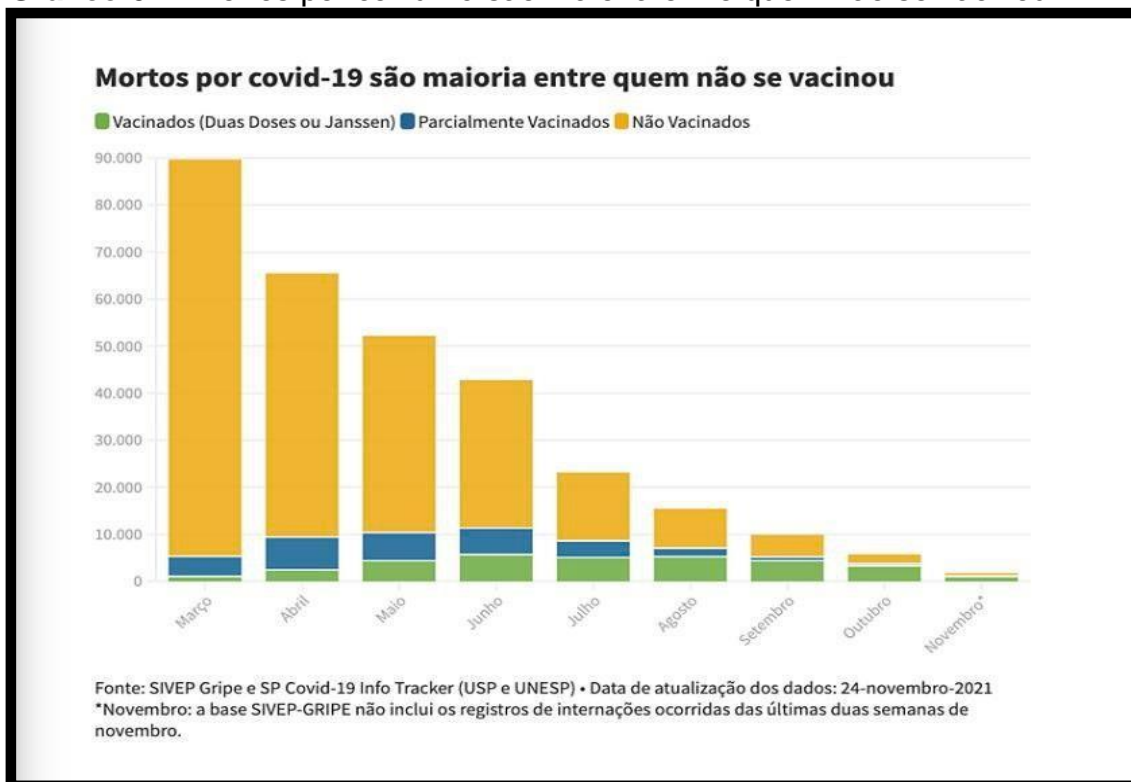
Ao analisar os dados, ver o número de mortes ocorridas vítimas da COVID-19, fico reflexiva ao pensar e rememorar as circunstâncias em que vivemos durante todo o período pandêmico. Nesse contexto, é oportuno salientar que diante da omissão do governo federal, o Supremo Tribunal Federal autorizou o Distrito Federal, estados e

municípios a comprar as vacinas aprovadas pela Anvisa a fim de dar maior liberdade aos estados para combater e enfrentar a COVID -19.

Diante de tudo que vivemos, faço, portanto, os seguintes questionamentos: 1) Como existiram pessoas que pareciam não sofrer nesse período, fazendo festas e aglomerando? 2) Como teve tanta gente que comungou com os ideais anti-vacinas?

3) Como pessoas tiveram a coragem de dizer que esse vírus era apenas uma “gripezinha”? O fato é que famílias em todo o mundo, em todo país foram devastadas.

Nesse sentido, é importante lembrar os dados que são apresentados pelo El país (2021), acerca de uma pesquisa coordenada pela jurista Deisy Ventura, considerada uma pesquisadora em pandemias e em direito Internacional da Universidade de São Paulo-USP que, juntamente com outros professores também da USP, apresentam uma linha do tempo acerca do período pandêmico durante a gestão de Jair Bolsonaro, no qual defendem a tese que o ex-presidente violou o Código Penal ao utiliza e defender argumentos negacionistas de cunho ideológico e político ao descredibilizar a ciência, a eficácia da vacina e propagando equivocadamente um discurso em prol de medicamentos sem qualquer comprovação científica, como a hidroxicloroquina. O discurso do presidente fez muitos adeptos e muitas pessoas deixaram de se vacinar e acabaram sendo vítimas letais da Covid-19. Segundo o Instituto Butantan (2021), após levantamento realizado pela plataforma de monitoramento Infotracker, que revelou que as mortes por Covid-19 foram majoritariamente de pessoas não vacinadas. Conforme pode ser confirmado no gráfico, entre as pessoas que tomaram as duas doses da vacina, a incidência de morte foi bem inferior em relação aos não vacinados.

Gráfico 02 - Mortos por covid-19 são maioria entre quem não se vacinou

Fonte: SIVEP Gripe e SP Covid-19 Info Tracker (USP e UNESP). Data de atualização dos dados. 24-novembro-2021. Novembro: a base SIVEP-GRIPE não inclui os registros de internações ocorridas das últimas duas semanas de novembro.

E na educação, esse cenário caótico não foi diferente. Se o poder executivo tratou com desdém o número de mortes que não paravam de crescer, já podemos ter uma dimensão do quanto o poder executivo foi negligente e despreparado também no cenário educacional. Segundo dados publicados em novembro 2020, pelo Fundo das Nações Unidas para a infância-UNICEF, cinco milhões de crianças e adolescentes não foram matriculados na escola. Diversos estudantes no país ficaram sem acesso à educação no ano de 2020. Esses números foram considerados como o pior resultado da última década. Além de termos sido um dos países mais afetados no que diz respeito ao número de contaminados e de mortes, conforme pode ser visto nos dados já apresentados nos quadros 02 e 03 desta dissertação, o governo Bolsonaro foi omissivo e irresponsável também com a educação.

Figura 09- “2020 foi o ano com menor gasto do MEC com educação básica desde 2010”



Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/02/amp/4907686-2020-foi-o-ano-com-menor-gasto-do-mec-com-educacao-basica-desde-2010.html>

Uma das medidas tomadas pelo governo Federal quando a educação estava enfrentando uma crise humanitária, onde inúmeras crianças ficaram desassistidas e fora da escola, foi a redução de 20% do orçamento que deveria ser destinado à educação, segundo os relatórios da sociedade civil Todos pela Educação. Registrando a marca de valor investido na educação básica da última década. Inúmeros estudantes ficaram ainda mais vulneráveis diante da irresponsabilidade e má-gestão do poder executivo.

O Ministério da Educação - MEC foi totalmente negligente e não fez qualquer esforço para enfrentar a pandemia da Covid-19. Ao invés de aumentar os recursos e investir em estratégias para resgatar os educandos que estavam fora da escola, investindo em programas, recursos, *internet* mostrou-se totalmente inerte ao que estava acontecendo. Os impactos dessa ineficiência ampliaram ainda mais as desigualdades que já são tão acentuadas no nosso país, além de deixar sequelas irreparáveis na aprendizagem de diversos educandos Brasil afora, uma vez que um número acentuado de crianças e adolescentes ficaram sem frequentar a escola.

Figura 10- “Bolsonaro veta ajuda financeira para internet de alunos e professores das escolas públicas”



Fonte: <https://www.camara.leg.br/noticias/737836-bolsonaro-veta-ajuda-financeira-para-internet-de-alunos-e-professores-das-escolas-publicas>

Convém frisar que Bolsonaro também foi o responsável por vetar o projeto (PL 3477/20) que visava destinar uma ajuda financeira de R\$3,5 bilhões aos estados, Distrito Federal e Município que seria destinada para garantir o acesso à *internet* aos professores da educação básica e aos alunos inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais - CadÚnico, dos alunos indígenas e quilombolas. No entanto, diante do veto, esse projeto não foi levado adiante. E os alunos menos favorecidos economicamente não foram contemplados por esta medida.

Figura 11- “Dossiê aponta descaso do governo com saúde e educação de crianças e adolescentes na pandemia”



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/dossie-aponta-descaso-do-governo-federal-na-pandemia-com-direitos-a-saude-e-educacao-de-criancas-e-adolescentes/amp/>

Outro fator que merece destaque diz respeito aos dados publicados no dossiê do Instituto Alana e do Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (CEPEDISA). O dossiê faz questão de frisar o quanto as crianças e adolescentes mais vulneráveis foram ainda mais afetadas pela negligência do governo federal. Além do que estudos da UNICEF (2021) alertaram sobre o Brasil regredir duas décadas quanto ao acesso à educação tendo em vista que inúmeras crianças ficaram sem frequentar a escola durante a pandemia, conforme pode ser comprovado nos dados já citados acima, a navegação chamada Brasil ficou totalmente à deriva.

2.2 E COMO FOI A NAVEGAÇÃO NO ESTADO DA BAHIA?

Diante da dimensão tomada pela COVID-19, sabemos que incumbe ao poder público agir de forma enérgica e rápida. Não era apenas uma simples doença, conforme já explicitado, estávamos enfrentando o maior desafio humanitário na história recente. E devido a inércia, irresponsabilidade do governo federal, conforme descritas na seção anterior, os governadores precisaram recorrer ao judiciário para que tivessem mais autonomia para enfrentar a pandemia. Inclusive, foi por meio da publicação da Medida Provisória nº 926 de 2020 que provocou uma alteração na Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020 e estabeleceu mudanças sobre como deveriam ser os procedimentos para aquisição de bens, serviços e insumos destinados para enfrentar a pandemia e permitiu uma maior autonomia aos estados, possibilitou uma maior efetividade no combate ao vírus. Essa decisão foi deveras importante, ou ficaríamos até hoje à base da cloroquina, sem deixarmos de ressaltar que ainda o tal “presidente” zombava do isolamento e estimulava as aglomerações.

No estado da Bahia, tivemos um governo mais ativo no que diz respeito ao combate à pandemia. Foi elaborado um planejamento de enfrentamento ao vírus para atender a população baiana. Segundo dados da Secretaria da Saúde da Bahia-SESAB (2020) foram instalados hospitais de campanha e unidades específicas para o atendimento de pessoas infectadas e buscou-se manter durante os anos de 2020 e 2021 uma sensibilização para a manutenção do isolamento a fim de evitar as aglomerações. É válido citar que inclusive foi organizado um documento denominado de Panorama da Covid 19 no Estado da Bahia, 2020-2022, a fim de sistematizar as ações da Vigilância Epidemiológica realizadas no estado.

Também é necessário trazer à memória a importância da criação do Consórcio Nordeste que foi criado com intuito de ser um instrumento para fomentar os projetos para a região, bem como buscar mostrar a relevância do diálogo para a resolução de conflitos. O referido consórcio foi criado em março de 2019, composto pelos nove estados nordestinos: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Diante do cenário imposto pela COVID 19, o Consórcio do Nordeste adotou medidas para combater o vírus. Dentre essas, a criação de um Comitê Científico que foi instituído por decisão dos nove governadores de Estado da região nordeste com o propósito de assessorá-los na adoção de medidas para a prevenção, o controle e a contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar a proliferação da doença e estruturar o sistema de saúde.

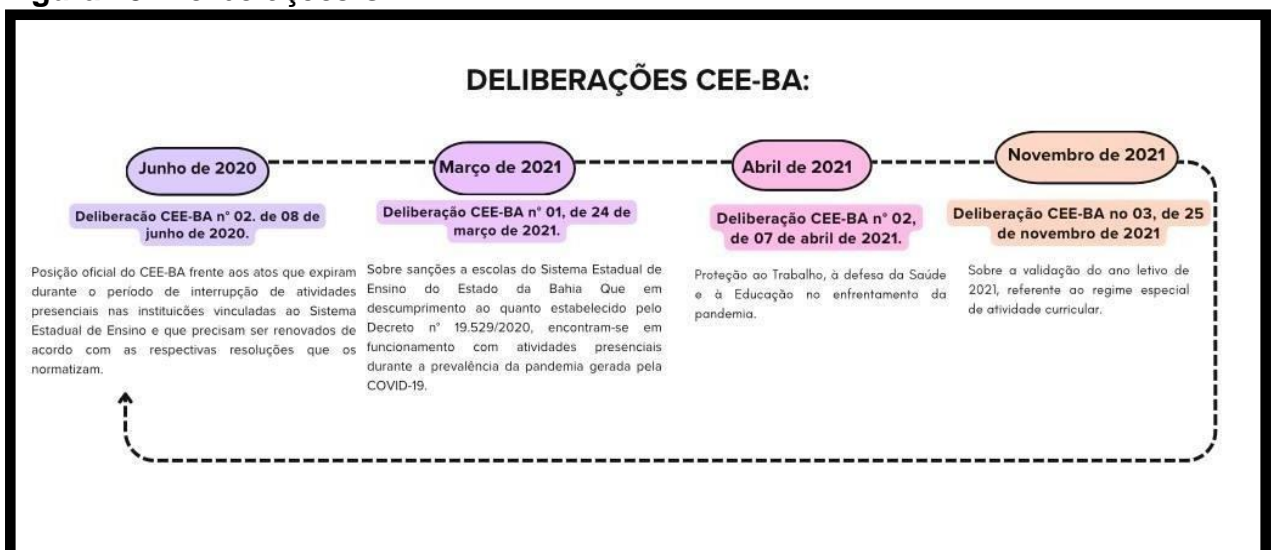
Quanto à educação privada e municipal na Bahia, as escolas continuaram de forma ressignificada, a partir do momento em que foi instituído o chamado ensino remoto. Professoras e professores deste país precisaram trocar o piloto (pincel atômico) e o quadro pelas telas e aplicativos digitais. Foi por meio da portaria do MEC nº 343, de 17 de março de 2020, que se deu a substituição das aulas presenciais pelas aulas em meios digitais, enquanto durasse a pandemia da COVID-19. Várias resoluções foram publicadas no Estado da Bahia, assim como deliberações do Conselho Estadual da Educação-CEE-BA. Desse modo, organizei-as em forma de linha do tempo nas imagens a seguir para que tenhamos a dimensão dos documentos que foram publicados no estado da Bahia.

Figura 12- Resoluções no estado da Bahia durante o período pandêmico



Fonte: Registros feitos pela pesquisadora

Figura 13- Deliberações CEE- BA



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na Bahia, por meio da Resolução do Conselho de Educação-CEE-BA nº 27, de 25 de março de 2020 e Parecer CEE-BA nº 53, de 25 de março de 2020, foi publicada a orientação para as instituições integrantes do Sistema Estadual de Ensino sobre como deveriam ocorrer o desenvolvimento das atividades curriculares, em regime especial, enquanto permanecerem os atos decorrentes do Decreto Estadual nº. 19.529, de 16 de março de 2020, que estabeleceu as medidas temporárias para o enfrentamento de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional – ESPIN, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID19, conforme podemos verificar no excerto a seguir:

Art. 1º Fica reiterada a situação de Emergência em Saúde Pública, assinalando-se o Parecer CNE/CEB nº. 1, de 29 de janeiro de 2002, como referência no cumprimento das medidas de prevenção e enfrentamento à COVID-19, pelo que se considera a possibilidade de reorganização das atividades curriculares, a partir dos projetos pedagógicos, com acompanhamento, pelas respectivas unidades escolares da educação básica, bem como pelas Instituições Estaduais de Ensino Superior – IEES. Parágrafo único. No âmbito desta normativa, ratifica-se a definição do CNE acerca da situação emergencial e se consideram as modificações dramáticas da vida cotidiana decorrentes de calamidade pública, confirmada pelo Decreto Legislativo nº. 6, de 20 de março de 2020.

Art. 2º Orientar as redes e unidades escolares da educação básica, bem como as Instituições Estaduais de Ensino Superior – IEES, integrantes do sistema estadual de ensino da Bahia, a aplicação das atividades curriculares nos domicílios dos estudantes, por força das medidas temporárias de enfrentamento à situação de emergência em saúde pública de importância internacional (Bahia, Decreto Estadual nº. 19.529, 2020, grifo meu).

Desse modo, mediante já relatado, que bem diferente do que ocorreu na esfera federal, o governo do estado da Bahia publicou diversas resoluções durante o período pandêmico pelo Conselho Estadual de Educação CEE-BA. Dentre elas foi a Resolução CEE-BA, nº36, de 12 maio de 2020 que permitiu a antecipação da colação de grau para os alunos dos Cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia no sistema estadual de ensino da Bahia, como parte das ações de combate à pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Consoante podemos verificar no trecho abaixo:

Art. 1º Ficam autorizadas as Instituições de Ensino Superior pertencentes ao Sistema Estadual de Ensino da Bahia, em caráter excepcional, a anteciparem a colação de grau dos alunos regularmente matriculados no último período dos Cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, desde que completada 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária prevista para o período de internato médico ou estágio curricular obrigatório, enquanto durar a situação de emergência em saúde pública decorrente da pandemia do novo

coronavírus - Covid-19, na forma especificada nesta Resolução (Resolução CEE-BA Nº36, 2020).

Já a Resolução CEE-BA nº 41, de 22 de junho de 2020, trouxe orientações para as instituições de ensino, integrantes do Sistema Estadual de Ensino do Estado da Bahia, sobre o acompanhamento das atividades escolares não presenciais, de caráter excepcional e temporário, autorizadas em decorrência da pandemia da COVID-19 e das medidas de restrição em razão desse evento de saúde pública. Observemos:

Art. 2º As Instituições de Ensino de Educação Básica, integrantes do Sistema Estadual de Ensino da Bahia, que aderiram ou venham a aderir ao regime especial de atividades curriculares, constantes de lista publicada no sítio eletrônico do CEE/BA, ficam obrigadas a enviar relatório parcial das atividades desenvolvidas, até a data de 30/07/2020, contemplando os seguintes elementos: a) modos de proporcionar a divulgação para a comunidade escolar; b) síntese descritiva para as etapas de planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades curriculares; c) indicativo abreviado para as especificações do material didático concernente às atividades; d) sumário de informações correlatas às orientações destinadas aos docentes, pertinente ao preparativo das atividades, no contexto do gerenciamento pedagógico de cada instituição. §1º O relatório deverá ser acompanhado, ainda, de documentos que permitam aferir a participação da comunidade escolar no processo de decisão para adoção do regime especial. §2º O relatório com os documentos pertinentes deverá ser encaminhado para o correio eletrônico do Conselho (conselho.bahia@nova.educacao.ba.gov.br). Art. 3º Na condição de órgão de fiscalização do Sistema Estadual de Ensino da Bahia, o CEE – BA desenvolverá ações em articulação com os Conselhos Municipais e demais órgãos e entidades de controle externo e social (Resolução CEE-BA, Nº41, 2020).

Segundo a resolução do CEE-BA nº41, as unidades escolares ficaram obrigadas a fornecer até o dia 30/07/2020, relatórios das atividades que estavam sendo desenvolvidas na comunidade escolar. No entanto, as atividades educacionais da rede estadual da Bahia ficaram paralisadas durante todo o ano de 2020. Em unidades isoladas, alguns docentes buscavam manter o contato com os alunos mesmo sem qualquer aval e garantia de que as aulas nesse período fossem validadas. As aulas só foram retomadas de forma remota em fevereiro de 2021. Diante do não retorno das atividades letivas em 2020, professoras e professores precisaram trabalhar “dobrado”, pois, os conteúdos precisaram ser adaptados e ao invés de três unidades, foi preciso dar conta de seis unidades letivas a fim de amenizar o prejuízo do período que ficou sem aula presencial e remota.

Ademais, nesse cenário, vale destacar que embora a Resolução da CEE Nº 48, de 06 de outubro de 2020 tratasse do retorno das aulas, essas só foram retomadas presencialmente em março de 2022. No entanto, é pertinente observar que existia

uma preocupação com esse retorno das atividades presenciais e foram estabelecidas orientações rigorosas a fim de evitar a proliferação do vírus da Covid-19. Vejamos no excerto abaixo:

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, no uso das atribuições que lhes conferem o §2º do Art. 249 da Constituição Estadual e, sublinhando o disposto no inciso V do Art. 10 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, bem como o que determina o Art. 3º da Lei Estadual No. 7.308 de 02 de fevereiro de 1998 e, ainda, considerando:

Art. 1º. **O retorno às atividades presenciais deve orientar-se, de forma rigorosa, pelas normas públicas explicitadas pelas autoridades sanitárias, reiterados os expedientes correlatos ao protocolo de procedimentos por elas definidos**, conexo às responsabilidades respectivas para com as normas de biossegurança para cada rede de ensino, com alcance em cada instituição educativa. Parágrafo único – As atividades presenciais devem ser retomadas com a manifestação das medidas de proteção à comunidade escolar, sobretudo aos estudantes, funcionários, professores e demais profissionais da educação, e suas famílias, considerando critérios sanitários específicos, fixados nos termos dos contextos locais e as indicações dos órgãos gestores das redes e instituições escolares.

Art. 2º. A reorganização do calendário escolar do ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido obedecerá aos princípios dispostos no Art. 206 da Constituição Federal, especialmente o da igualdade de condições para o acesso e a permanência nas escolas (Resolução CEE, Nº18, 2021 grifo meu).

Diante do número expressivo de mortes que ainda estavam acontecendo, as aulas presenciais não retornaram rapidamente. A situação exigia cautela e embora regulamentadas as diretrizes e encaminhamentos de como deveriam ser esse retorno, que foram publicadas em 2021, as aulas presenciais só retornaram em fevereiro de 2022. Sendo assim, deixo registrado que as aulas na rede pública do estado da Bahia em 2020 não aconteceram nem de forma presencial, nem de forma remota.

Apenas no ano seguinte, 2021, que os alunos e professores adentraram ao universo do mundo virtual. A secretaria de educação da Bahia ficou praticamente um ano “pensando” como seriam retomadas as atividades durante o período pandêmico, enquanto em praticamente todos os estados, as aulas foram retomadas, mesmo que de forma remota ainda em 2020. A rede estadual da Bahia deixou a desejar nesse sentido de organização para que as aulas não ficassem paradas durante todo ano de 2020.

Para o retorno das aulas de forma remota que aconteceu em março de 2021, fomos todas convidadas a participar da jornada pedagógica que ocorreu durante uma semana por meio de *lives* no *Youtube* por meio do canal oficial da Secretaria de Educação do Estado da Bahia através do *link*

<https://www.youtube.com/@EducacaoBahia>. Ao finalizar a semana pedagógica, nós iniciamos na semana seguinte, as atividades letivas sem receber qualquer auxílio ou recurso pedagógico e/ou tecnológico para isso. Enquanto a rede municipal da cidade e de muitas cidades vizinhas doaram computadores para os professores, isso não aconteceu com os docentes da rede estadual.

Seguindo a cronologia dos fatos, em novembro de 2021 tratou-se mais uma vez sobre o retorno às aulas presenciais nas redes e instituições da educação escolar integrantes do sistema estadual de ensino para o ano de 2022. Vide excerto da PORTARIA Nº 637/2021.

O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso das atribuições que lhe conferem o Decreto s/nº, publicado no Diário Oficial do Estado, na edição de 05 de fevereiro de 2019 e considerando a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, RESOLVE:

Art. 1º Expedir a presente Portaria, visando à reorganização das atividades letivas na Rede Pública Estadual de Ensino, como garantia da continuidade da aprendizagem dos estudantes matriculados em todas as etapas, modalidades e ofertas da Educação Básica, **cujas atividades escolares estiveram suspensas no período de 18 de março de 2020 a 02 de março de 2021**, em virtude da Situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, decorrente da pandemia do COVID-19.

Art. 2º O cumprimento dos objetivos de aprendizagem e a integralização da carga horária mínima do ano letivo de 2020 serão realizados por meio do continuum das duas séries escolares no ano civil de 2021, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas diretrizes do Conselho Estadual de Educação (CEE).

Art. 3º Serão adotadas todas as medidas para o cumprimento do calendário letivo, sem redução do número de horas letivas previsto em Lei, assegurando o cumprimento do mínimo de 800 (oitocentas) horas de atividade escolar obrigatória, conforme previsto no inciso I do Art. 24 e no § 2º do art. 23, todos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Art. 4º O cumprimento da carga horária mínima letiva estará em consonância com as etapas, modalidade e ofertas da Educação Básica, bem como com a realidade de cada unidade escolar, considerando as especificidades dos respectivos territórios de identidade, observadas as seguintes premissas:

I- **Adoção de medidas de acolhimento aos educadores, educandos e correspondentes famílias, bem como de rigorosa observância dos procedimentos sanitários** indicados na legislação e nas orientações complementares elaboradas pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia - SEC;

II- **Garantia de que todos os estudantes sejam capazes de realizarem as atividades e acessarem os recursos pedagógicos**, independentemente da respectiva condição de acesso a bens de consumo, inclusive a tecnologias digitais;

III- **Articulação entre as ofertas de atividades escolares remotas, híbridas e presenciais;**

IV- **Retomada das atividades letivas em conformidade com as orientações descritas nesta Portaria e com documentos complementares expedidos pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia;**

V- Autonomia pedagógica das escolas, apoiada em planejamento consoante com o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei no 9.394/1996, para o cumprimento da carga horária letiva mínima, a qual está descrita no Protocolo Pedagógico da Rede Estadual para o Ano Letivo 2020/2021 (Portaria Nº 637/2021, grifos meus).

Constata-se que foram publicadas muitas resoluções pela secretaria de educação no estado da Bahia durante os anos de 2020 e 2021, conforme pode ser observado de forma sucinta nas figuras de nº12 e nº 13, que tratam das portarias e resoluções que foram publicadas. No entanto, mesmo diante de uma “organização demorada” ainda faltou planejamento devido para esse retorno.

O único recurso disponibilizado para as professoras (es) e alunas (os) da rede estadual foi um material pedagógico que foi enviado em abril de 2021 chamado de Caderno de Apoio à Aprendizagem que visava contemplar de forma bem resumida os objetos de conhecimento de cada componente curricular, bem como as competências e habilidades que precisavam ser desenvolvidas.

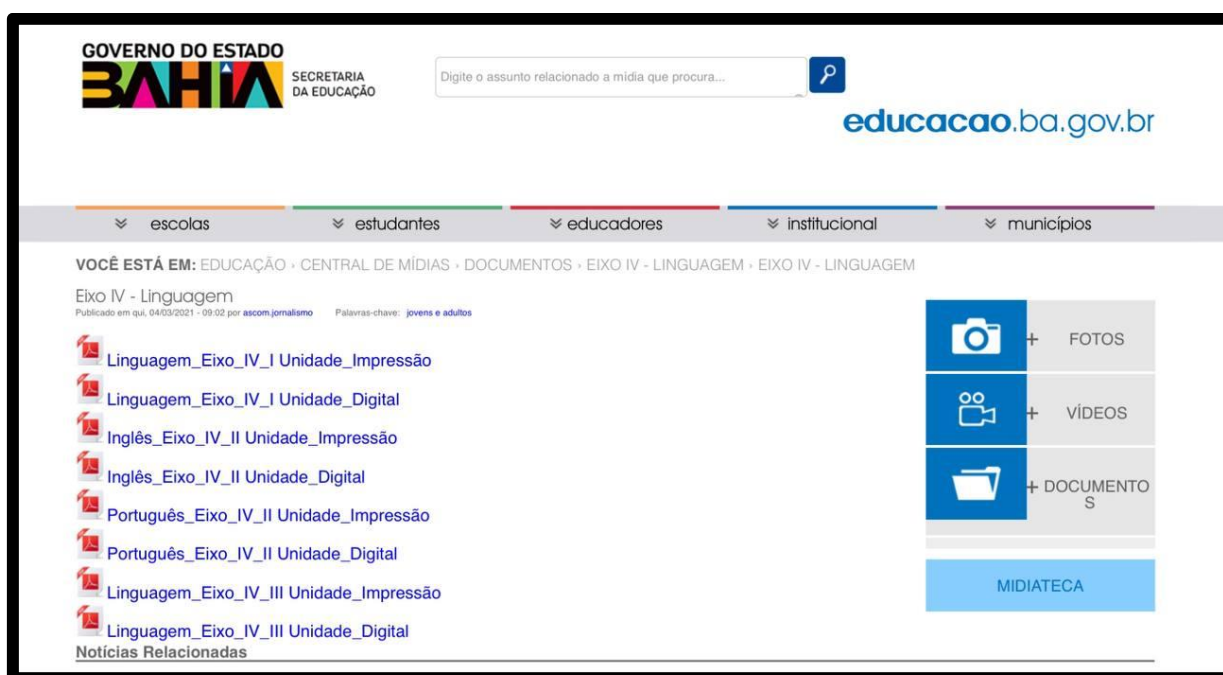
Figura 14- Caderno de Aprendizagem



Fonte: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/cadernos-de-apoio>

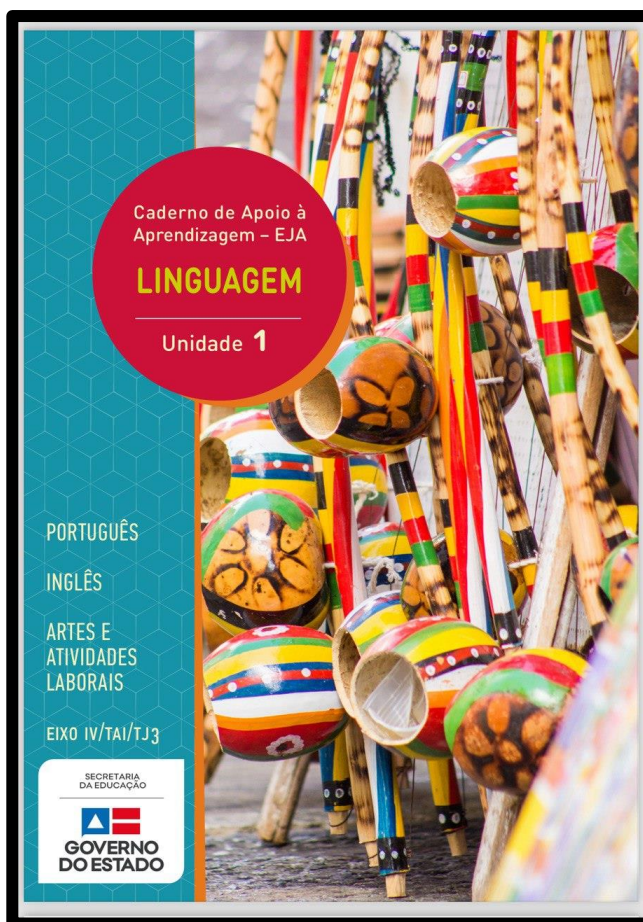
As atividades seguiram uma sequência por meio das trilhas que foram disponibilizadas por unidades conforme podemos observar nas figuras de nº15 e nº16. Por meio destes arquivos que eram disponibilizados no formato digital e para impressão, a gente selecionava as atividades que eram mais apropriadas para cada turma, ou na maioria das vezes a gente optou por não utilizar por não condizer com a realidade educacional das turmas.

Figura 15- Caderno de Apoio



Fonte: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/cadernos-de-apoio>

Figura 16- Caderno de Linguagens- Eixo



Fonte: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/cadernos-de-apoio>

É importante deixar registrado que o caderno de Linguagem dos Eixos eram unificados, conforme já dito acima contemplava as disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês e Artes. Além da insegurança do período pandêmico, ficamos também inseguros quanto ao currículo, tendo em vista que a realidade imposta no formato virtual foi muito mais complexa e desafiadora.

As professoras e professores deste país enfrentaram o maior desafio educacional já visto na história. Acredito que as memórias desse momento pandêmico ficarão eternizadas em cada ser que enfrentou e viveu esse período. Mas também não podemos deixar de observar que não foi difícil apenas para as professoras e para os professores deste país, foi desafiador também ser aluna, ser aluno durante a pandemia da Covid-19, principalmente no âmbito da escola pública.

As soluções rápidas incomodaram, trouxeram sofrimento e angústia, uma vez que não se tinha a compreensão nem a preparação para o ensino *online*, pouquíssimos professores tinham essa experiência, a maioria sequer vivenciara como estudante. E uma minoria não tinha o conhecimento tecnológico mínimo para redigir ou preparar planos de aula ou qualquer atividade no computador (Cavalcanti, 2020 p. 45).

A luta não era apenas pelo aprendizado, foi também uma luta real e emocional contra um vírus que não parava de ceifar vidas, uma luta para sobreviver não apenas a uma pandemia, mas também a luta contra a fome que assolou tantos lares. Como conseguir se concentrar para aprender diante de tantos problemas? Muitos discentes

abandonaram o barco, outros foram tomados por outras rotas. Durante o mau tempo, muitos sofreram por falta de um acompanhamento pedagógico/psicológico durante esse período. E os prejuízos educacionais e emocionais foram inúmeros.

2.3 JACOBINA E O COLÉGIO ESTADUAL DE JUNCO/ANEXO PARAÍSO

Figura 17- Vista panorâmica da cidade de Jacobina



Fonte: Prefeitura Municipal de Jacobina

A cidade de Jacobina- BA fica localizada no Piemonte da Chapada Diamantina. Segundo dados do IBGE-2022, possui área territorial de 2.192.905 km², com população estimada de 80.749 pessoas. A cidade também é popularmente conhecida como a “cidade do ouro”. Ganhou esse apelido por ter sido alvo dos bandeirantes, eram chamados dessa forma os homens que saíam pelo sertão à procura de ouro e outros metais preciosos, bem como faziam expedições em busca de povos indígenas para serem escravizados.

Quando aqui chegaram, encontraram os povos nativos da nossa cidade: Os povos indígenas Payaya que também são popularmente chamados de Payayás das Jacobinas, por serem os primeiros habitantes da cidade. Devido ao processo de colonização, os povos Payayás precisaram lutar para garantir a sobrevivência de sua cultura. Apesar disso os remanescentes dos povos Payayás buscam manter as suas tradições e costumes mesmo diante dos desafios enfrentados após a o período chamado de colonização. Muitos inclusive chegaram a ser mortos, escravizados, violentados das mais diversas formas. Segundo a pesquisadora Jamile Lima (2023), docente da Universidade do Estado da Bahia em Jacobina-BA, os povos Payayás atualmente estão espalhados por vários territórios brasileiros. Estão em São Paulo e na Bahia em municípios como Morro do Chapéu, Porto Seguro, Salvador, Jacobina e Utinga. A história e a cultura desses povos são parte integrante da história não apenas

de Jacobina como também do Brasil, e devem ser lembradas, valorizadas e respeitadas.

Em 05 de agosto de 1720, o Rei D. João V permitiu a garimpagem do ouro e a criação da vila de Santo Antônio de Jacobina. Segundo Lemos (2013), apenas em 27 de julho de 1880, a Vila de Santo Antônio de Jacobina foi elevada à categoria de cidade com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. A cidade apresenta belas paisagens, serras, morros, vales, grutas, rios e cachoeiras. Além de possuir uma vasta riqueza biológica como caatinga, cerrado e vegetações nativas. Também possui diversas áreas turísticas, como Itaitu, que possui mais de vinte cachoeiras catalogadas.

A Grota do Brito também é famosa por aqui, localizada a apenas 5 km de Jacobina, apresenta diversos atrativos naturais como as Cachoeiras dos Amores, Brito, Viúva, Leões e o Pico do Jaraguá que tem uma vista panorâmica da sede, com seus quase 1000 m de altitude acima do nível do mar. O município está a distância de 330 quilômetros de Salvador – a capital do estado. A cidade tem um grande potencial de crescimento e expansão principalmente no cenário turístico. No entanto, carece de bons gestores. E por muitos anos sofre principalmente no âmbito da saúde. A cidade possui dois hospitais, um se chama Antônio Teixeira Sobrinho e outro chama-se Hospital Vicentina Goulart. Ocorre que por constantes brigas políticas ambos nunca funcionam de forma simultânea. E a população sofre, principalmente quando há a necessidade de uma regulação para tratamento médico na capital. Muitas vidas já foram ceifadas por aqui diante da espera pela regulação.

O primeiro caso de COVID-19 em Jacobina foi confirmado no distrito de Junco (distrito onde fica localizado a sede da nossa escola), ocorreu em abril de 2020. A partir daí os casos começaram a ganhar força e passaram a ser divulgados por meio dos boletins diários. Medidas de prevenção e isolamento social foram adotadas. A prefeitura de Jacobina decretou *lockdown* total na cidade por meio de Decreto nº 19.528 de 16 de março de 2020. A medida visava conter o avanço da pandemia do Coronavírus e evitar a aglomeração. Diversos decretos foram publicados posteriormente no período pandêmico não apenas em Jacobina como também nas cidades circunvizinhas.

No entanto, nem todas as pessoas seguiram as recomendações de isolamento, tornando-se bem comum na região a locomoção em veículos particulares e até mesmo clandestinos vindos de outros estados. E o vírus foi se espalhando também por aqui e ceifando diversas vidas e, por conseguinte, em um aumento diário do número de casos na cidade e em toda a região.

A primeira morte confirmada em Jacobina foi de uma mulher chamada Marina Netta Costa da Silva, de 54 anos, uma comerciante considerada pela comunidade

como uma cidadã exemplar e muito trabalhadora. Desde então, muitas outras mortes se sucederam, como comprova a figura a seguir:

Figura 18- Boletim epidemiológico da cidade de Jacobina



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Jacobina, novembro de 2022.¹²

Segundo Boletim Epidemiológico, divulgado pela Secretaria Municipal da Saúde de Jacobina, informa que até o dia 22 de novembro, Jacobina registrou 114 óbitos e teve mais de 12100 mil casos recuperados da COVID-19, desde o início da pandemia. Durante o período pandêmico, o Hospital Vicentina Goulart foi reativado para atender especificamente às vítimas da COVID 19, após seis anos fechado. A cidade chegou a comemorar a implantação da Unidade de Terapia Intensiva – UTI na cidade e muitas vidas foram salvas lá.

Apesar de ser uma cidade polo central da regional da saúde, Jacobina perdeu a gestão dos leitos de UTI do Hospital que foram transferidos para a capital após resolução da CIB O25/2023 - Comissão Intergestores Bipartite – que é formada por secretários de Saúd da Bahia e também aprovado por *ad referendum*, ou seja, foi aprovado em caráter de urgência, pela Secretaria de Saúde do Estado. Desse modo, encontra-se novamente a cidade sem leitos de UTI e um hospital fechado para reforma e que aguarda uma aprovação da câmara de vereadores para uma possível estadualização.

Figura 19- Praça do distrito de Paraíso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

É propício registrar também mais informações a respeito do Distrito do Paraíso, que fica localizado a 30 km de Jacobina, no estado da Bahia. Está situado numa área de seca, é uma região que não possui rios, cachoeiras. O espaço de lazer da comunidade é a feira livre que acontece aos domingos e uma praça localizada no centro do distrito, onde a população se reúne para brincar com as crianças, ou comer algum tipo de lanche que são vendidos por lá. Os momentos de lazer e diversão principalmente dos alunos acontecem nas festividades promovidas pela escola.

Figura 20- Visão panorâmica do Paraíso



Fonte: Site Paraíso Urgente

Diante dos crescentes casos de COVID 19 e fechamento das escolas, as alunas (os) passaram a ficar isolados a fim de evitar a proliferação do vírus. Ninguém estava acostumado a ficar recolhido, principalmente as crianças e adolescentes que gostam e necessitam da interação. Porém, diante do medo do vírus todas as pessoas tiveram a sua rotina alterada e a situação não foi diferente no distrito do novo Paraíso em Jacobina. Apenas em fevereiro de 2022 as aulas foram retomadas de forma presencial no Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso.

2.4 A MUDANÇA DE ROTA IMPOSTA PELA COVID 19: O ENSINO REMOTO COMO SOLUÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

O vendaval da COVID 19 provocou impactos profundos também no cenário educacional. Foi preciso adotar novas formas de ensinar e aprender. E nesse novo cenário imposto pela pandemia professoras e professores desse país, de forma repentina, sem tempo para se preparar para a essa nova realidade de ensinar encarou o ensino remoto como uma solução para a educação continuar. E de repente, como afirma Carvalho (2021), o contato físico não era mais possível. O que fazer? Por séculos e séculos, desde que a instituição escola foi implantada, a presença física do professor e dos alunos é algo dado como “líquido e certo”. A nova dinâmica de aprendizagem exigiu um ambiente totalmente novo e diverso.

O plano de aula que inicialmente foi pensado para o ensino presencial, necessitou de revisão das atividades que deveriam se enquadrar nas condições evidenciadas para o ensino remoto, mantendo a perspectiva de aprendizagem que promovessem a interação dos estudantes, a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. E paralelo a isso, foi necessário aprender a utilizar as ferramentas digitais para poder executar as atividades com os estudantes. Os saberes necessários para o ensino remoto foram sendo incorporados como experiências que foram vivenciadas e discutidas como um saber docente construído a partir da prática (Borges, Souza, Luca 2021 p.119).

Adaptar-se a essa nova realidade não foi uma tarefa fácil, muitos desafios e novos formatos no ambiente de ensino precisaram ser aprendidos e implantados. O piloto (pincel), as carteiras, o quadro, foram substituídos pelo *notebook*, pelo celular, os quais se tornaram ferramentas indispensáveis nesse novo formato de trabalho. Não foi fácil encarar esse desafio, ainda mais em um contexto em que toda a população estava assustada, apreensiva com medo de um vírus altamente letal e que não parava de ceifar vidas. Como afirma Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), “...a docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade – e que não tem a menor ideia do caminho”, Nesse sentido, no começo da pandemia de COVID-19, as ações educacionais ficaram um pouco confusas, os professores não sabiam como agir, pensavam que talvez essa fase fosse passageira e que logo estariam presencialmente nas escolas. Infelizmente, não foi isso que aconteceu, pois os casos se multiplicaram e ficamos horrorizados em vermos quantas pessoas acabaram morrendo em decorrência dessa doença (Ribeiro, 2023. p.15).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, a Cultura (UNESCO), 70% da população estudantil do mundo foi afetada por esse momento de instabilidade. A adoção de novas metodologias foi essencial para a educação não parar diante de uma situação de emergência. Segundo Hodges (2020), o ensino remoto emergencial (ERE), tem como intenção promover o acesso à aprendizagem mesmo em casa. E assim aconteceu.

Moreira e Schlemmer (2020) explicam que:

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pela COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (Moreira & Schlemmer, 2020, p. 8).

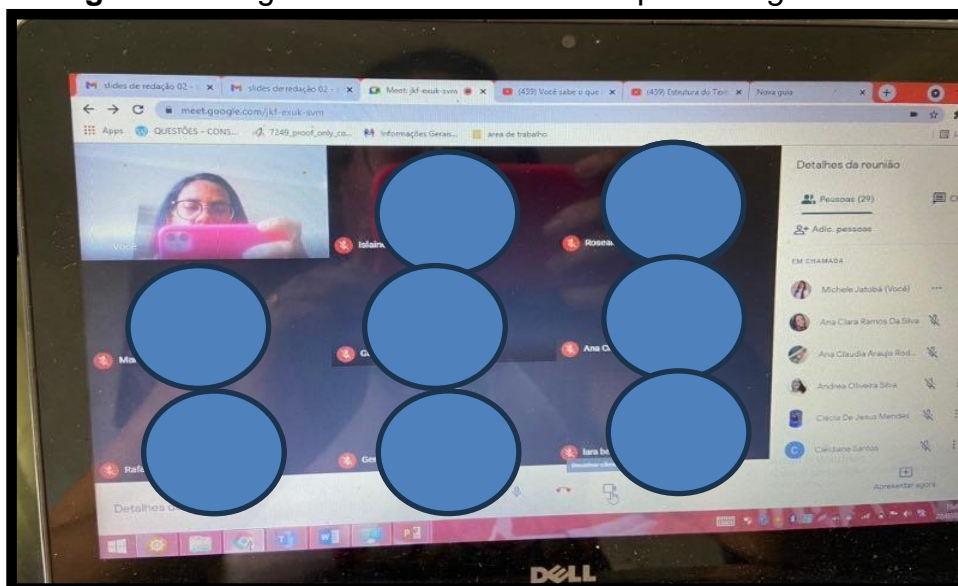
A educação precisou ser remodelada e por meio do ensino remoto professoras, professores reinventaram a educação mesmo diante de um cenário tão fragilizado. E eis que de repente adentramos ao mundo virtual. Como afirma a pandemia do coronavírus forçou a educação mundial a utilizar a comunicação tecnológica como recurso para manter o processo de ensino – aprendizagem a partir dos canais de comunicação *online*, síncrona e assíncrona. Se antes havia resistência em utilizar essas tecnologias no entorno escolar por parte dos professores, com a chegada da pandemia eles precisaram se capacitar de forma emergencial para que a educação não sofresse interrupção.

Figura 21- Registro de uma aula virtual pelo *Google Meet*



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 22- Registro de uma aula remota pelo *Google Meet*



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Para Cordeiro (2020), reaprender a ensinar e reaprender a aprender foram desafios em meio ao isolamento social. Diante do período atípico que vivemos, a sala de aula foi substituída pela sala de aula virtual. As tecnologias digitais foram a nossa grande aliada para a educação prosseguir. Acerca do ensino remoto Charles Holges *et al.*, 2020:!

[. . .] é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse. O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise (Charles Holges *et al.*, 2020, p. 7).

A adoção do ensino remoto nos permitiu aprender e reaprender a utilizar diversos aplicativos, plataformas digitais a fim de buscar estratégias que incentivassem aos alunos a participarem das aulas e aprenderem mesmo diante de um cenário de caos. Segundo Lopes (2021, p. 123), o corpo discente teve que atender às distintas exigências que lhes foram apresentadas nesse contexto como o uso de diversas plataformas de comunicação, assistência às videoaulas, uso de *podcast*, elaboração de trabalhos em distintos formatos eletrônicos. Além disso, conforme relembra Gonzaga (2023),

Esse período também estava sendo exorbitantemente obscuro em que, enquanto lutávamos pela vida e chorávamos pelos mortos, éramos cobrados por pessoas que estavam na mesma situação que a nossa, mas que exigiam uma saída para que a educação formal não parasse. Sobre este momento nebuloso e turbulento (Gonzaga, 2023 p.69).

Nesse sentido, o ensino presencial foi readaptado e precisou ser totalmente

configurado, transposto para o mundo digital. O ensino remoto exigiu mudanças profundas na prática docente e quebrou paradigmas. Os recursos tecnológicos que antes eram poucos ou quase nunca utilizados, principalmente no contexto da escola pública, passaram a ser as ferramentas mais importantes no período pandêmico. Ademais, é extremamente necessário observar a importância da condução das professoras e professores durante todo esse processo como corrobora Fettermann, Tamariz (2021):

Apesar da distância geográfica e temporal entre todos os envolvidos no ensino e na aprendizagem que se dão de modo virtual, não se pode negar que o recurso mais importante para que tudo aconteça não é a internet, nem os computadores ou as demais ferramentas utilizadas, mas os alunos e os professores, que fazem com que as experiências realizadas possam ser bem-sucedidas (Fettermann; Tamariz, 2021, p. 9).

Diante de toda essa mudança repentina que fora imposta em virtude da Covid-19, não podemos deixar de reconhecer os inúmeros desafios enfrentados no mundo virtual e como as tecnologias digitais foram importantes para fazer a educação acontecer. No entanto, é preciso dizer que nenhum recurso tecnológico substituirá a relação de aprendizado construída entre professor e aluno. E é importante deixar registrado que a educação de forma remota aconteceu porque mesmo sem estarem/estarmos preparados, as professoras e os professores deste país buscaram aprender com as novas ferramentas tecnológicas, inovaram e ressignificaram as suas metodologias e incorporaram novas práticas de ensino/aprendizagem.

Diante do exposto, no próximo capítulo irei discorrer sobre a necessidade do uso da tecnologia para a articulação de saberes diante do novo cenário de ensino remoto adotado em virtude da Covid-19, que afetou a navegação da educação que por isso precisou interromper as aulas presenciais a fim de evitar a proliferação do vírus. E por isso, velejaremos a seguir pelo universo dos letramentos, pedagogia dos multiletramentos, novos letramentos, letramento digital e multiletramentos.

3 E A ESCOLA NÃO PAROU: ENFRENTANDO O TSUNAMI DO ENSINO REMOTO

Sinto que uma das coisas que impedem muitos professores de questionar suas práticas pedagógicas é o medo de que essa é minha identidade e não posso questioná-la. (Bell Hooks)

A tempestade da Covid-19 atingiu por completo também a navegação da educação em todas as partes do mundo. Ninguém imaginava inicialmente que o prazo de quinze dias de suspensão das atividades letivas iria ser prorrogado por tanto tempo. E, de repente, fomos submetidos a um isolamento restritivo. E nesse contexto sobreveio o *lockdown*¹³. O ano de 2020, será sempre um ano que jamais será esquecido por aqueles que viveram e enfrentaram a pandemia do Coronavírus. Na verdade, muitas águas foram navegadas no cenário educacional. Para que o barco não afundasse e de modo a evitar a proliferação do vírus, as professoras e professores do Brasil e de todas as partes do mundo tiveram que contar com uma nova aliada: a tecnologia.

A educação não estava preparada para o tsunami do ensino remoto de forma tão abrupta diante da realidade imposta pelo contexto pandêmico, e mesmo assim as (os) professoras (es) precisaram se desdobrar para conhecer e aprender em tempo recorde uma nova dinâmica de planejamento, de metodologia para que pudéssemos continuar a dar conta das nossas atividades funcionais.

O planejamento de uma aula para ser ministrada no ensino remoto se mostrou totalmente diferente de um planejamento utilizado na unidade escolar. E o período de adaptação a essa nova modalidade foi sofrido e de fato desafiador. Sabemos que independente do formato de aula para que haja o aprendizado as aulas precisam ser dialogadas participativas para que exista uma aprendizagem significativa.

Desse modo, foi possível notar o quanto foi preciso ficarmos atentas (os) a toda essa dinâmica exigida no ensino remoto para garantir a presença, participação e aprendizagem das alunas e alunos e proporcionar a continuidade das aulas. Já que esse se mostrou complexo e desafiador, conforme nos explicam Gargia *et all*.

O ensino remoto permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. **A**

¹³ Segundo o Dicionário Online de Português, lockdown é um Bloqueio que, imposto pelo Estado ou por uma ação judicial, restringe a circulação de pessoas em áreas e vias públicas, incluindo fechamento de fronteiras, geralmente ocorre em situações de pandemia com o intuito de evitar a disseminação do vírus; confinamento: alguns estados brasileiros já se encontram em *lockdown*.

variabilidade dos recursos e das estratégias bem como das práticas é definida a partir da familiaridade e da habilidade do professor em adotar tais recursos. Ensinar remotamente permite o compartilhamento de conteúdos escolares em aulas organizadas por meio de perfis [ambientes controlados por login e senha] criados em plataformas de ensino, como, por exemplo, SIGAA e MOODLE, aplicativos como *Hangouts*, *Meet*, *Zoom* ou redes sociais (Garcia; Moraes; Zaro; Rego; 2020, p. 5, grifo meu).

Nesse sentido, foi necessário em tempo recorde adotar novas práticas pedagógicas mediadas pela tecnologia, pela *internet* e as salas de aula foram temporariamente substituídas pelos quartos, cozinhas, salas, escritórios de muitas casas, já que a escola adentrou a um novo espaço: os lares de diversas famílias espalhados por esse Brasil afora.

A educação nunca teve dias tão difíceis e desafiadores como no corrente período, principalmente, para professores e coordenadores educacionais, isso porque, em razão da pandemia causada pela COVID-19, eles têm sido, compulsoriamente, forçados a realizarem todas as suas atividades fora das “paredes” da escola, além de permanecerem distantes, fisicamente, dos estudantes (Silva, *et al.*, 2020).

As modificações exigidas em virtude de um novo formato de aprender e ensinar diante de um espaço virtual totalmente atípico, nos deixou desesperados. A gente sofreu, pediu ajuda e foi preciso paciência, organização e adaptação aos novos recursos tecnológicos para conduzir com responsabilidade o processo de ensino e aprendizagem. Podemos constatar essa realidade a partir das notícias que circulavam na época, a saber:

Figura 23- Tecnologia, ensino remoto na pandemia

The image shows a screenshot of a news article from G1. The header is red with the G1 logo and the word 'EDUCAÇÃO'. Below the header, there are navigation links: 'fique por dentro', 'Febre maculosa', 'Feriados de 2023', 'Carro com desconto', and 'Guia >'. The main headline reads: 'Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Levantamento da UFMG e CNTE mostra cenário preocupante e a dificuldade do poder público em dar'. There is also a small advertisement for 'SERVIR É DAR OPORTUNIDADE DE EMPREGO PARA O THAYLSON'.

Fonte: G1, julho de 2020¹⁴

¹⁴Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>

Segundo dados da pesquisa da UFMG e CNTE (2020, quase 90 % dos professores no Brasil não tinham experiência com a prática da aula remota antes da pandemia, não estávamos preparadas (os) para essa experiência, ainda mais de forma tão intempestiva. Cordeiro (2020) salienta que reaprender a ensinar e reaprender a aprender foram desafios em meio ao isolamento social na educação do país. Ou seja, a pandemia provocou mudanças significativas na metodologia docente. Todos os profissionais da educação precisaram atuar de forma diferente. Pois, a nova realidade vivenciada em detrimento do contexto pandêmico provocou uma imersão “forçada” no universo da tecnologia, o que gerou novos aprendizados, e uma nova forma de ensinar.

Nesse caminho, entre as várias expressões que emergiram no nosso dia a dia durante a pandemia, que circula(ra)m nos mais diferentes meios, ouvimos, com maior frequência, as seguintes: “isolamento social”, “COVID- 19”, “quarentena”, “linha de frente”, “cloroquina”, “fique em casa”, “use máscara”, “EPIs”, “lockdown”, “tranca rua”, entre outras. Tais “novos” empregos adquiriram novas ressignificações de sentidos que desencadearam, de certo modo, embates discursivos, polarizando duas instâncias enunciativas: a da saúde e a da vida versus a economia e a morte, o que, de fato, desestruturou as medidas necessárias para conter a propagação da doença em nosso país (Gibin; Ruiz. 2021, p.16).

E por meio de *lives*, congressos, cursos que foram surgindo de forma *on-line* na plataforma do *Youtube* e em outras, é que a gente foi aprendendo a ensinar virtualmente mesmo diante de um cenário totalmente adverso. A tecnologia tornou-se uma ferramenta indispensável não somente para ministrar aulas, como também para que a gente pudesse aprender e estar preparado tecnologicamente para continuar exercendo a nossa atividade docente e para que pudéssemos ter o domínio básico para desenvolver as atividades educativas.

3.1 EIS QUE NÃO FOI MAIS POSSÍVEL FUGIR DELA: A TECNOLOGIA COMO UMA GRANDE ALIADA NA SALA DE AULA

Considerando que a tecnologia sempre esteve atrelada à história da evolução humana ao longo dos séculos, conseguimos perceber a evolução tecnológica em todos os segmentos. E à medida que a sociedade evolui, desde o primeiro pincel e primeira lousa, até a chegada do primeiro computador, avançamos tecnologicamente

e caminhamos para uma era digital e para o mundo virtual que é dinâmico e atrativo porque nos possibilita uma inserção no mundo das telas de computadores, *smartphones*, *tablet*, dentre outros. Crianças, adolescentes, jovens e adultos todos e todas estão mais conectados ao mundo tecnológico, a uma variedade de dispositivos passaram a fazer parte da rotina diária da população de todas as faixas etárias,

A tecnologia sempre mediou a relação do homem com o conhecimento. A oralidade foi a primeira tecnologia mediadora do conhecimento o qual era armazenado no cérebro e compartilhado entre os pares através da oralidade. A escrita é a segunda tecnologia destacada pelo autor que amplia a socialização do conhecimento através de registros escritos, armazenando-o em uma memória externa ao sujeito. A informática foi a terceira tecnologia da inteligência que provocou grandes mudanças, possibilitando a virtualização desses registros (Lévy, 1993 p. 52).

Ademais, é considerável enfatizar que a tecnologia sempre esteve presente na nossa trajetória histórica, social. Desde a utilização da fala como uma ferramenta de comunicação, quanto da escrita ao registrar e armazenar conhecimentos diversos, o giz, a lousa, o rádio, dentre outros. E para isso, é preciso dizer que temos acompanhado ao longo dos anos inúmeras mudanças, e diante de um público cada vez mais digital, entendo que é preciso que cada professor, como afirma Moran (2009), busque encontrar a sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os procedimentos tecnológicos para que os alunos possam aprender de forma contextualizada com a sua realidade. Nesse sentido, Kenski (2010) explica:

A velocidade das alterações no universo informacional cria a necessidade de permanente atualização do homem para acompanhar essas mudanças. As tecnologias da comunicação evoluem sem cessar e com muita rapidez. A todo instante novos produtos diferenciados e sofisticados - telefones celulares, faz, softwares, vídeos, computador multimídia, Internet, televisão interativa, realidade virtual, videogames - são criados. (Kenski, 2010, p.26).

Nesse ínterim que a velocidade dos avanços tecnológicos e científicos das últimas décadas possibilitam que as informações cheguem numa velocidade mais rápida. E como consequência, isso requer de todas as pessoas a aprendizagem constante. Para isso, todos os segmentos precisam acompanhar essas mudanças de forma constante. E no cenário educacional, esse aspecto não poderia ser diferente. No entanto, é preciso chamar atenção ao que preceitua Kenski (2012):

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social (Kenski, 2012, p. 21).

A ampliação do uso das tecnologias digitais impacta diariamente o contexto educacional alterando o comportamento dos estudantes. Nesse novo cenário, alunas e alunos acabam demandando a sua presença nas escolas, seja porque o mercado acaba oferecendo esses recursos para tornar o espaço escolar mais atrativo e digital, seja para acompanhar a uma nova demanda cultural. É oportuno dizer que os dados da 34ª Pesquisa Anual da FGV realizada em 2023, acerca do Mercado Brasileiro de Tecnologia da Informação (TI) revela que há no Brasil 464 milhões de dispositivos digitais em uso dentre *smartphones*, computadores, *notebooks* e *tablets*. A pesquisa ainda apresenta que são 1,2 *smartphones* por habitante.

Os dados revelam diariamente o impacto na mudança de comportamento que também podem ser sentidas no cotidiano escolar, no qual não apenas alunos, mas também professoras e professores são, muitas vezes, dependentes dos dispositivos tecnológicos. Logo, a utilização das tecnologias digitais na sala de aula não pode ser desconsiderada, pois para o/a profissional da educação que busca manter-se atualizado com as demandas contemporâneas, entende que o aprendizado é uma prática constante, ainda mais para acompanhar uma geração de discentes que recebe a todo momento estímulo de jogos, aplicativos e programas de computadores diversos. Nesse sentido, sendo considerável ressaltar a visão de Belloni (2005, p. 10):

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente a escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

A inclusão das tecnologias digitais tornou-se uma necessidade da realidade escolar. Para isso, a escola precisa inserir intencionalmente esses recursos tecnológicos como grandes aliados no processo educativo a fim de que os educandos vivenciem novas práticas de aprendizagem no âmbito digital e tenham contato com uma maior possibilidade de gêneros textuais.

O ensino nesta era, que identificamos ser do homem virtual, deve ser visto por intermédio dessa realidade contextualizada e ir além dos instrumentos tradicionais. Deve explorar espaços de leitura com hipertextos, salas de discussões, pesquisas em sites da Internet ou TVs educativas, numa visão centrada na aquisição e na utilização da informação como base nas Tecnologias de Informação e Comunicação (Petitto, 2003, p. 21).

Desse modo, é preciso lembrar o que diria Moran (2000), ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas

convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. À medida que a escola consegue implantar uma metodologia interativa por meio de atividades que despertem diversas possibilidades de leitura e escrita, mais letrada ela será e conseqüentemente as alunas e alunos irão adquirir novos saberes.

Segundo Freitas e Pessanha (2012), as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) determinam novas organizações textuais e visuais, e elas mudam a relação que o leitor constrói com o texto. A escola que utiliza recursos tecnológicos diversos também colabora com a inserção de práticas leitoras e discursivas no ambiente escolar, conforme nos explica Rojo (2013):

É preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas (Rojo, 2013, p.7).

Sendo assim, diante um público escolar mais conectado às redes sociais e às telas, a escola precisa ser criativa e inserir mais recursos tecnológicos como grandes parceiros no processo de ensino e aprendizagem. Ocorre que é preciso considerar que para que a escola amplie o uso das tecnologias dentro da sala de aula é importante estar atento para as necessidades formativas das professoras e professores para lidar com as tecnologias. A fim que estejam preparados para as novas necessidades educativas.

Para ensinar com tecnologias, é preciso aprender com tecnologias, para ser um aprendiz continuado [...] parte-se do princípio de que o uso da tecnologia precisa preparar o próprio professor para viver a experiência de mudanças no ensino que ele proporcionará a seus alunos. (Alonso *et al.*, 2014, p.16).

Para que a escola esteja preparada para ensinar fazendo uso das tecnologias, precisa acompanhar essas mudanças investindo, adquirindo novos recursos, aparelhos tecnológicos e sobretudo precisa ampliar o olhar sobre a significância da formação docente. Inclusive, alerta Mór (2017):

As pesquisas que vêm estudando o impacto do conhecimento sobre o digital no campo da educação e nos estudos de linguagens alertam que não se trata apenas de introduzir aparelhos tecnológicos e conexão em redes nas escolas. Advertem que essa perspectiva, isoladamente de uma nova formação acerca do processo de letramentos, pode gerar desmotivações a alunos e professores e descompassos entre o propósito da escola e da sociedade (Mór, 2017. p. 276).

É preciso que os docentes se sintam preparados e seguros para a utilizar as tecnologias digitais dentro do contexto escolar. Como afirma Leite (2003), a simples presença das tecnologias na sala de aula não garante a qualidade nem dinamismo nas práticas pedagógicas, desse modo, faz-se necessário também garantir que professoras e professores estejam qualificados, que dominem as ferramentas digitais e que contribuam para a construção de novas aprendizagens e de novos letramentos. Castells (2002, p. 15) pontua que:

[...] as novas tecnologias estão transformando o modo como produzimos, consumimos, gerenciamos, vivemos e morremos, certamente não por si mesmas, mas como mediadoras poderosas de um conjunto maior de fatores que determinam o comportamento humano e a organização social. (Castells, 2002, p. 15)

Desse modo, a escola precisa oportunizar a inserção do aprendizado por meio da tecnologia investindo na formação docente a fim proporcionar e reduzir as desigualdades de acesso aos aparatos tecnológicos, principalmente na escola pública, que requer ainda mais atenção e cuidado nesse sentido. Que seja uma premissa cada vez mais difundida a construção de uma escola que respeite as diferenças e que através dos letramentos, multiletramentos, letramento digital atuem em prol da construção de uma sociedade crítica e mais equânime.

3.2 MERGULHANDO NAS ÁGUAS DO LETRAMENTO

Quando se fala em letramento, muitas pessoas ainda correlacionam à ideia de uma pessoa letrada, como costumavam ser chamadas aquelas que tinham o domínio da leitura e da escrita, que estudavam muito e que eram consideradas muito “inteligentes”. Por muito tempo prevaleceu a ideia de Cerutti-Rizzatti, Koerich e Kuerten Dellagnelo (2008, p. 53) ao considerar que uma pessoa letrada era aquela dotada de grande erudição. Tal nomenclatura ganhou força e por muito tempo foi reproduzida socialmente. Ocorre que a concepção de letramento foi ganhando novas roupagens e consequentemente tendo outros significados.

Segundo Ribeiro (2008), no final da década de 1970, pesquisadores estrangeiros como Shirley Brice Heath, Sylvia Scribner, Michael Cole e Brian Street, entre outros, já discutiam acerca do letramento como elemento necessário para desenvolver as práticas de leitura e escrita de forma contextualizada. E foi por meio

da publicação da obra *Literacy in theory and practice*, na década de 1980, que Brian Street apresentou a definição de dois modelos de práticas de letramento. Para o referido autor, o letramento acontece diante das situações de uso da escrita.

Em território brasileiro, conforme Soares (2009), a primeira vez que o termo letramento foi utilizado no Brasil foi por Mary Kato, em seu livro, publicado em 1986, denominado *No mundo da escrita*. A autora passou a conceber o termo letramento como uma forma de repensar a linguagem nos mais diversos contextos sociais, seja em uma igreja, seja na família ou no trabalho. A palavra letramento é uma tradução da palavra oriunda do Inglês “literacy”, Mas para Soares (2009), o termo é originado do latim *littera* (letra)+ *cy*,(condição, ou estado de). Nesse sentido, literacy seria a condição ou estado de ser letrado. Ainda conforme Soares (2011):

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetização, nessa época representou, certamente uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja; uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (Soares, 2011, p. 29).

É válido observar que muitos pesquisadores contribuíram com a história do letramento. Apesar de não citar essa nomenclatura, Paulo Freire já alertava que a leitura e a escrita deveriam ser compreendidas como um ato político e por isso não poderiam ficar restritas à codificação e decodificação das palavras conforme podemos observar em suas palavras:

Inicialmente, me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro de palavras, de sílabas ou das letras (Freire, 1988, p. 19).

Freire (2009), já afirmava em seu livro *A importância do ato de ler* que devemos ir além da simples exposição em que tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando devem vivenciar a aprendizagem, tornando-a mais palpável e relacionando a escola à realidade vivenciada e experienciada da(o)s aprendizes. Desse modo, a escola precisa estar ciente do seu papel em busca de promover e compreender a linguagem dentro das mais variadas práticas sociais a fim de que a(o)s educanda(o)s aprendam com criticidade e sobretudo refletindo sobre o mundo. Como certifica Matencio (2009), Freire já se preocupava com as práticas de letramento, embora não tenha utilizado

esse termo. E já afirmava que não bastava apenas ler e escrever, era preciso ler o mundo,

Os estudos vinculados às práticas de letramento não são tão recentes como se poderia imaginar, haja vista o lugar pioneiro de Freire sobre práticas letradas em comunidades (não)escolares, isso porque embora muitos trabalhos e propostas tenham sido rotulados, num primeiro momento, como estudos da alfabetização, da leitura ou da escrita, não se pode negar que tratavam, efetivamente, como é o caso com Paulo Freire, das práticas de letramento. (Matencio, 2009, p. 06).

Após o termo letramento ter sido utilizado pela primeira vez no Brasil por Mary Kato em 1986, foi a vez de Leda V. Tfouni e Angela Kleiman que em 1995 fizeram as suas contribuições acerca do conceito de letramento com a publicação do livro *Os significados do letramento*. Para Kleiman (2005), o letramento não é a alfabetização, mas a inclui, uma vez que para ser letrado é preciso também adquirir as habilidades de leitura e escrita. No entanto, uma pessoa que sabe ler e escrever não pode ser considerada letrada, tendo em vista que para ser letrado não basta apenas a decodificação dos grafemas, mas saber utilizar a leitura e a escrita nas diversas práticas sociais.

E não podemos falar em letramento sem lembrarmos da autora Magda Soares, que se tornou uma referência reconhecida nos estudos no campo da alfabetização e letramento. Para Soares (2003), “Letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Nessa perspectiva, é necessário inserir práticas de alfabetizar letrando, o que a autora chama de “Alfalettar”.

Desse modo, conforme afirma Soares (2017), “o Letramento é o resultado da ação de ensinar e/ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita”. Ao analisar o letramento diante dessa perspectiva é possível entender que o letramento pode ser concebido para promover a ideia de que o universo da escrita também ocorre em outros espaços além da unidade escolar, seja no ambiente familiar, seja na igreja, seja na rua na interação com os colegas, conforme já explanado por Kleiman (1995).

Nesse sentido, a linguagem precisa ser compreendida dentro de um contexto múltiplo e dinâmico, uma vez que estamos inseridos em diversas práticas de letramento por meio do qual desenvolvemos habilidades de leitura e escrita para os

mais diversos contextos sociais. Sendo assim, a concepção de letramento surgiu após várias indagações, questionamentos e discussões no campo da alfabetização. Na visão de Rojo (2009), é papel da instituição escolar, ao formar o/a aluna(o) leitor(a), formá-la(o) para que também saiba, além de ler e interpretar o texto, refletir sobre ele, criticá-lo e dialogar com o texto. Assim sendo, apenas “saber ler e escrever” não seria suficiente para atender a demandas sociais de uso da leitura e escrita. Nesse sentido, o termo letramento afirma-se a fim de ampliar os conceitos de alfabetização numa perspectiva de também utilizar a escrita como uma prática social. Para Piccoli (2010):

A presença do conceito de alfabetização aliado ao de alfabetismo e ao de letramento tornou-se corrente na área da educação desde, aproximadamente, a década de 1980. As definições dessas terminologias, entretanto, são distintas, dependendo tanto do contexto histórico no qual estão inseridas quanto das diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que as embasam (Piccoli, 2010, p. 258).

A alfabetização está voltada para a leitura e escrita, e como pontua Albuquerque (2007), a alfabetização é considerada como o ensino das habilidades de codificação e decodificação. Enquanto que o letramento está presente nas práticas sociais diversas que envolvem os indivíduos, por isso ele é amplo, complexo e envolve a aprendizagem de habilidades que estão para além dos códigos. Nesse sentido, segundo Soares (2003), um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever enquanto que o indivíduo letrado vive em estado de letramento.

[...] possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática, [para] [...] potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica (Rojo, 2009, p. 11-12).

Para tanto, nessa perspectiva, o letramento envolve o sujeito dentro dos mais variados contextos, considerando as demandas sociais, culturais, históricas e que pode acontecer em diversos espaços, seja dentro da escola ou fora dela. Conforme já mencionado, um dos primeiros autores a defender que não bastava apenas ler as palavras, de forma isolada, mas dentro de um contexto múltiplo foi Paulo Freire, e corroborando com os ideais de Freire, Soares (2012, p. 36) diz que o letramento, pode ser entendido como prática social da linguagem escrita, extrapola o contexto escolar,

vai além do espaço restrito da escola, vai para a família, a sociedade, enfim, a vida da criança.

É preciso que o ato de ensinar e aprender considere os contextos, a aplicação diária da leitura e da escrita. Segundo Kleiman, (2013) por meio dos situados usos da linguagem, (re)construímos significados sobre quem somos, e sobre o mundo. Nesse deslinde, torna-se cada vez mais urgente e necessário difundir a concepção de letramento como um instrumento de transformação social a fim de promover não apenas o debate social, mas que seja também a linguagem um instrumento de enfrentamento à desigualdade e a opressão social. A partir dos estudos de Magda Soares, as discussões sobre o letramento no Brasil ganharam evidência e nesse cenário de discussões, o conceito de letramento difere do então conhecido conceito de alfabetização. Vejamos:

O termo alfabetização refere-se à “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, enquanto letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Assim, os termos Alfabetização e Letramento representam conceitos distintos, porém, indissociáveis (Soares, 2000, p.19).

Entendo/entendemos o quão complexa é a língua(gem). Compreende-se o quanto é necessário o processo de alfalettrar. A leitura e a escrita têm um papel crucial no desenvolvimento cultural e social, haja vista que elas também podem funcionar como uma ferramenta de valorização social, de resistência e de transgressão, visando possibilidades de aprendizado também para aqueles que estão às margens da sociedade. Para tanto, as práticas de letramentos são diversas e estão presentes em múltiplos contextos. Corroboro com Rojo (2019) quando explica que os letramentos são legiões devido a uma multiplicidade de práticas. Segundo Moura e Rojo (2019):

Letramento(s) é um conceito com uma visada socioantropológica; alfabetismo(s) é um conceito de base psicognitiva; alfabetização designa uma prática cujo conceito é de natureza linguístico-pedagógica. Numa sociedade moderna, as práticas diversificadas de letramento são legião, para isso, o conceito passa ao plural: letramentos. Podemos dizer que praticamente tudo o que faz na cidade envolve hoje, de uma maneira ou de outra, a escrita, sejamos alfabetizados ou não. Logo é possível participar de atividades e práticas letradas sendo analfabeto: analfabetos tomam ônibus, olham os jornais afixados em bancas e retiram o Bolsa Família com cartões bancários (Moura, Rojo, 2016, p. 16).

Ao considerar o letramento sob uma perspectiva social, é preciso compreender, reconhecer e valorizar os saberes culturais de cada sociedade, respeitando também

os processos de desenvolvimento da linguagem. Nesse deslinde, o letramento está, portanto, imbuído de uma visão mais ampla e que reconhece a leitura e a escrita dentro de uma perspectiva cultural, histórica e social nos mais diversos contextos. Ainda para Magda Soares (2002), o letramento compreende o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita e de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas. Desse modo, Magda Soares afirma:

Ser capaz de ler e compreender textos e de escrever textos é o que considera uma criança que além de alfabética, se torna alfabetizada, objetivo do ciclo de alfabetização e letramento. Ao longo da escolaridade posterior, com a ampliação e consolidação das habilidades básicas já adquiridas, as crianças terão condições de atingir o objetivo último: tornarem-se leitores e produtores de texto capazes de fazer o uso da língua de forma autônoma para seus objetivos pessoais e de responder adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (Soares, 2020, p. 200).

É imprescindível construir, promover o uso da língua a partir da reflexão e da ampliação do que é apenas decodificado. Mas sobretudo sobre usar a língua de forma autônoma nas mais diversas nuances e objetivos. Desse modo, o letramento tem uma relevância social, cultural, política na sociedade já que este é um processo contínuo, está em movimento constante e acontece ao longo de toda a vida.

Para Street (2013), os letramentos são variáveis. E é por isso que é importante considerar as pessoas nos diversos contextos sociais. Observa-se que o autor critica fortemente a visão de um letramento como habilidade cognitiva individual. Compreender a diversidade de práticas de letramento que fazem parte do cenário social envolve não impingir rótulos sobre o que é ser ou não ser letrado. Entende-se que o autor critica o letramento por meio de uma habilidade construída individualmente.

[...] Precisamos, assim, não só de modelos “culturais” de letramento, mas de modelos “ideológicos”, no sentido de que em todos esses casos os usos e significados de letramento envolvem lutas em prol de identidades particulares contra outras identidades frequentemente impostas (Street, 2014, p. 149).

Sendo assim, cabe entender e considerar o saber e as experiências dos educandos. Street (2003) destaca e apresenta o conceito de eventos e práticas de letramento e discorre sobre o modelo autônomo e ideológico, destacando críticas e reflexões acerca do modelo autônomo; defende explicitamente o modelo ideológico, uma vez que acredita que o aprendizado da escrita se dá considerando as práticas

concretas e sociais, ou seja, as práticas letradas são produto da cultura, da história e do discurso.

Os Novos Estudos de Letramento, portanto, não tomam nada como certo em relação ao letramento e às práticas sociais aos quais se torna associado, problematizando o que conta como letramento em dado tempo e lugar e questionando “de quem” são os letramentos dominantes e “de quem” são os letramentos marginalizados ou que resistem (Street, 2013, p. 53).

Para Street (2003), o modelo autônomo embora esteja relacionado com outras práticas sociais e cognitivas ignora as questões culturais e ideológicas. De modo contrário, o letramento ideológico possibilita enxergar as práticas de letramento a partir de uma concepção mais cultural já que a linguagem precisa estar envolta na reflexão através de práticas de ensino e de aprendizagem, de maneira crítica, problematizadora, que inclusive permitam questionar tanto os letramentos dominantes, quanto também aqueles que são marginalizados.

Considero pertinente também trazer a definição de Ângela Kleiman (2010) acerca do que considera letramento como uma das vertentes que busca interesses teóricos com interesses sociais, a fim de que a situação de indivíduos marginalizados por não dominarem a escrita possa mudar. Podemos observar que há uma sensibilidade da autora em desconstruir concepções de letramento dominante. Sendo cada vez mais necessário difundir a complexidade e diversidade que contemplam a temática do letramento a fim de que possamos refletir não apenas sobre os sujeitos, bem como relacionar o uso da própria linguagem. Para a referida autora, o letramento se refere:

aos usos da língua na vida cotidiana e não somente no ambiente escolar, ele já está posto socialmente, e nesse sentido, cabe aos educadores propor o reconhecimento e a prática das leituras e produções escritas que contemplem a variedade de gêneros textuais (Kleiman, 2010 p. 25).

Desse modo, a escola precisa assumir o compromisso de promover um letramento que contemple as práticas da leitura e escrita dentro de um ambiente que seja favorável para proporcionar um aprendizado que considere o conhecimento prévio das educandas e educandos para que sejam construídas oportunidades que favoreçam um aprendizado social, plural e cultural.

À medida que a gente compreende a linguagem e o letramento no processo de enfrentamento à exploração, a gente não apenas colabora com a libertação dos sujeitos dominados, oprimidos, bem como a gente promove que a democracia seja

também garantida. Como afirma Freire (1998), opressão se dá pela ação de que todo aquele que através de poder ou influência em defesa de um ideal individual acaba desumanizando os demais para continuar a perpetuar o comando. O autor chama a atenção para a necessidade de lutar por uma educação humanizadora que desaliena as pessoas e que, sobretudo, promova a luta pela recuperação de sua humanidade por meio de uma pedagogia que utilizem o debate e a reflexão daqueles que são oprimidos a fim de que resulte em engajamento e crítica, tanto por parte dos opressores quanto daqueles que são oprimidos.

Nesse sentido, é preciso considerar e reconhecer a opressão e a forma como esta é estabelecida a fim de que o oprimido não venha a se tornar também um opressor. A reprodução opressora colabora diuturnamente para com a manutenção de uma estrutura de dominação que vai se perpetuando ao longo dos séculos. Por isso, liberdade precisa não ser apenas almejada, mas conquistada. E a educação precisa ser uma ferramenta de luta, de combate, de enfrentamento à opressão e não um instrumento de manutenção desta.

Dessa maneira, a escola precisa oportunizar atividades diversificadas que envolvam as práticas de letramento, confrontar esse sistema hierárquico que visa perpetuar mecanismos de exploração. Corroboro com Freire (1998) ao pontuar que a liberdade é um horizonte a ser alcançado coletivamente por meio da educação. Nota-se que o autor busca chamar a atenção para o fato de que não podemos mais continuar reproduzindo um modelo educacional que alimenta uma falsa “paz social” para que os indivíduos permaneçam acomodados, submissos e quanto mais permanecerem desta forma menos haverá o que a classe dominante chama de “rebeldia”.

Nesse contexto, percebo como é necessário propiciar o que Paulo Freire chama de educação problematizadora, aquela que liberta e questiona, que possibilite que homens e mulheres problematizem as suas relações com o mundo a fim de romper com o sistema educacional proposto pela educação bancária. Nesse contexto, percebo como é importante propiciar que as alunas e alunos participem e estejam envolvidos em diversas práticas sociais que possam contemplar a leitura e a escrita. É preciso que a escola esteja nesse constante movimento de tentar potencializar um aprendizado múltiplo e diverso.

Quando a gente capta a dimensão das forças opressoras e as suas causas, entendemos que todo sistema colabora para a manutenção desse sistema de

dominação e que é reproduzido diuturnamente. Por isso, torna-se tão urgente problematizar a linguagem, o letramento nos mais diversos contextos, sobretudo a respeito do letramento digital a fim de que esse seja também um instrumento de luta e de transgressão. Desse modo, entendo que o letramento além de estar relacionado à leitura e à escrita precisa considerar o contexto dos indivíduos, valorizando a diversidade e a cultura e respeitando e promovendo práticas libertárias por meio da apropriação de um saber autônomo e emancipado.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (Freire, 1988, p. 44).

Em vista disso, é salutar que educandos e educadores aprendam de forma dialógica, crítica e que estejam conscientes de que a educação é um ato político. Portanto, a escola precisa ser um instrumento de transformação e não pode se conformar com a injustiça. E como afirma Abreu e Silva (2018), a dimensão social do letramento tem alto potencial “revolucionário”, proativo, crítico e questionador, pois busca, a partir da leitura e da escrita mitigar as situações sociais injustas.

Fica claro que é também uma necessidade educativa que se trabalhe nos espaços escolares, o que Duboc (2014) chama de letramento crítico (LC). Segundo a referida autora, o LC consiste em trabalhar a leitura e a produção de sentidos dos alunos de forma que estes compreendam a teia dos privilégios e pagamentos nas práticas sociais. Portanto, a escola, sendo uma instituição formadora, precisa fomentar a aprendizagem percebendo o mundo com criticidade, conscientes do nosso papel educativo, formativo e também político. Concordo com Jordão (2014) que diz:

[...] o espaço escolar precisa preparar as pessoas a viverem na instabilidade dos significados, na incerteza das verdades, na complexidade do mundo e na riqueza dos inúmeros e simultâneos procedimentos de construção de sentidos. Esse caos produtivo instaurado pela visão de que o mundo é plural, múltiplo e móvel só leva à inação aqueles que desejam um mundo único e estático; reconhecer o movimento dos sentidos e o hibridismo dos sujeitos é valorizar a agência humana diante do mundo, uma vez que se somos plurais podemos ser várias coisas, e se essas coisas se transformam, podemos nós também transformá-las (Jordão, 2014, p. 201).

Desse modo, a escola precisa ser um espaço que emancipa, que valoriza a diversidade e que sobretudo encara a linguagem como uma prática social. Pennycook (2010) afirma que o LC é uma prática problematizadora. Por isso, educar exige

criticidade. E a sala de aula não pode ser neutra, porque esse espaço será sempre um campo fértil, heterogêneo, múltiplo. E como afirma Duboc (2015), o letramento crítico deve ser trabalhado através das brechas e para isso, é preciso ter uma atitude problematizadora. Ainda segundo Kleiman (2008):

A escola, é a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja a alfabetização, o processo de aquisição do código, processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola (Kleiman, 2008, p.20).

Nesse sentido, é preciso que a escola reafirme o compromisso de ser uma agência de letramento proporcionando um aprendizado diversificado, contextualizado, a fim de que sejam construídas novas aprendizagens. Mediante esse entendimento, a escola precisa desenvolver competências e habilidades de letramentos para além de seus muros a fim de que o conhecimento adquirido faça sentido no contexto da vida de todas e todos.

3.3 UM NOVO MUNDO À VISTA: A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Diante de um cenário diverso e multicultural no qual vem correndo mudanças históricas, culturais e sociais profundas, com a educação, com a linguagem não foi diferente. A leitura e a escrita foram ampliadas para além do texto para outros ambientes, dentre eles o mundo tecnológico/digital, surgindo, desse modo, os chamados multiletramentos. Nesse novo contexto, alunos e alunas estão cada vez mais inseridos num cenário hipermediático, uma vez que a leitura e a escrita passaram a ter um viés multimodal e multissemiótico.

Nesse contexto, diariamente estão surgindo uma nova gama de textos que exigem a produção do que vem sendo denominado de multiletramentos, um conceito que surgiu a partir do Grupo de Nova Londres (GNL) New London, em setembro de 1994. O grupo reunia dez estudiosos da linguagem de vários países, que se encontraram durante uma semana para estudarem acerca do que foi denominado de pedagogia dos multiletramentos. Desse encontro resultou um manifesto que visava a despertar novas ideias e novas pesquisas.

O referido grupo de estudiosos chamou a atenção para dois aspectos importantes: o primeiro, diz respeito à crescente multiplicidade e integração de modos de construção de significado, em que o textual está integrado ao visual, ao áudio, ao

espacial e ao comportamento. O segundo aspecto diz respeito ao uso do termo multiletramentos para representar o aumento da diversidade local e da conexão global. Como fruto dessas discussões resultou o manifesto intitulado Pedagogia dos Multiletramentos que destaca a necessidade e a importância da escola promover a aprendizagem pautada em multiletrar. Nesse sentido, é preciso observar que os letramentos evoluíram para os multiletramentos, conforme nos explicam Moura e Rojo (2019);

Multiletramentos é, portanto, um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.) (Moura e Rojo, 2019, p.20).

Diante dessa nova necessidade, avançamos rumo aos multiletramentos por entender que a nossa sociedade é plural e múltipla, a linguagem é dinâmica e os textos estão cada vez mais diversificados, constituídos por fotos, vídeos, gráficos, sonoros, gestual e por isso requer a construção de novas habilidades a fim de interpretar a linguagem em suas diferentes formas. Rojo e Moura (2012), apresentam que no que diz respeito ao conceito dos multiletramentos, é preciso saber que:

...o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo e Moura, 2012, p. 13).

Vale observar que os multiletramentos surgiram para atender ao novo contexto de práticas pedagógicas interativas, multimodais, ampliando também o arcabouço tecnológico através da utilização das mídias, multimídia, texto, hipertexto. Diante de toda essa evolução linguística e tecnológica, a linguagem tornou-se cada vez mais interativa e colaborativa. Segundo Cope e Kalantzis (2013), a pedagogia dos multiletramentos ao se preocupar com os contextos sociais, culturais e materiais é mais produtiva, relevante, inovadora e capaz de transformar a vida.

O conceito de multiletramentos, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação da significação para os textos multimodais contemporâneos e, por

outro, a pluralidade e a diversidade cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação (Rojo, 2013, p. 14).

Podemos observar que por meio dos multiletramentos a aprendizagem não fica restrita apenas à escrita verbal. Mas há uma maior preocupação para que os discentes enveredam por múltiplos caminhos através da semiótica. Os gêneros textuais são inúmeros e devido ao aumento do acesso às ferramentas digitais gerou uma maior interação com diversas linguagens. Rojo (2012) destaca algumas características de como funcionam os multiletramentos:

[...] no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem -, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes: (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). maneira de se apresentarem e na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hiperímias) (Rojo, 2012, p. 22-23).

Sob a ótica do multiletrar, a linguagem está inserida dentro de um contexto cultural híbrido. Nessa perspectiva alunas e alunos precisam ser os protagonistas dentro do processo educativo, precisam ter as suas individualidades, identidades, modos de ser e estar no mundo reconhecidos e respeitados. Nesse sentido, professoras e professores precisam contemplar as necessidades educativas de uma sociedade que multicultural e que evoluiu digitalmente. Importante dizer que para Rojo (2013), o conceito de multiletramentos integra a multiplicidade de culturas denominado de multiculturalismo e a multipilicidade de linguagens, denominada de multissemioses e de mídias. Dessa forma, há uma preocupação em oportunizar aos alunos e às alunas o acesso a diferentes tipos de texto com múltiplas linguagens e considerando a diversidade cultural.

[..] possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermediáticas do texto eletrônico e que trazem novas feições para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal – escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam. Inclusive, esses textos multissemióticos extrapolam os limites dos ambientes digitas e invadiram hoje também os impressos (Rojo, 2013, p. 20 e 21).

Para Rojo é preciso ir além da leitura e da escrita, e para que isso aconteça é preciso investir em possibilidades que extrapolam a decodificação das palavras.

Dessa maneira, entende-se que os multiletramentos são na sua essência multimodais. De acordo com Rojo e Moura (2012), a multimodalidade não se constitui somente na soma de linguagens, mas na interação entre linguagens diferentes em um mesmo texto. Para tanto, é importante que a escola possibilite o maior contato com diversos tipos para que sejam discutidos e explorados em sala de aula, criando oportunidades para os alunos aprenderem de forma contextualizada. Segundo afirmam Kress e Van Leeuwen (2001),

...a multimodalidade pode ser compreendida como: O uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente ('dizer a mesma coisa de formas diferentes'), desempenhar papéis complementares [...], ser hierarquicamente ordenados, como nos filmes de ação, onde a ação é dominante, com a música acrescentando um toque de cor emotiva e sincronizar o som de um toque realista 'presença' (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 20).

O texto multimodal, também conhecido como multissemiótico, é composto de textos com várias linguagens que possibilita entender o texto não apenas sob a ótica dos signos linguísticos, mas também através de múltiplos olhares. Nessa perspectiva, os multiletramentos estão cada vez mais entrelaçados com a multimodalidade por entender que o aprendizado, a língua ocorre de forma dinâmica.

Na era digital exigem-se metodologias que estejam contextualizadas com a realidade dos discentes, que promovam, despertem a atenção e a motivação para aprender de modo a contemplar um aprendizado que promova o respeito pela diversidade em uma sociedade que é múltipla seja linguisticamente como culturalmente. Para Lemke (2010), as novas tecnologias da informação têm o poder de transformar novos hábitos institucionais do ensinar e do aprender.

Nesse sentido, a partir da pedagogia dos multiletramentos, a escola consegue promover múltiplas práticas de letramento considerando a realidade de uma sociedade contemporânea, que é composta por pessoas que são oriundos de diversos contextos sociais e que precisam ser valorizadas e respeitadas. Assim sendo, os multiletramentos enxergam e reconhecem os valores de uma sociedade multifacetada e multicultural na qual os estudantes são protagonistas da aprendizagem e trazem consigo uma bagagem de saberes.

Nesse contexto, a aprendizagem é construída de forma crítica, reflexiva e levam em consideração os processos de mediação que enaltece a(s) cultura(s). Para Veiga Neto (2003), a compreensão de que cultura atravessa tudo o que acontece nas

nossas vidas e inclusive perpassando e influenciando as representações que construímos a respeito do que vivenciamos. Para Geertz (1997), “a cultura pode ser considerada as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las” e para Landulfo (2016), cultura é:

[...] instável e não uniforme para todos os povos e tampouco igual para todos os cidadãos do mesmo país ou cidade. Entendo cultura, ou melhor dizendo, culturas, como os diferentes modos de perceber social e individualmente o mundo. Embora, dentro da mesma nação, existam raízes históricas e aspectos comuns compartilhados e transmitidos por seus habitantes, é impossível encontrar ali uniformidade religiosa, linguística ou comportamental até em cidades pequenas (Landulfo, 2016, p.68).

Diante desta pesquisa que está sendo realizada, é possível compreender que língua e cultura são indissociáveis. Dessa maneira, a linguagem é uma ferramenta indissociável da cultura e por isso é tão oportuno trazer a cultura, assim como o multiculturalismo para o contexto educacional visando estimular o respeito a diversidade, às diferenças e sobretudo a construção de novos letramentos. Como afirma Mendes (2008):

A visão de língua/linguagem como instrumento social de interação e inserção do sujeito no mundo, e que inclui uma rede complexa de fatores linguísticos e extralinguísticos. Língua que mais do que parte da dimensão cultural, ela é a própria cultura, se confunde com ela. A essa língua que não é uma abstração teórica e que não possui existência fora do contexto social de uso pelos seus falantes, denominaremos língua cultura (Mendes, 2008, p.72).

Pudemos notar que a língua e a cultura estão entrelaçadas e a escola precisa observar a importância disso e envolver os discentes para que esses também consigam enxergar a dimensão social e cultural da língua. E como preceitua Landulfo (2016. p.73), não podemos esquecer o quanto é necessário ofertar uma formação que prepare o senso crítico de aprendizes e os torne capazes de desvelar as injustiças, já não a partir da homogeneidade imposta senão da heterogeneidade social e natural. E para que isso seja possível, é importante adentrar em novos letramentos. Mas afinal, o que seria isso? Vejamos na seção a seguir.

3.4 AVISTANDO TERRAS NOVAS: EIS QUE SURGEM NOVOS LETRAMENTOS

Com as novas demandas culturais e sociais surgiu a necessidade de novos letramentos. A influência da tecnologia e da *internet* impactou na construção de novas

formas de aprendizagem e de práticas de letramento diversificada. Diante desse contexto, conforme já salientado, há uma múltipla variedade de textos presentes na sociedade contemporânea, sejam eles impressos ou digitais que exigem e permitem várias formas de interação, surgindo a necessidade de uma nova concepção de novos letramentos.

Os diversos aparatos tecnológicos introduziram e produziram novas linguagens e a escola precisa abranger esses letramentos que visam ir além de um sistema de decodificação, mas principalmente estimular a necessidade de compreensão, de participação, de reflexão, de maneira que as/os educanda(o)s aprendam a se posicionar reconhecendo os saberes múltiplos e viabilizando o aprendizado, o diálogo com diversos textos/discursos a fim de contemplar o estudo da linguagem sob uma “...perspectiva plural, dinâmica fruto de uma relação sócio- histórica e interacionista”. Para Moura e Rojo (2019, p. 26):

Os novos letramentos são mais participativos, colaborativos, distribuídos, ou seja, menos individualizados, autorados, dependem menos de licenças de publicação. (...). Os novos letramentos maximizam relações, diálogos, redes e dispersões, são o espaço da livre informação e inauguram uma cultura do remix e da hibridação. As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos.

Destarte, esse novo formato social exige diversas práticas de aprendizagem e a escola precisa encarar esse desafio, promovendo um aprendizado de linguagens de forma crítica, possibilitando estudos e discussões de diversos tipos de gênerostextuais envolvendo educandos na construção de uma sociedade democrática, plural.

Para Gee, [...] o letramento é plural: letramentos. Existem muitas e diferentes práticas sociais, históricas e culturais que incorporam o letramento, assim, há também múltiplos 'letramentos' (letramento jurídico, letramento de jogos, letramento musical, letramento acadêmico de vários tipos diferentes). As pessoas não apenas leem e escrevem em geral. Elas leem e escrevem tipos específicos de "textos" de maneiras específicas. E estes modos são determinados pelos valores e práticas de grupos sociais e culturais específicos. (Gee, 2015, p. 36)

Nessa esteira, é imprescindível os estudos sobre os letramentos, eis que dentro dos letramentos surgem categorias como os novos letramentos, multiletramentos, letramento digital, letramento crítico, letramento racial, letramento emocional, letramento de reexistência e que os estudos avancem, que surjam mais pessoas, professoras, professores, alunos e alunas façam que se debrucem nos estudos e

façam emergir outros letramentos, pois é importante considerar essa multiplicidade nas práticas pedagógicas, a fim de que a escola e a sociedade percebam que apesar de todo avanço cultural, ainda persiste uma dinâmica cultural, social que ainda é tão excludente, que segrega e que oprime e que para superarmos esses sistemas, precisamos nos multiletrarmos.

3.5 VELEJANDO NOS MARES DO LETRAMENTO DIGITAL

No mundo contemporâneo estamos totalmente imbuídos em uma era cada vez mais tecnológica. A presença das ferramentas digitais diante do avanço tecnológico alcança desde crianças a idosos e está cada vez mais presente nas convivências pessoais, escolares, profissionais. Nesse cenário, torna-se necessário velejarmos nos mares do letramento digital, visto que a tecnologia possibilitou e provocou um aprendizado de novos aparatos, recursos tecnológicos e, conseqüentemente, uma necessidade de aprendermos com e a partir de novas linguagens. Ribeiro e Coscarelli (2005, p. 1) sobre isso afirmam que:

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras.

Para tanto, o mundo virtual é dinâmico e se apresenta de várias formas, conseguindo nutrir inúmeras possibilidades de interação seja por meio de vídeos, áudios, aplicativos que permite de modo crescente que as pessoas tenham cada vez mais contato com diferentes textos de forma mais participativa. Diante dessa nova relação com a leitura e a escrita, Rojo (2013) denomina de autor o sujeito que passa de leitor a produtor de forma simultânea por meio das tecnologias digitais.

No cenário tecnológico, percebe-se que a digitalização ocupou, adentrou todos os espaços. A evolução tecnológica perpassa todos os segmentos e conseqüentemente novas práticas foram adotadas. Nesse sentido, torna-se pertinente observar o que preceitua Soares (2003), quando explica que o letramento digital é a utilização do computador e da *Internet* de forma efetiva, praticando a leitura e a escrita, não apenas de textos, mas também de imagens, símbolos *etc.* E para Xavier (2007, p.2) ser letrado digitalmente

[...] pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Quando o letramento digital é trabalhado no contexto escolar, alunas e alunos adquirem novas competências e habilidades que vão além do mundo das telas, uma vez que esses vão se apropriando de novos conceitos que poderão estar usando para além dos muros da escola. Seja na inserção do mercado de trabalho, seja na escolha da profissão. Sobre isso, Soares explica que

[...] novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. [...] a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um Letramento Digital [...] (Soares, 2002, p. 151).

No trabalho com o letramento digital, a linguagem é trabalhada por meio de aprendizagens específicas que permitem aos educandos experienciarem novas interações nos ambientes virtuais que ampliam o acesso a diversos textos que podem ser classificados entre textos mais simples, bem como com o hipertexto, que exigem outras conexões. Essa aproximação com a linguagem tecnológica amplia e produz novos conhecimentos e criam conexões plurais à medida que há diversos estímulos a cada *click* ou *touch* de forma linear ou não linear quando se trata de hipertextos porque leva em consideração que através dos hipertextos é possível ser direcionado a um vídeo, a uma imagem, a outro texto e/ou a outras conexões. De acordo com Pierre Lévi, considera-se o hipertexto

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda em nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode ser tão complicado quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (Lévi, 1993.p. 33).

Vale observar que o conceito de hipertexto surgiu na década de 1960, a partir dos estudos do filósofo e sociólogo Theodor Holm Nelson, já que diante do advento tecnológico, apareceram novas conexões nas quais o leitor participa de forma ativa, escolhendo as informações que pretende acessar e desse modo é possível realizar múltiplas leituras sem a necessidade de uma sequência a ser seguida. Nesse sentido,

é de suma importância que a escola invista nessa mediação tecnológica construindo novas rotas de aprendizagem e para isso, é preciso que professoras e professores desenvolvam práticas de aprendizagens que sejam relevantes, dialógicas, com finalidades de expandir a leitura e a escrita no ambiente digital.

Sobre isso, Coscarelli e Ribeiro (2007, p. 9) relacionam o Letramento Digital à prática de leitura e escrita e o definem como a ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital, tanto para ler quanto para escrever. Ainda segundo Coscarelli (2007), os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para a nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula.

Por meio dos recursos interativos e multimodais é preciso que eles sejam tanto semióticos quanto sociais e assim atribuir sentido, significados a partir de seu contexto sócio-histórico-ideológico. Por isso, é importante que a escola esteja atenta para alinhar o projeto político pedagógico considerando a prática docente em favor de uma participação ativa dos alunos que propicie a utilização das tecnologias de forma intencional e que coloquem de forma prática o letramento digital, seguido de um aprofundamento sobre as reais necessidades dos alunos, contribuindo para uma participação mais ativa, visto que por meio da interação da linguagem e uso das tecnologias é possível permitir um aprendizado diverso.

O fato é que os recursos digitais são inúmeros e contemplam desde vídeos, áudios, textos, *softwares*, aplicativos e outros. Sendo assim, é imprescindível que o letramento digital permita não apenas o entendimento do uso e manuseio dos recursos digitais, mas que permita um aprendizado que torne o aprendiz protagonista do conhecimento adquirido. Segundo Coscarelli (2007),

A escola precisa encarar seu papel, não mais apenas de transmissora de saber mas de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é preciso que a escola abra mão de um conteúdo ou de uma “matéria” rigidamente predeterminada e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção do conhecimento. Assim, conseguiremos a partir do que os alunos já sabem (e não do que já deveria saber ou do que a escola acredita de antemão que eles não saibam) e ajudá-los a conquistar novos espaços (Coscarelli, 2007, p. 32).

Nesse cenário, professora(e)s e aluna(o)s são convidados a aprender com criticidade, questionando e buscando novas propostas de desenvolvimento e desse

modo, indo além do que é posto, como afirma Krees (2003), é preciso que os espaços escolares busquem superar os desafios e ressignificar novas práticas pedagógicas que atendam aos interesses e demandas sociais, de modo a fazer sentido e que dialogue com questões que problematizam o contexto no qual estão inseridos, a fim de enxergar que o letramento digital permite ir além do simples uso e manuseio da tecnologia. Seguindo os preceitos teóricos de Kleiman (2013),

As novas tecnologias são importantes meios para o surgimento de novos letramentos (...) que deslocaram a centralidade de documentos e livros impressos, impulsaram a constante criação e renovação de gêneros na comunicação e motivaram a criação de novos modos de aproximação, consumo e produção de textos. Ocupam lugar central nessa mudança as tecnologias digitais, que abrem novos espaços de interação e de comunicação a distância, fatos que se refletem nas pesquisas, pois os estudos sobre os multiletramentos giram, em sua grande maioria, em torno das tecnologias digitais, por um lado, e das transformações sociais por elas provocadas, por outro. Considerando seu impacto nas relações sociais e nos nossos modos de interagir, esse interesse faz pleno sentido: a pesquisa e o ensino sobre a escrita precisam incorporar as tecnologias do século XXI, inclusive para fins aplicados, isto é, para atender às diferentes necessidades dos que estão começando seus percursos letrados: maciçamente, crianças e jovens em idade escolar (Kleiman e Sítio, 2016, p.170-171).

Diante do exposto, é preciso democratizar o acesso ao mundo digital, ao letramento digital indo além da digitação, perpassando o domínio do uso das tecnologias, bem como reconhecendo e criando possibilidades de inclusão digital oferecendo subsídios de modo que o letramento digital não fique restrito a uma classe dominante, mas que seja esse uma ferramenta de inserção social sobretudo para aqueles alunos menos favorecidos. Afinal, se o mundo está cada mais digitalizado, todas as pessoas precisam ter acesso às ferramentas necessárias para agir nesse mundo, sem ficar à margem e tampouco à mercê de quem detém esse conhecimento.

3.6 LETRAMENTO DIGITAL COMO UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL SOB UMA PERSPECTIVA FREIRIANA

A desigualdade social do nosso país é uma realidade que exclui muitas pessoas do advento tecnológico. Sabemos que ainda é negado a muitos educandos e educandas o direito de ler, escrever, interagir digitalmente da forma devida. Muitos discentes não tiveram/têm a oportunidade de ter contato com o letramento digital de forma mais aprofundada. De um lado temos uma parcela social que ainda em tenra idade já tem contato com as telas, *clicks* e *touches*, muito antes de sequer aprender a manusear um lápis. Mas não podemos nos esquecer daqueles que não têm o que

comer, o que vestir, quanto mais um computador com acesso à *internet* e tampouco um celular em casa e que vive em um cenário totalmente excluído social e digitalmente.

Ademais, muitas escolas, em especial as públicas, ainda carecem de recursos tecnológicos suficientes ou quando há uma certa quantidade de recursos disponíveis no ambiente escolar falta formação docente e prevalece o sentimento de insegurança para que os docentes possam mediar, utilizar e inserir as novas ferramentas. O fato é que à medida que não é dada a oportunidade desse aprendizado para aqueles que só usufruem de recursos tecnológicos no ambiente escolar, nega-se ao aluno o acesso ao letramento digital. Desse modo, é preciso repensar o letramento digital a fim de que esse seja também mais um instrumento de transformação social. Nesse sentido, é pertinente observar o que preceitua Rodrigues (2016):

[...] se negarmos aos alunos o acesso à linguagem, aos gêneros e aos letramentos dominantes, estaremos contribuindo para a sua exclusão dos espaços sociais cujas interações são mediadas por essa linguagem e esses gêneros, uma vez que, sem esse domínio, sua interdição nesses espaços acontecerá na e pela linguagem (Rodrigues, 2016, p. 149, grifo meu).

Ademais, Coscarelli (2010) destaca que por meio das novas tecnologias, os leigos digitais passam a ter oportunidade de ler e escrever numa outra perspectiva, mais comum aos chamados nativos digitais¹⁵. Sendo importante frisar que nem sempre os alunos mais jovens, que podem até ter nascido em uma geração mais tecnológica usufruem e comungam desse conhecimento. Embora já exista um número crescente de pessoas que acessam a *internet*, que têm computador e *smartphone* essa ainda não é uma realidade para todos os discentes, sobretudo das escolas públicas. Além disso, a pandemia da Covid 19 veio desvelar essa realidade em que muitas famílias sequer tinham computador, *internet*, muitas vezes até mesmo um celular para acompanhar as aulas. Sem falar naquelas pessoas que assistiam aulas em dias intercalados para poder dividir o celular com o/a irmão/irmã.

Nesse contexto, Mendes e Sacramento (2018) defendem que é necessário que a professora e o professor compreendam a realidade que o cercam e a interpretem de modo que decida de que maneira poderá ser feita uma intervenção nessa realidade

¹⁵ A definição de nativos digitais foi desenvolvida por Marc Prensky para definir aqueles que nasceram em meio às tecnologias e por isso tem uma maior naturalização para lidar com as demandas tecnológicas.

e promover mudanças significativas. Compreendo, portanto, que o aprendizado humaniza, emancipa e a escola não pode ficar omissa diante dessa relevância e precisa lutar para que haja um maior investimento na formação docente e nos recursos tecnológicos nas unidades escolares para que os nossos meninos e meninas que não dispõem de recursos financeiros recebam a mesma oportunidade de igualdade pelo menos no ambiente escolar. Como disse oportunamente Freire (2001):

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quem. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação (Freire, 2001, p. 98).

Partindo dos pilares freirianos, corroboro com o pensamento de uma educação que emancipa e que é dialógica. E como afirmam Coscarelli e Kersch (2016), a era digital é um tempo que pede um novo(a) professor(a). Quando se compreende que a educação é movimento político, é preciso usar dessa força para promover uma educação inclusiva e libertária e que busca desenvolver o senso crítico dos educandos a fim de que esses sejam protagonistas do processo de aprendizagem e que por meio do conhecimento adquirido possam intervir socialmente. Pois, conforme bem elucidada Coscarelli (2007),

[...]com a internet os alunos podem ter acesso a muitos jornais, revistas, museus, galerias, parques, zoológicos, podem conhecer muitas cidades no mundo inteiro, podem entrar em contato com autores, visitar fábricas, ouvir músicas, ter acesso a livros, pesquisas, e mais um monte de outras coisas que não vou listar, por serem infinitas as possibilidades. Podemos e devemos usar o computador como meio de comunicação como fonte de informação, que ajudará os alunos a responder suas perguntas, a levantar novos questionamentos, a desenvolver projetos e a confeccionar diversos produtos. **Será que algum aluno brasileiro deve ser privado desse mundo de dados? Não estariam contribuindo para a exclusão aqueles professores que acreditam que informática não é realidade dos nossos alunos?** (Coscarelli, 2007, p.28, grifo meu).

É oportuno problematizar o pensamento de Coscarelli à luz da ótica freiriana, uma vez que por muitas vezes há alunos que ficam à margem, ficando totalmente distantes desse processo de aprendizagem no âmbito do letramento digital seja porque não há recursos suficientes nas escolas, seja porque não há formação docente com essa finalidade, ou até mesmo por insegurança do trabalho docente. E diante dessas e outras realidades a gente se acostuma a não enxergar a importância desse aprendizado justamente para aqueles que mais necessitam dele. Como preceitua

Freire e Shor, (2008, p. 25), a sala de aula libertadora é exigente, e não permissiva. Exige que você pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente. Isto é, enquanto docente a gente precisa tornar a nossa sala de aula um espaço de humanização, de emancipação e discussões e debates que precisam ser constantes em prol de um aprendizado significativo.

Cabe, então, a nós professores, sobretudo das classes populares, criarmos formas de incluir nossos alunos nessa viagem e para isso, devemos dar a eles os equipamentos necessários para serem bem-sucedidos nessa empreitada. Digitar é apenas um item, mas é um grande passo. Será que os alunos das camadas populares vão continuar saindo da escola sem saber digitar, e muitas vezes sem saber ler e escrever, como sabemos que acontece frequentemente (Coscarelli, 2007, p. 29).

Ainda é bastante comum encontrar alunos e alunas da rede pública com dificuldades no mundo das telas, principalmente aqueles alunos do noturno que ficaram muito tempo sem frequentar a escola e que retornam com sérias fragilidades de leitura e escrita e que não podem permanecer nessa condição porque a escola precisa construir e adaptar o letramento digital também para esses a fim de que a escola cumpra seu papel de transformação e inclusão social. Desse modo, corroboro com Freire quando nos diz que,

[...] é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens, relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (Freire, 1980, p. 39).

A sala de aula precisa ser um espaço democrático e que possibilite aos alunos uma participação efetiva e afetiva. Para Freire (2001, p. 67) a humanização em processo não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante, é práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Desse modo, acredito que é preciso ter um olhar sensível, direcionado para aqueles que estão em condição de vulnerabilidade, que são repetidamente excluídos e muitas das vezes são levados e dominados por um sistema opressor que reproduz diuturnamente a desigualdade. Nessa perspectiva, é imprescindível trazer à luz o pensamento freiriano no âmbito do letramento digital a fim de viabilizar uma educação emancipatória que considere as especificidades de modo a não continuar excluindo social e digitalmente a quem tanto precisa desse conhecimento também para transformar a sua vida.

3.7 (MULTI)LETRAMENTOS E OS DOCUMENTOS OFICIAIS

A pedagogia dos multiletramentos visa um ensino/aprendizagem em que o discente, dentre outros aspectos, deve ser o protagonista do processo educacional. Nesse contexto, a escola precisa oportunizar vivências multifacetadas a fim de que os educandos adquiram novas habilidades. Após leituras e pesquisas realizadas, foi possível identificar nos documentos oficiais como é apresentado (ou não) os multiletramentos. Pudemos perceber que nos Parâmetros curriculares Nacionais-PCN embora não cite o termo multiletramentos, observei que há um direcionamento a respeito do quanto é importante que a escola promova e cumpra a sua função de contribuir que o alunado construa novas habilidades de forma crítica e que dominem as tecnologias relacionando com diversidade e aprendam a criar e comunicar-se criticamente. Sendo assim, segundo os Parâmetros curriculares Nacionais-PCN:

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a **tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos** de transformação e construção da realidade, deve estar aberta e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Ao mesmo tempo que é fundamental que a instituição escolar integre a cultura tecnológica extra-escolar dos alunos e professores ao seu cotidiano, é necessário desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos de sua cultura. Hoje, os meios de comunicação apresentam informação abundante e variada, de modo muito atrativo: os alunos entram em contato com diferentes assuntos – sobre religião, política, economia, cultura, esportes, sexo, drogas, acontecimentos nacionais e internacionais –, abordados com graus de complexidade variados, expressando pontos de vista, valores e concepções diversos. Tanto é importante considerar e utilizar esses conhecimentos adquiridos fora da escola, nas situações escolares, como é fundamental dar condições para que eles se relacionem com essa diversidade de informações.

O maior problema não diz respeito à falta de acesso a informações ou **às próprias tecnologias que permitem o acesso, e sim à pouca capacidade crítica e procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informações e recursos tecnológicos.** Conhecer e saber usar as novas tecnologias implica a aprendizagem de procedimentos para utilizá-las e, principalmente, de habilidades relacionadas ao tratamento da informação. Ou seja, aprender a localizar, selecionar, julgar a pertinência, procedência, utilidade, assim como capacidade para criar e comunicar-se por esses meios. A escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano. (BRASIL, 1998)

Utilizar as diferentes linguagens-verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal- como meio de produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (PCN, 1997, p.55-56, grifos meus).

Conforme pode ser observado, os PCN apresentam por meio do seu texto sobre a importância da escola exercer a sua função social, formando discentes para o exercício da cidadania e que por meio dos conhecimentos adquiridos utilizem o conhecimento aprendido correlacionando à cultura e às experiências dos alunos e das alunas. Também é válido destacar a importância de se conhecer e de se apropriar das tecnologias de forma crítica e que a partir dela sejam capazes de criar e comunicar-se nas mais diversas situações comunicativas.

Já a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) apresenta quatro seções na área de Linguagens e tecnologias que apontam:

Explorar as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede (Brasil, 2017, p. 489, grifos meus).

É possível perceber que os textos dialogam entre si e destacam a importância de utilizar as práticas de linguagens mediadas pela tecnologia nos mais diferentes contextos, avaliando as práticas pedagógicas de modo crítico, reflexivo a fim de que sejam exploradas e utilizadas várias linguagens. Nesse sentido, é importante salientar sobre o quanto é importante que a escola se aproprie dos usos das tecnologias de forma mais efetiva, propicie e crie estratégias metodológicas de modo a garantir uma articulação com o que preconiza os documentos normativos, uma vez que a BNCC esclarece e ratifica a importância da leitura e da escrita de maneira que possibilite a produção do conhecimento de modo que os educandos possam desenvolver as funcionalidades da linguagem explorando a variedade linguística.

Ademais, é pertinente constatar também o que foi estabelecido na Base Nacional Comum Curricular na etapa do Ensino Médio-BCNEM, regulamentada por meio da Resolução de nº4, de 17 de dezembro de 2018, visando ampliar a qualidade de ensino, traz expresso no seu texto direitos de aprendizagens que devem ser garantidos aos educandos. Vejamos o excerto abaixo:

I-Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e **digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.**

II-Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

III- **Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais,** e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

IV- Utilizar **diferentes linguagens - verbal** (oral ou visual -motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

V – **Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica,** significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

VI- Valorizar a **diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho** e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

VII- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e **defender ideias, pontos** de vista e decisões comuns, que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

VIII- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na **diversidade humana e reconhecendo suas emoções** e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

IX- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

X – Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com **base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários** (BRASIL, 2018, p.4, grifos da autora).

Partindo dos pressupostos basilares dos letramentos, multiletramentos e novos letramentos, é possível verificar que a BCNEM apresenta com clareza no seu texto o quanto é preciso criar vivências artísticas, culturais, bem como conhecer e apropriar-se das tecnologias a fim de utilizá-la não apenas pensando na máquina, no *software* e/ou no recurso tecnológico, mas que o conhecimento esteja sempre atrelado à valorização das experiências, que seja um espaço de construção do saber que respeita a diversidade humana de modo a entender, acolher, valorizar e democratizar os diferentes saberes.

A partir de agora, tendo explanado sobre os conteúdos que alicerçam este trabalho, passarei a discorrer sobre os mares navegados e como foi a nossa trajetória em busca dos questionamentos da pesquisa.

4. ROTA METODOLÓGICA

4.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A fim de compreender melhor o percurso seguido, realizei uma pesquisa qualitativa para entender/interpretar os dados gerados e, sobretudo, identificar as implicações nas práticas pedagógicas adotadas no cenário educacional pandêmico estabelecido no Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso, através das informações fornecidas pelas navegantes: professoras que vivenciaram a experiência de lecionar durante a pandemia de covid19. Para tanto, a presente pesquisa de abordagem qualitativa busca investigar os aspectos subjetivos, sociais, bem como refletir sobre comportamentos e experiências das participantes envolvidas, incluindo a pesquisadora deste estudo.

Demo (1998, p. 101) afirma que “...a pesquisa qualitativa significa, na esteira de nossa argumentação, o esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa”. Nesse ínterim, torna-se pertinente pensar de forma criativa possibilidades de questionar sobre o fenômeno a ser pesquisado. Outros autores, como Silveira e Fernanda Córdova (2009), também compreendem que a pesquisa qualitativa se centra na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Denzin e Lincoln, por sua vez, afirmam que a:

Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Estas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembretes para a pessoa. Neste nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem (Denzin e Lincoln, 2011, p.3 *apud* Creswell, 2014, p.49).

Partindo do pressuposto da natureza da pesquisa em questão, vislumbra-se que por meio da pesquisa qualitativa buscar entender os resultados, analisando-os sob diferentes pontos de vista e em diálogo com o referencial teórico apresentado, além de ter uma proposta mais flexível e dinâmica. Como corrobora Brandão (2001), a pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que as pessoas atribuem ao

mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo, tentando interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos *etc.*). Como afirma Minayo (2016, p. 68),

É bom que nos lembremos, mais uma vez, que no campo, assim como durante todas as etapas da pesquisa, tudo merece ser entendido como fenômeno social e historicamente condicionado: o objeto investigado, as pessoas concretas implicadas na atividade, o pesquisador e seu sistema de representações teórico-metodológicas, as técnicas de pesquisa e todo o conjunto de relações interpessoais e de comunicação simbólica.

Isto posto, nota-se que por meio da pesquisa qualitativa tudo merece ser devidamente compreendido. Sendo assim, é possível dialogar com estratégias diversas de investigação de forma mais interativa, uma vez que o problema a ser investigado não precisa apoiar-se em instrumentos rígidos. Nesse caso, o pesquisador como preceitua Tozoni- Reis (2007) é o protagonista e ao mesmo tempo parte essencial de suas pesquisas.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa tem uma maior liberdade para realizar os estudos e analisar os dados, problematizando, articulando e simultaneamente construindo novos conhecimentos. Para tanto, por entender que o presente trabalho visa analisar e refletir sobre as informações geradas de forma contextualizada, compreendendo os processos sociais, culturais e aliando-se a outras áreas do conhecimento, empreendi uma pesquisa documental e optei pela autoetnografia e pelo estudo da memória, tendo em vista resgatar as nossas vivências e as nossas memórias.

4.2 PESQUISANDO OS DOCUMENTOS

A pesquisa realizada no Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso que foi conduzida por mim, uma professora de alma inquieta, defensora da escola pública e que ao longo do percurso encontrou três novas passageiras que também são navegantes nos mares da educação pública no Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso e que prontamente aceitaram o convite de navegar comigo nessa empreitada. Juntas construímos, problematizamos, discutimos e empreendemos os nossos olhares ao aprendizado de novas práticas pedagógicas de forma crítica, reflexiva em torno de nossas vivências e experiências durante o período pandêmico. Desse modo, para responder aos questionamentos desta caminhada, optei por seguir a rota da

pesquisa qualitativa, utilizando como objeto de análise a autoetnografia e os estudos da memória.

Para alcançar os objetivos propostos deste estudo, priorizei realizar num primeiro momento a pesquisa documental. Por considerar que seja importante refletir sobre os documentos, uma vez que o presente estudo trata de um contexto que ficará para sempre marcado, seja na memória daqueles que viveram, enfrentaram a pandemia da Covid-19, ou seja nos livros como um fato histórico. Sendo assim, acredito ser relevante compreender os vários documentos, tais como resoluções, portarias, reportagens, imagens a fim de levantar dados para fundamentar a pesquisa. Como pontua, Gil (2002), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser considerada uma fonte rica e estável de dados. Para Neves (1996), a pesquisa documental é:

[...] constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Pode oferecer base útil para outros tipos de estudos qualitativos e possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados (Neves, 1996, p.3).

Dessa maneira, ciente do foco de estudo e dos objetivos da presente pesquisa, busco refletir por meio da pesquisa documental acerca dos documentos encontrados, com um olhar crítico-dialógico diante de todo material que foi encontrado, descrevendo, comparando os acontecimentos/fatos que ocorreram ao longo do período da educação remota em detrimento do isolamento provocado pela pandemia da Covid-19. Nesse sentido, como propõe Godoy (1995) um dos aspectos a ser levado em consideração na pesquisa documental é a escolha, que não pode ser feita aleatoriamente. Destarte, é pertinente dizer que foram selecionados os documentos essenciais, sobretudo, para o contexto da educação, tendo em vista que não seria possível contemplar todas as nuances e segmentos do referido pandêmico. Sendo assim, o presente estudo deu prioridade aos documentos que colaboraram/interferiram/prejudicaram o segmento educacional, uma vez que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (Cellard, 2008, p.295).

Para tanto, busquei não apenas documentar, bem como compreender as informações, considerando ser relevantes para contextualizar os fatos analisando sob a ótica da pesquisa qualitativa mediante uma perspectiva memorialística dos acontecimentos que ocorreram durante a pandemia da Covid-19. Diante disso, na seção a seguir explicaremos a escolha também da pesquisa qualitativa.

4.3 PESQUISA AUTOETNOGRÁFICA E MEMÓRIAS

Na condição de professora-pesquisadora, estou totalmente imbuída no *lócus* da pesquisa. Sendo assim, pretendo, com a realização deste trabalho, compartilhar, narrar e refletir juntamente com as demais navegantes desta pesquisa as minhas/nossas vivências, memórias, inquietudes, provavelmente, diante do maior desafio que a educação já enfrentou: ser professora numa pandemia. Desse modo, considere a autoetnografia e o estudo da memória como metodologias para geração de dados, tendo em vista que ambas serão importantes para atender aos objetivos desta pesquisa a fim de possibilitar um maior envolvimento da pesquisadora na condução do desenvolvimento deste trabalho.

Para Versiani (2005) a autoetnografia pode ser uma alternativa textual para aqueles que querem deixar aflorar a subjetividade como uma dimensão instável da experiência pessoal, que é construída em processo permanente e no diálogo que se estabelece com outros sujeitos. Nesse cenário, observo que estou ciente da minha responsabilidade social como professora e com o espaço e corpo que eu ocupo, decidi conduzir a presente pesquisa com o olhar da subjetividade, da inquietude que me move e não como uma mera observadora a fim de contribuir e dar escuta a uma comunidade escolar localizada no interior do Piemonte da Chapada, por meio de um processo construído coletivamente. Sendo pertinente ressaltar o que preceitua Ellis (2016) sobre os trabalhos autoetnográficos, os quais nos fazem compreender que:

Os autores não usam experiências pessoais apenas para descrever ou facilitar a compreensão sobre experiências culturais ou para fazer o importante trabalho de se mover através da dor, confusão e raiva, ou para quebrar silêncios e recuperar vozes e identidades. Em vez disso, eles usam experiências pessoais para promover a mudança social, obrigando os leitores a pensar sobre experiências culturais assumidas de maneiras surpreendentes, únicas e muitas vezes problemáticas e, além disso, tomar novas e diferentes ações no mundo com base nos insights gerados pela pesquisa (Ellis, 2016, p.3).

Por isso, irei apresentar-me dialogando com as colegas que também enfrentaram e viveram a experiência de ser professora durante o período de isolamento em virtude da COVID-19. Espero que os nossos relatos e as nossas histórias possam nos fazer repensar e também provocar reflexões sobre as nossas práticas pedagógicas e sobre o que experienciamos durante o ensino remoto. Que possamos juntas quebrar paradigmas na condução e desenvolvimento da presente pesquisa e contribuir com o debate e reflexão sobre a ausência/ presença, bem como a importância dos letramentos digitais nas nossas práticas educativas.

Para isso, adotei a escrita autoetnográfica, pois, conforme explica Eriksson (2010, p. 93), não se trata de adentrar o universo do outro, daquele que é diferente ou estranho para nós, mas de observar como nós mesmos e nossas práticas emergem a partir de determinado grupo ou contexto. Na pesquisa autoetnográfica, a pesquisadora exerce um papel familiar, posto que é membro do grupo pesquisado. Como observam Doloriert e Sambrook (2009), pesquisar as próprias práticas tem algumas vantagens em termos de acessibilidade, custos e gerenciamento do estudo. Então, dentro deste contexto iremos analisar e aguçar, problematizar sobre os dados que serão gerados.

Ainda, segundo Ellis; Adams, Bochner (2015, p. 250), a autoetnografia é ao mesmo tempo, processo e produto. A partir dessas reflexões, busco compreender os desafios enfrentados dentro do espaço que me transforma diariamente e não queria ser apenas observadora, mas participante, e, por isso, resolvi juntamente com as demais navegantes discutir, refletir acerca do letramento digital diante do ensino remoto e das implicações desse diante da adoção do ensino remoto dentro do nosso próprio contexto: O Colégio Estadual de Junco. Nesse sentido, é oportuno destacar que as sujeitas envolvidas comigo nessa trajetória são professoras do Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso. Conforme Eriksson (2010, p. 97)

Ao fazer pesquisa em meu próprio quintal cultural, já sou considerado um insider, aceito como uma parte natural do sistema. Tenho um bom ângulo de visão e minha presença não incomoda o sistema social de nenhuma maneira anormal. Sou um verdadeiro nativo. [...] Facilmente me misturo. Um pesquisador vi de fora poderia ser um observador mais óbvio e intruso, influenciando as ações das pessoas em maior grau.

Um dos motivos que me fizeram também optar pela autoetnografia se deu pela flexibilidade na estrutura textual como bem pontua Mendez (2013, p. 281), a estrutura retórica por meio da autoetnografia pode ser variada desde textos literários formais

até relatos ou narrativas mais informais. Diante do contexto que a pesquisa trata busquei, através dos dados, narrar, contar as memórias e experiências do que vivenciamos ao ser professora durante a pandemia da Covid-19.

No entanto, é pertinente frisar o que afirmam Doloriert e Sambrook (2009, p. 30), quando ressaltam que nesta relação entre o pesquisador e o pesquisado, o auto se torna também o etno, pois o observador é parte integrante do grupo observado. Nesse sentido, haverá momentos em que terei um olhar de observação e em outros estará expresso a minha voz enquanto participante desta pesquisa, a fim de externar as minhas vivências, minhas memórias, bem como me confrontar com o entendimento e experiências das demais colegas participantes da pesquisa.

É de grande valia observar que, de modo concomitante, adotei a memória como um método de pesquisa, tendo em vista que estamos rememorando um período que ficará para sempre marcado na história. Sendo assim, estamos ao longo de todo trabalho, buscando trazer as lembranças de como foi ser professora em um período pandêmico e deixando aflorar os sentimentos, os medos e aprendizados que tivemos durante as vivências e mudança intempestiva de rotina, de práticas pedagógicas impostas pela pandemia da Covid-19, já que:

Recordar é, então, precisamente não lembrar acontecimentos de forma isolada. É ser capaz de formar sequências narrativas com sentido. Em nome de um determinado compromisso narrativo tenta-se integrar fenômenos isolados, ou estranhos, num único processo unificado (Connerton, 1999, p. 30).

Ao utilizar a memória como um método de pesquisa, leva-se em conta as recordações das narrativas, dos sentimentos dos participantes que estão envolvidos na investigação. Através da escuta é preciso estar preparada para acolher as emoções que serão resgatadas no desenvolvimento da pesquisa e que as análises e interpretações nem sempre serão realizadas por meio do que foi dito, tendo em vista que o silêncio também pode ser uma resposta ao que foi perguntado. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória não é um fenômeno estritamente individual, mas um fenômeno coletivo, que influencia as lembranças dos indivíduos.

As contribuições da memória para a sociedade são reconhecidas desde a Grécia Antiga. Vernant (1973) observa que a memória já foi considerada a deusa Mnemosyne, uma entidade sobrenatural. Diante disso, torna-se primordial relembrar que as histórias narradas nos livros só existem porque alguém resolveu materializar por meio da escrita. Como diz Arendt (2009), a memória é um imponente fora de um

quadro de referência preestabelecido. A autora defende que na condição de seres humanos, a memória deve ser referenciada, uma vez que nós temos a capacidade de reter as informações de formas organizadas, somente em raríssimas exceções que isso não acontece.

Por acreditar que a memória pode ser utilizada como instrumento histórico, entendo que esse método atende aos objetivos da construção e desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, utilizo as fontes produzidas de forma intencional, objetivando registrar de que modo as participantes enfrentaram a pandemia e o ensino remoto.

As fontes resultam da ação histórica do homem e, mesmo que não tenham sido produzidas com a intencionalidade de registrar sua vida e o seu mundo, acabam testemunhando o mundo dos homens em suas relações com outros homens e com o mundo circundante, a natureza, de forma que produza e reproduza as condições de existência e de vida (Lombardi, 2004, p.155)

À medida que as memórias são registradas, elas tornam-se fontes orais que podem ser documentadas e diante disso cria-se possibilidades de produzir e reproduzir a história e o conhecimento. No cenário da pesquisa em questão, as narrativas das vivências vividas pelas navegantes durante a tempestade da Covid-19, nos faz reviver e comparar os olhares à luz das quatro participantes, que trazem consigo uma bagagem vasta de elementos, de características que não podem ser desconsiderados, tendo em vista que o papel que foi exercido pelas docentes deixou marcas não apenas no legado educacional, mas também histórico.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreira que existem entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (Thompson, 1992, p. 22).

Dentre as finalidades do resgate memorialístico, é possível adentrar, aprofundar novos campos de investigação e como afirma Bobbio, “[...] somos aquilo que lembramos” (Bobbio, 1997, p. 28). Sendo assim, por meio do levantamento das memórias, é possível compreender as percepções e buscar novas práticas educativas que contribuam inclusive com o conhecimento de forma materializada e para além dos muros da escola.

Ao utilizar o estudo das memórias, explorei os relatos das professoras participantes que ocorreram mediante a resposta aos questionários, bem como da roda de conversa intitulada: “Narrativas memorialísticas de um período pandêmico” e das entrevistas que foram realizadas individualmente. Para uma melhor análise dos dados, a roda e as entrevistas foram transcritas a fim de manter vivo os sentimentos, as aprendizagens, as dificuldades que nos marcaram ao encarar o ensino remoto em um período de isolamento no qual e diariamente morriam inúmeras pessoas e tínhamos que seguir a vida trabalhando.

Diante desse contexto, torna-se imprescindível recuperar as memórias e deixá-las registradas nesse trabalho a fim de que esses fatos não se percam e que sejam reavivados daqui a alguns anos, quando alguém tiver a curiosidade e o interesse de saber como foi todo esse processo que vivemos. A materialização das nossas lembranças é um interesse desta pesquisa para que as pessoas saibam essa história contada por quem de fato viveu.

Sendo assim, o método da memória torna-se um aliado para que juntas possamos contar essa história de forma científica, acadêmica e que serão desveladas ao desenvolver deste trabalho por meio do resgate das memórias, no entanto, com novas percepções sobre o que enfrentamos. Como afirma Pollak (1992),

A organização da memória é em função das preocupações pessoais e políticas do momento... o que a memória individual grava, recalca, exclui, lembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização... e do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela [a memória] é também um fator extremamente importante de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos (Pollak, 1992, p. 204-205).

Pretende-se por meio das recordações e lembranças resgatar o contexto histórico, político, social, uma vez que essas também constituem ferramentas importantes para a investigação do problema que está sendo estudado. Inclusive, é oportuno dizer que relembrar que a memória sempre teve um papel importante seja para a história geral, como também para a história da educação. Diante do exposto, finalizo essa seção informando que apresento a seguir os instrumentos que foram utilizados para geração de dados. É oportuno dizer que por meio dos dados gerados, pretendo refletir acerca do letramento digital. E partindo desse viés autoetnográfico e memorialístico, objetivo repensar a minha metodologia, a minha forma de ver o letramento digital, a fim que essas transformações que tanto almejamos comecem

também a partir de mim, nas minhas ações, nos meus planejamentos, no meu exercício direto enquanto professora e, em especial, das minhas memórias e reflexões. Penso que a mudança que tanto almejamos só faz sentido, se ela começa a partir de nós.

4.4 INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS

Entendo que a escolha teórico-metodológica perpassa um percurso sensível direcionado às expectativas de execução da pesquisa. Por isso, nos misturamos no desenvolvimento da realização dessa pesquisa a fim de que possamos refletir, discutir também a respeito dos conceitos da Linguística Aplicada, do ensino remoto e tecnologias digitais de informação e Comunicação (TDIC), dos letramentos, dos multiletramentos e da Formação de professora(s) no âmbito do letramento digital. Desse modo, parafraseando Erickson (2010), a nossa pesquisa foi realizada no “nosso próprio quintal”, “no chão da nossa sala”, no espaço que ficamos muitas vezes mais tempo do que a nossa própria casa. Para tanto, foram utilizados os seguintes instrumentos de geração de dados:

1. Estudo dos documentos, tais como: diretrizes e portarias adotadas durante a adoção do ensino remoto;
2. Questionários que foram respondidos pelas participantes da pesquisa, incluindo a pesquisadora;
3. Entrevista Semiestruturada;
4. Roda de narrativas memorialísticas do período pandêmico;

De acordo com o exposto, e para melhor organização dos procedimentos, elaborei um quadro que apresenta os instrumentos de registros de dados a fim de especificar como se caracterizam e como foram os modos de aplicação. Em seguida, apresento o espaço do CEJ, mas não apenas como professora, mas como uma pesquisadora curiosa e que muito investigou esse contexto. Seguiremos, portanto, nessa travessia da seguinte forma:

Quadro 04- Instrumentos de registros de dados

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS	CARACTERIZAÇÃO	PARTICIPANTES	APLICAÇÃO
Estudo das diretrizes e portarias adotadas durante a adoção do ensino remoto no âmbito federal e estadual.	Leitura e análise dos decretos e portarias publicadas na rede estadual da Bahia durante a adoção do ensino remoto	Apenas a sujeita-pesquisadora.	Pesquisa individual que será realizada através da leitura, análise e interpretação dos dados coletados;
Questionários	Perguntas abertas e fechadas sobre as percepções das participantes da pesquisa durante a adoção do ensino remoto do período pandêmico.	Destinado às quatro participantes.	As participantes da pesquisa receberam o questionário via <i>google forms</i> e o responderam durante um período estipulado.
Entrevistas Semiestruturada	Foram realizadas perguntas semiestruturadas que visaram a compreender a ausência/presença dos letramentos e dirimir algumas dúvidas que porventura tenham surgido durante a leituras das respostas dos questionários.	Destinado às quatro sujeitas envolvidas	As participantes da pesquisa irão realizar a entrevista em um momento programado para a execução da atividade.
Rodas de narrativas memorialísticas do período pandêmico;	Foi realizada a experiência da roda a fim de permitir a expressão dos	Destinado às quatro participantes envolvidas	As participantes reuniram-se em encontro programado para

	sentimentos que foram vivenciados ao longo do período pandêmico e que serão compartilhados em nossas rodas.		realizar a roda de conversa a fim de registrar dados para a pesquisa sobre as vivências do período pandêmico.
--	---	--	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora deste trabalho.

4.5 NOSSO NAVIO: O COLÉGIO ESTADUAL DE JUNCO/ANEXO PARAÍSO

É crucial situar o *lôcus* da pesquisa, mais precisamente, a unidade escolar, o Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso, o qual é também o meu campo de atuação profissional que está localizado na Avenida Santa Rosa de Lima, Centro, em Paraíso, distrito do município de Jacobina, situado a trinta quilômetros da sede da cidade. A referida unidade escolar pertence ao Núcleo Territorial Regional- NTE 16- Piemonte de Diamantina II.

Mas é conveniente lembrar que a implantação do ensino médio na comunidade, por um determinado período era ofertado sobre a responsabilidade do município de Jacobina. Assim, por se tratar de um anexo, quando foi implantada a oferta do ensino médio, não tinha prédio próprio, por isso funcionou por um bom tempo dentro das instalações do Colégio Municipal Elvira. E desde a sua criação, os professores que ministravam aulas para as/os aluna(os) do ensino médio, eram professoras e professores que pertenciam ao corpo docente da rede municipal de Jacobina.

Apenas em 2014, passou a fazer parte da rede estadual de Educação de Junco. Com a estadualização do Ensino Médio de Paraíso se estabeleceu uma parceria onde o Município entraria com o espaço físico e o transporte, enquanto que a rede estadual ficaria responsável pelas demandas pedagógicas, a disponibilização de professoras(es) e as demais despesas. Foi então criado dentro do Colégio Municipal Elvira, um anexo do Colégio Estadual de Junco. Nesse espaço funcionou o anexo até o ano de 2020. Os horários das aulas da rede estadual ocorriam no turno vespertino e noturno e de forma simultânea com as aulas da rede municipal. Apenas mudavam os pavilhões.

Por não estarmos dentro do nosso próprio espaço, ficávamos com o que “sobrava”. Então, as salas eram localizadas no pavilhão mais quente da escola, sem

qualquer tipo de ventilação. O barulho sempre foi companheiro constante nas aulas (tanto do lado interno, quanto externo). O calor sempre deixava os alunos inquietos, principalmente no período vespertino e com frequência muitas alunas traziam das próprias casas ventiladores para conseguirem assistir às aulas com mais comodidade. Entretanto, em 2020, o Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso, conseguiu o seu espaço próprio, onde anteriormente funcionava uma creche municipal. E, atualmente, atende a um público de mais de duzentos estudantes e funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

As alunas e os alunos que pertencem à comunidade escolar residem no distrito de Paraíso e também em povoados próximos. Há alunos do Escôncio, dos povoados Estrada Nova, Itapeipu, Jureminha, Varginha, Pedra Branca, Pau Ferro, Patos e do Contorno Novo. Quanto aos docentes, trabalham na unidade escolar dez professoras e um professor. Dentre esses, há sete professoras efetivas e um professor efetivo. Também há três professoras contratadas sob o Regime Especial de Direito Administrativo (REDA). Todas nós enfrentamos o período pandêmico, vivenciamos muitos problemas e lutamos para superá-los.

Como já é sabido, mediante a nova realidade imposta pelo Coronavírus, a escola precisou recolher-se. E o espaço do barulho constante, do movimento, de vida foi substituído pelo silêncio, pelo vazio provocado por conta de um vírus avassalador. E assustadoramente um vírus que não parava de ceifar vidas, foi encarado como “uma gripezinha” diante do (des) governo brasileiro que agiu de forma totalmente negacionista, promovendo, dentre tantas aberrações, uma política anti-vacina.

Nesse novo cenário, imposto pela COVID-19, o barulho foi substituído pelo silêncio. A escola foi perdendo o seu brilho, porque gente é o que dá vida à escola. No período pandêmico, por quantas vezes eu senti falta das conversas, das gritarias e das risadas peculiares das alunas e alunos daquelas que correm pelos corredores na escola durante os intervalos das aulas. Jamais imaginei que um dia iria viver a experiência de implorar pelo barulho do outro lado da tela, de pedir para que ligassem os microfones como ocorreu no período remoto.

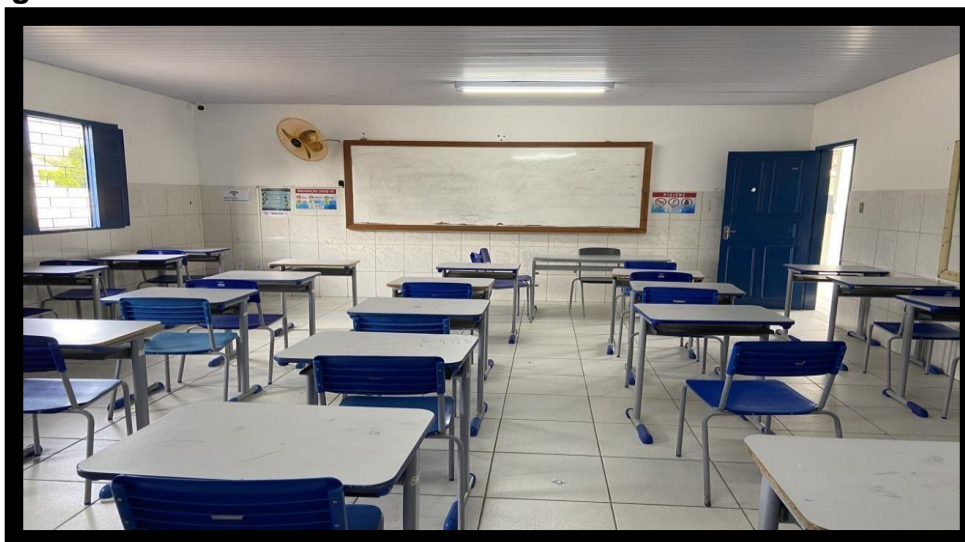
Durante a adoção do período remoto, apenas funcionou o setor administrativo escolar, composto por um quadro de três funcionárias que se desdobraram para dar conta do serviço diante da nova demanda de impressão, entrega e recebimento de atividades assíncronas. E foi assim que o espaço físico da escola ficou enquanto esteve fechada durante o período pandêmico: sem vida.

Figura 24: Entrada principal do CEJ/ Anexo Paraíso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 25: Sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 26- Pavilhão das salas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 27- Vista da entrada do CEJ/ Anexo Paraíso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 28 – Vista da saída do CEJ/ Anexo Paraíso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

4.6 QUANTO ÀS NAVEGANTES? AQUELAS QUE NÃO RECUSARAM A TRAVESSIA

Parafrazeando Guimarães Rosa, quem elegeu a educação não pode recusar a travessia. As adversidades enfrentadas para a escola continuar funcionando foram diversas no contexto pandêmico, de acordo com Cordeiro (2020), reaprender a ensinar e reaprender a aprender foram desafios em meio ao isolamento social na educação do país. Sem dúvidas, a pandemia provocou transformações profundas. Todos os professores e professoras tiveram que se reinventar e precisaram aprenderem tempo a tempo a ministrarem aulas de acordo com a nova realidade que nos foi imposta. Todo o nosso conhecimento e metodologias pareciam escapar das nossas mãos. A construção do saber precisou, então, ser ressignificada.

Os professores aprenderam a didática de ensinar em frente a esse contexto diante de seus erros e acertos com a intenção de contribuir com o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem para atender as necessidades dos alunos nesse período pandêmico (Behar, 2020, p. 13).

E diante de um misto de sentimentos, ora de impotência, ora de coragem, nós PROFESSORAS E PROFESSORES deste país, não deixamos o barco e não recusamos a travessia. Assim sendo, a presente pesquisa tem como navegantes e participantes da pesquisa, por uma questão de escopo e tempo, quatro professoras

do Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso que foram selecionadas a partir dos seguintes critérios:

- 1) Professoras graduadas no curso de Letras;
- 2) Professoras que viveram a experiência de serem professoras no CEJ- Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso durante o período da pandemia;
- 3) Duas Professoras efetivas;
- 4) Duas Professoras Contratadas pelo Regime Especial de Direito Administrativo- REDA.

A princípio, pensei em realizar a pesquisa com sete professoras. Sendo elas das áreas de linguagens, de humanas e também da área de exatas. Porém, ao observar o quadro docente da unidade escolar que participou respondendo ao questionário diagnóstico, observei que das sete professoras que participaram desse instrumento de pesquisa, quatro são graduadas em Letras. Assim, diante desses dados, optei por selecionar somente essas professoras, tendo em vista a relevância da temática da pesquisa “Letramentos digitais”, e por considerar que as mesmas poderão trazer contribuições relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Embora considere os letramentos digitais uma questão importante para as diferentes áreas do conhecimento.

Na condição de sujeita-pesquisadora, estou totalmente imbuída nessa travessia, pois enfrentei juntamente com as colegas o mau tempo e toda a tempestade imposta pelo coronavírus. Desse modo, sou também uma pesquisadora e participante da pesquisa.

O quadro 01 apresenta as participantes envolvidas nessa travessia. Optei juntamente com as colegas por uma nomeação fictícia a fim de preservar a identidade de todas as envolvidas e possibilitar uma participação sem acanhamento. Os nomes fictícios escolhidos foram também uma forma de homenagear quatro mulheres que marcaram o período pandêmico no nosso país. Sendo elas:

- Rosana Aparecida Urbano - primeira vítima da Covid no Brasil. Considerada uma pessoa simples, alegre e corajosa. Deixou muitas saudades entre os familiares.
- Mônica Calazans - Enfermeira e primeira pessoa vacinada contra a Covid-19 no país.
- Nísia Verônica - primeira mulher a ocupar o cargo de presidenta em 120 anos da Fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ. Liderou as ações da instituição no

enfrentamento da pandemia de Covid-19 no Brasil. Atualmente é a primeira mulher a chefiar o Ministério da Saúde.

- Jaqueline Goes - Cientista que mapeou o genoma do Coronavírus. Doutora e formada pela Universidade Federal da Bahia pelo Programa de Patologia Humana e experimental, parceria entre a UFBA e a Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz.

Quadro 05 - Participantes da pesquisa

PARTICIPANTES	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	FORMAÇÃO
Rosana	Professora de Língua Portuguesa, Eu Escritor, Leitura e escrita de Mundo e Projeto de Vida.	Letras
Mônica	Professora de Linguagens, História, Literatura de Meus Ancestrais, Projeto de Vida, Química, Biologia, Física.	Letras
Nísia	Professora de Inglês, Literatura de Meus Ancestrais, Iniciação Científica, História e Artes.	Letras
Jaqueline	Professora de Física, Matemática, Cidade em movimento, Cosmos: Do micro ao macro.	Letras

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A seguir, no próximo capítulo, irei adentrar no universo da análise dos dados. Para tanto, apresentarei as falas das participantes da pesquisa que serão demonstradas, transcritas a fim de compreender a ausência/presença dos letramentos digitais diante da adoção do ensino remoto no Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso. Por meio dos olhares e reflexões que fiz juntamente com as demais colegas professoras irei refletir e abordar sobre a experiência de ser professora numa

pandemia da COVID -19, bem como irão aparecer as constatações, considerações e problematização sobre as categorias de análise estabelecidas para este estudo.

5. NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE UM PERÍODO PANDÊMICO: ENSINO REMOTO E LETRAMENTO DIGITAL

Diante da escrita do presente capítulo busco não apenas transcrever o teor das informações obtidas, mas refletir criticamente acerca dos resultados encontrados a partir da geração e registro de dados. Convém destacar que a presente pesquisa busca analisar os dados por meio de uma abordagem qualitativa de modo a compreender como as docentes percebem/perceberam a ausência/presença dos letramentos digitais no Colégio Estadual/Anexo Paraíso mediante as transformações ocorridas nas práticas pedagógicas devido à adoção intempestiva do ensino remoto.

Dessa maneira, pretendo sob a ótica da Linguística Aplicada (LA), problematizar, refletir acerca da linguagem, especialmente sobre os letramentos, letramento digital a partir de uma perspectiva interdisciplinar, transdisciplinar. E como afirma Moita Lopes (2006), a Linguística Aplicada veio para inaugurar uma espécie de novo paradigma social e político no tocante à pesquisa social. Por isso, as pesquisas em LA são tão necessárias para a construção de um conhecimento que não fica limitado à sua área do conhecimento mas alia-se a outras ciências para problematizar a realidade. E por conta disso, percebe-se que a LA está cada vez mais presente nos mais diversos contextos nos campos de pesquisa.

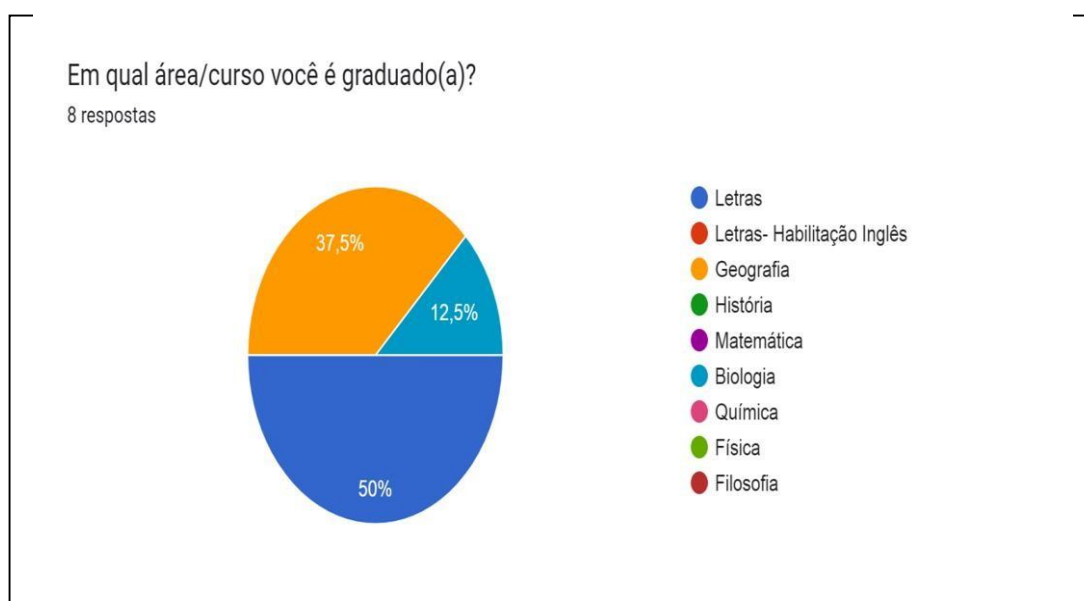
Diante do exposto, considero ser essencial demarcar minha posição enquanto pesquisadora alicerçada no viés da pesquisa qualitativa, à luz do campo de atuação da Linguística Aplicada. Sendo assim, irei apresentar a análise a partir dos dados gerados por meio dos questionários, da roda memorialística e das entrevistas realizadas que foram organizados por meio de categorias de análise. Vale recordar que as navegantes desta embarcação terão a identidade preservada, por isso receberam nomes fictícios. A pesquisa tem um recorte voltado especialmente para o contexto pandêmico e a geração de dados se procedeu com os encaminhamentos que serão apresentados a seguir.

No primeiro momento, logo após a aprovação no conselho de ética (vide anexo) foi enviado para o grupo de professores via *WhatsApp* um questionário- diagnóstico *on-line* e estruturado da seguinte forma: uma breve apresentação do que se tratava a pesquisa acompanhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Nessa etapa inicial, o objetivo principal era realizar um panorama acerca do perfil dos/as participantes para então convidá-los/as para participar da referida pesquisa.

Um dos critérios definidos como um dos mais significativos era ter atuado como professor/professora durante o período da pandemia da Covid-19. Responderam ao questionário 08 professores, 05 professoras efetivas e 03 professoras contratadas pelo Regime Emergencial Direito Administrativo (REDA). Três professores não responderam ao questionário inicial devido estarem de licença médica, e desse modo ficaram afastados da unidade escolar por alguns meses. No período de aplicação estavam sendo contratadas professoras substitutas que não chegaram a tempo de responder ao questionário que a princípio contemplava questões de cunho sociodemográfico como nome, faixa etária, curso de graduação cursado, tempo de serviço, dentre outras indagações.

Após o levantamento dos dados extraídos do questionário de nº01, foi verificado o número de professoras graduadas em Letras conforme pode ser verificado no gráfico a seguir:

Gráfico 03 - Em qual área/curso é graduado(a)?

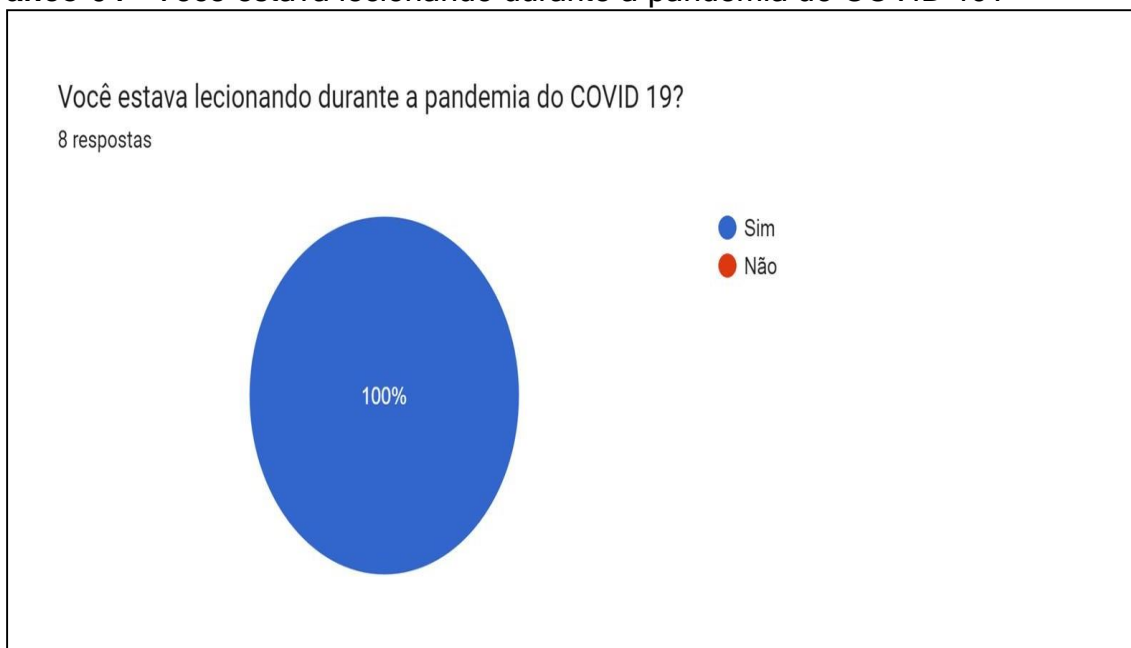


Fonte: Questionário Diagnóstico

Ao perceber essas informações, considerei ser fundamental para a pesquisa perceber o olhar das professoras graduadas no curso de Letras, já que a pesquisa se situa no campo das linguagens. Contudo, é importante destacar que apesar de graduadas em Letras, duas professoras lecionam/lecionavam em outros componentes durante a pandemia. Assim, ao pensar sobre essas informações considerei importante

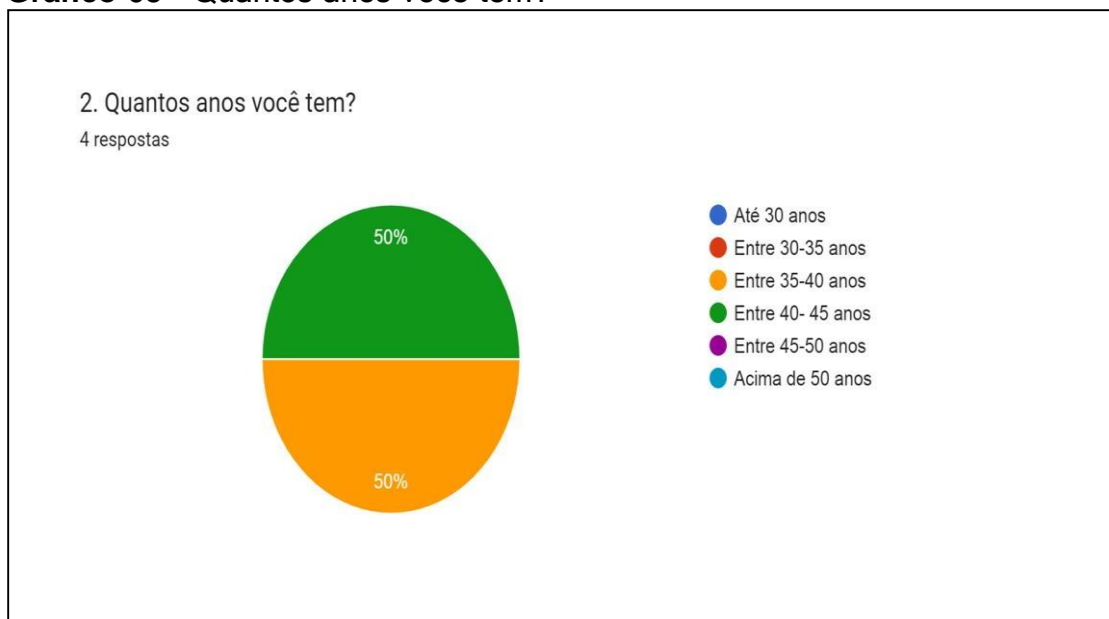
essa troca de conhecimento com professoras da área das linguagens que vivem/viveram a experiência de lecionar outros componentes. E como na educação, não há conhecimento sem partilha, sem reflexão, sem inquietação, convidei as três professoras graduadas em Letras para se juntarem a mim nessa embarcação chamada “pesquisa”. Abaixo, apresento os gráficos que foram gerados a partir do levantamento de dados.

Gráfico 04 - Você estava lecionando durante a pandemia do COVID 19?



Fonte: Questionário Diagnóstico

Gráfico 05 - Quantos anos você tem?

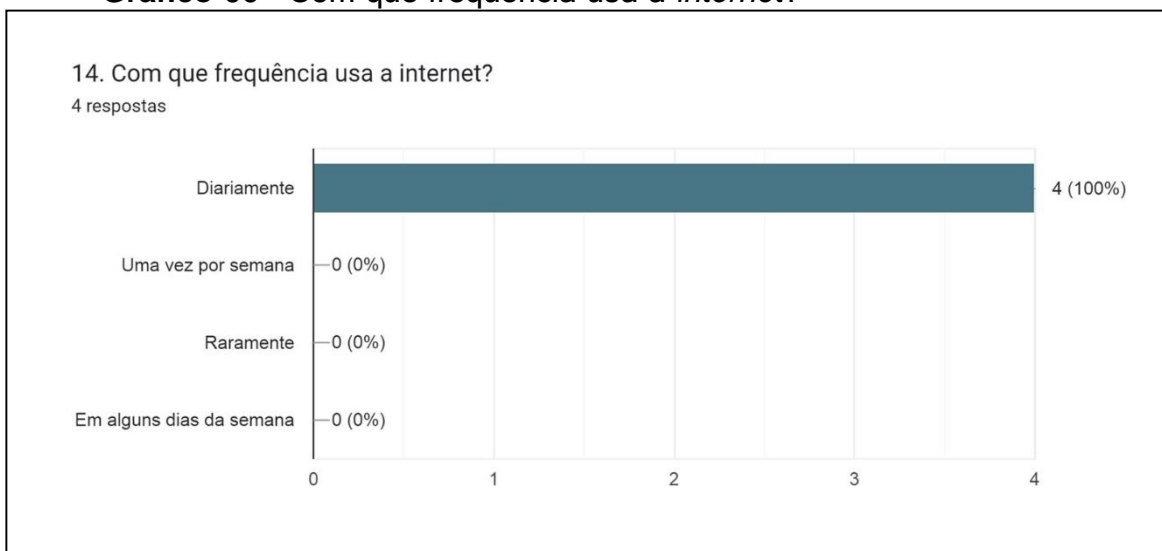


Fonte: Questionário Diagnóstico

A minha faixa-etária, bem como das demais participantes selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa, está situada entre 35 a 45 anos. Importante observar que todas nós concluímos o curso de Letras na universidade pública que fica localizada na própria cidade de Jacobina e já estamos em exercício há algum tempo. A professora com mais tempo de experiência tem vinte e dois anos de docência e a professora com menos tempo de exercício na profissão atua há cinco anos e meio. Três professoras possuem pós-graduação *Lato sensu* completa e uma professora está com o curso de pós-graduação em andamento.

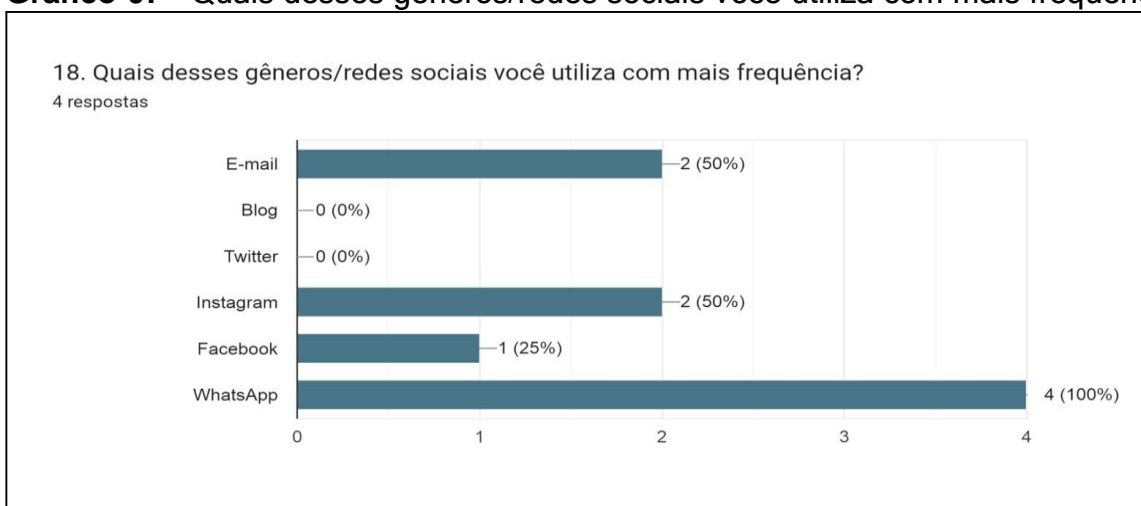
Conforme pode ser verificado, das oito professoras que responderam ao questionário-diagnóstico, todas estavam em exercício durante a pandemia da Covid-19. Após essa seleção inicial, e passado um mês, enviei, também de forma *on-line*, outro questionário como mais um instrumento para geração de dados que buscava contemplar e investigar dados mais específicos acerca das participantes, a fim de ter uma maior dimensão das experiências vividas durante a adoção do ensino remoto em virtude do período pandêmico.

Após conhecer melhor o perfil das demais participantes, segui com perguntas que pudessem demonstrar a relação delas com os equipamentos tecnológicos e qual a importância desses durante o processo de transição do ensino presencial para o remoto. Quanto aos equipamentos tecnológicos, as professoras responderam da seguinte maneira. Duas participantes têm o aparelho de *notebook* e possuem *smartphone*. Enquanto que as duas demais possuem *notebook*, *smartphone* e *tablet*. Todas responderam que utilizam os recursos tecnológicos que possuem há mais de cinco anos e que utilizam esses recursos na maior parte do tempo em casa, conforme demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 06 - Com que frequência usa a *internet*?

Fonte: Questionário - O que dizem as professoras?

Foi possível perceber também que a *internet* parece ter se tornado essencial na sociedade contemporânea e, possivelmente, por isso, todas, por unanimidade, responderam que utilizam a *internet* diariamente. Três participantes afirmaram que possuem redes sociais há mais de dez anos e apenas uma a utiliza somente há cerca de seis anos.

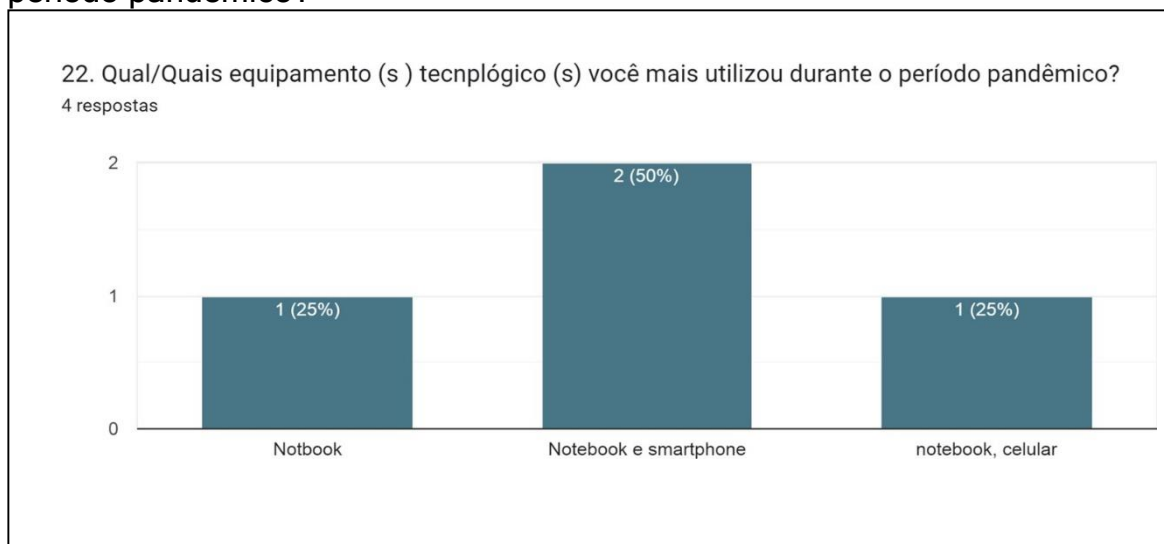
Gráfico 07 - Quais desses gêneros/redes sociais você utiliza com mais frequência?

Fonte: Questionário: O que dizem as professoras?

Quanto aos gêneros/redes sociais mais utilizadas foi possível perceber que o *WhatsApp* é o aplicativo mais escolhido e usado diariamente pelas docentes. Em relação aos equipamentos utilizados, as professoras responderam que os aparelhos

de *notebook* e *smartphone* foram os mais utilizados no período pandêmico, conforme é possível verificar no quadro abaixo.

Gráfico 08 - Qual/Quais equipamento(s) tecnológico(s) você mais utilizou durante o período pandêmico?



Fonte: Questionário: O que dizem as professoras?

Vale salientar que todas as docentes, embora já utilizassem alguns aparelhos tecnológicos, não possuíam certas habilidades com as tecnologias digitais. A utilização dos dispositivos antes do período pandêmico estava voltada para as atividades rotineiras do cotidiano docente como elaborar prova, enviar, construir *slides*, *e-mails*. As aulas presenciais não exigiam a obrigatoriedade dos dispositivos como ocorreu no período pandêmico e a presença das tecnologias dentro da sala de aula era ausente ou ocorria de forma muito limitada.

O próximo passo da pesquisa transcorreu três meses depois após a aplicação do questionário-diagnóstico. Uma vez que realizamos um segundo questionário com as participantes selecionadas e após isso foi preciso analisar as informações para que pudéssemos dar prosseguimento com o próximo instrumento. Momento esse que intitulei de “Roda Memorialística”. O objetivo da roda era resgatar as memórias, pensando nas dificuldades e nos desafios de ser professora diante de um contexto totalmente atípico devido a um vírus que levou a óbito mais de setecentas mil pessoas e que obrigou mudanças drásticas em toda sociedade, dentre essas a adoção do ensino remoto para a educação poder continuar, conforme já relatado nos capítulos

anteriores. Desse modo, foi elaborado um roteiro semiestruturado a fim de atender aos objetivos desta pesquisa.

Os diálogos, a roda de conversa, os momentos de fala e de escuta foram necessários e nos fizeram rememorar o quanto nós fomos resilientes diante de um cenário de caos, de medo e de morte. Nós estávamos lá (re)aprendendo, reinventando formas para ensinar e aprender. Por isso, a realização da roda foi um momento valioso para recordarmos um período tão desafiador. As lembranças e o acolhimento mútuo foram importantes para nos fazer recordar e refletirmos sobre tudo o que aconteceu e sobre a ausência/presença dos letramentos digitais. Outro instrumento utilizado para gerar os dados da pesquisa foi a realização das entrevistas que ocorreram de forma individual e que transcorreram de forma *on-line* pelo *Google Meet*. Por meio dessas, foi possível fazer novas perguntas, refazer algumas e, conseqüentemente, coletar novas informações. Após a realização das entrevistas, fiz as suas transcrições a fim de analisar e selecionar dados que contribuam para esta pesquisa. A seguir irei discorrer sobre os direcionamentos e análises que conduziram esta embarcação. Como cheguei até aqui?

5.1 MARES NAVEGADOS: POR ONDE ANDEI E COMO CHEGUEI?

O percurso realizado até aqui me impulsionou a mergulhar em um mar agitado: chamado pesquisa. E eu não posso falar sobre os dados gerados nos mares navegados sem destacar a importância daquelas que estiveram comigo nesta jornada e que foram essenciais para a conclusão deste trajeto. Por isso, em especial, observo a navegante onipresente, a minha orientadora. Uma das pessoas mais importantes desta navegação. Embora ela não apareça diretamente na pesquisa, a sua condução fez toda a diferença para que eu chegasse até aqui. Como foi crucial deparar-me com a acolhida afetuosa e condução firme e segura em todo o tempo. Desde o princípio, nas orientações ela nos alertou que teríamos desafios pela frente, mas também me fez entender que quando temos uma rota a seguir, a navegação torna-se mais tranquila e envolvente. E não faltaram desafios, avistando um novo caminho a gente no final teve até que se apressar. E, juntamente com as demais colegas, adentrei em um mar ora tranquilo, ora revoltado. Por isso, compartilho nesta seção como estavam as águas do mar e o trajeto que me fizeram chegar até aqui.

Para tanto, é válido dizer que o presente estudo adotou como termo: perguntas suleadoras na condução desta pesquisa. Mas antes de respondermos quais foram as nossas constatações a respeito dos questionamentos, gostaria de justificar nesta seção porque optei pelo termo sular, para direcionar as nossas indagações antes de respondê-las. Primeiramente, preciso dizer que acredito numa educação que emancipa, como fruto da escola pública que sou, sei muito bem o valor e importância da educação para que hoje eu estivesse aqui escrevendo esta dissertação. Penso que o conhecimento não pode ser concebido sem ideologia. A educação deve ter como alicerce o pensar, o agir, o aprender de forma crítica. Como afirma Rubem Alves, há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Por isso, ancorada em Freire, acredito na aprendizagem que leve e ensine a arte do voo, que tenha como um pilar a arte do “esperançar”.

Nesse sentido, por muitos anos prevaleceu que todas as nossas decisões deveriam estar pautadas no “nortear” como um parâmetro de direcionamento ideológico daqueles que supostamente estariam em uma posição hierárquica a nós do hemisfério Sul. Dialogando com Freire, Marcio D’Oliveira criou o verbo sular que visa desconstruir essa orientação ideológica de forma impositiva. Segundo Freire, Norte é Primeiro Mundo, está em cima, na parte superior. Assim, Norte deixa “escorrer” o conhecimento que nós do hemisfério Sul ‘engolimos sem conferir o contexto local”.

[...] a construção eurocêntrica, que pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, coloca sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal. (Lander, 2005. p.13).

Lander nos explica a necessidade de refletir sobre o modo que é organizado o padrão histórico-cultural que é tomado como referência universal, que isso não ocorre de forma despretensiosa. Partindo desse pressuposto, entendo a necessidade de autoafirmar que nós latino-americanos não precisamos ser orientados seguindo os parâmetros do Norte, mas que nós temos a capacidade de tomar um novo rumo e seguir as nossas próprias referências. Segundo Landolfo (2022):

O fato é que a modernidade construída a partir de princípios euro-nortecentrados, na qual a Europa pode (no sentido de ter se legitimado para isso) produzir ciência como modelo único, universal, além de invisibilizar todas as epistemologias da “periferia” do ocidente, produziu o controle político dos recursos, da produção, do trabalho, dos saberes, das linguagens, das existências e da natureza (Landolfo, 2022, p. 99).

Portanto, valorizar a construção de epistemologias suleadoras traz à tona a importância do respeito e valorização das múltiplas identidades que compõem o universo escolar em direção a um currículo inclusivo que reconheça, dentre tantas outras questões, a relevância do letramento digital como mais um instrumento de inserção social e de luta contra aqueles que querem estabelecer que esse conhecimento pertence aos mais favorecidos economicamente. Diante do exposto, justifico a escolha do termo “sulear” na condução da presente pesquisa para que possamos prosseguir com análises e constatações.

Para tanto, é pertinente frisar que o primeiro questionamento consistiu em analisar de que modo a formação docente inicial e/ou continuada possibilitaram o desenvolvimento dos letramentos digitais, multiletramentos no Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso. A seguir busquei constatar como as docentes experienciaram os letramentos digitais durante a adoção do ensino remoto, para então analisar quais os principais impactos na práxis pedagógica no âmbito dos multiletramentos, foram desenvolvidas durante o período pandêmico e que foram incorporadas para a modalidade presencial atual. Partindo dessas indagações, foi preciso definir as categorias de análise, por isso, foram organizadas em três categorias e subcategorias apresentadas abaixo:

1- A experiência de ser professora durante a pandemia de Covid 19

1.1 Aprendendo e ensinando em meio ao caos;

1.2 Transformações na práxis pedagógica;

2- Formação docente e tecnologias;

2.1 Formação na urgência

2.2 Adaptação curricular

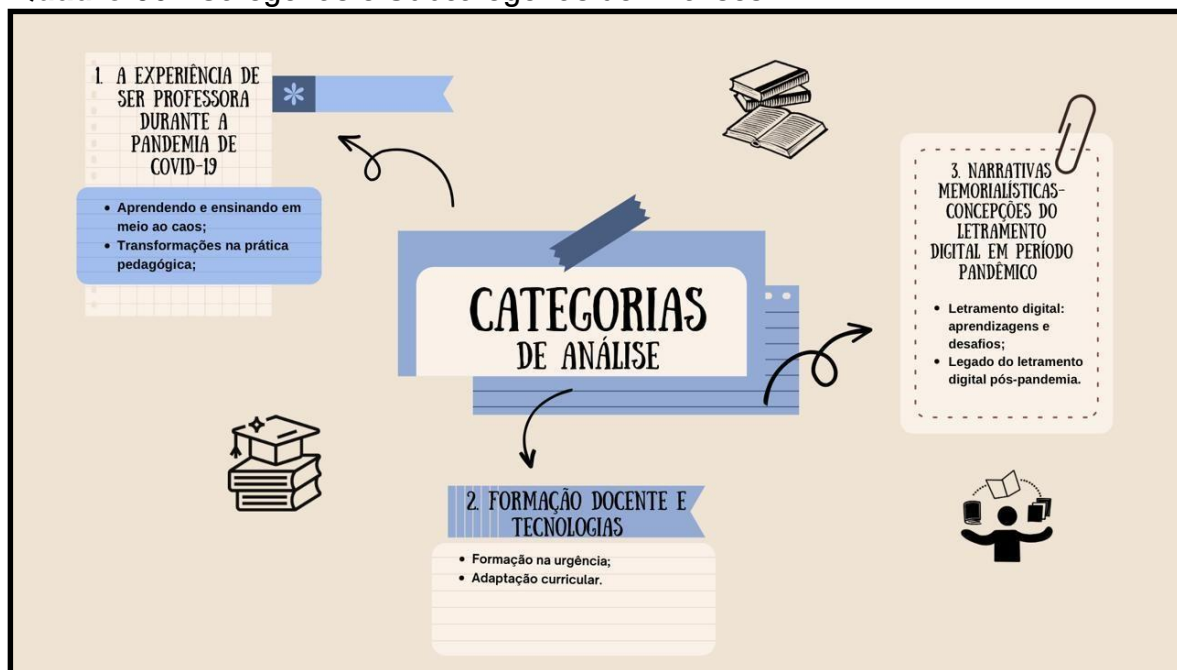
3- Narrativas Memorialísticas- Concepções e letramento digital em período pandêmico

3.1 Multiletramentos e Letramento digital antes da pandemia;

3.2 Impactos do letramento digital pós-pandemia

Para melhor compreensão dos dados que foram gerados, elaborei o quadro abaixo para melhor objetivar como pensei a organização das categorias e das subcategorias para melhor entendimento, conforme pode ser visto a seguir:

Quadro 06 - Categorias e Subcategorias de Análises



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme a seleção realizada, irei então mergulhar na análise dos dados observando as categorias e as subcategorias a fim de melhor compreender as vivências docentes diante de um cenário que além de uma nova adaptação curricular e pedagógica exigiu novas práticas, novas posturas para aquelas e aqueles que trabalharam intensamente para dar conta das atividades educativas diante do enfrentamento a um vírus que ceifou a vida de inúmeros brasileiros e brasileiras. Sendo assim, a seguir apresento e comento os dados que foram levantados nos seguintes instrumentos, questionário-diagnóstico, questionário/formulário de nº02, roda memorialística e entrevistas. Vejamos então, o que dizem as professoras.

5.2 A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSORA NA PANDEMIA DA COVID-19

Quadro 07 – Nuvem de Palavras

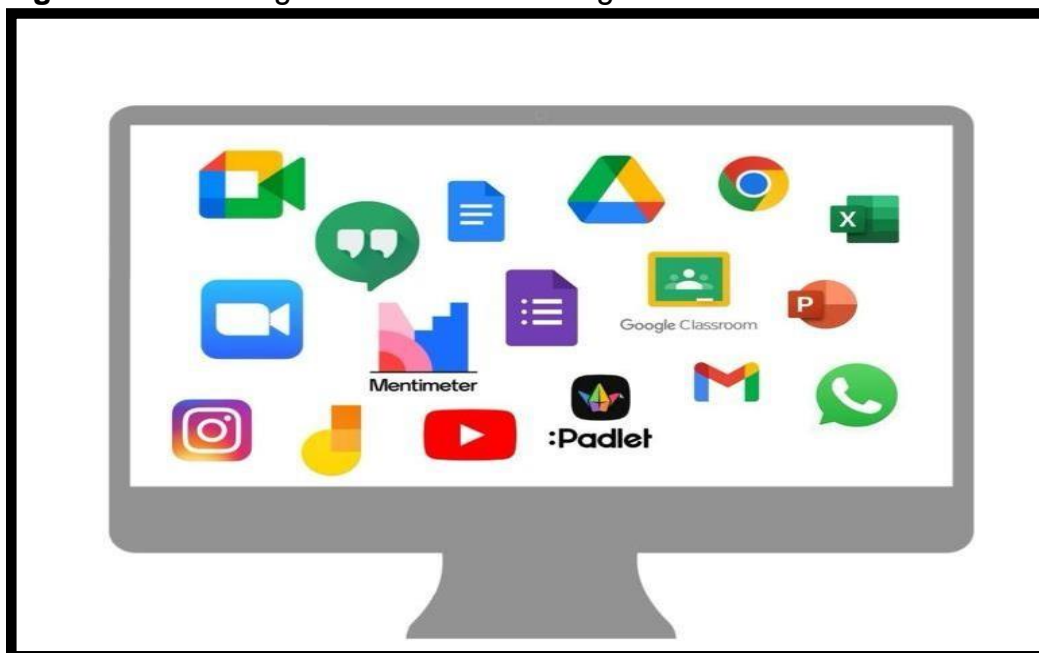


Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Em março de 2020, a pandemia da Covid-19 assolou todo o mundo e o quadro de nº07, apresentado acima, representa falas que foram ditas por mim e pelas professoras que estão participando da presente pesquisa a respeito do que foi exercer esta profissão em meio ao vendaval da Covid-19 que atingiu diferentes e inúmeros âmbitos da sociedade, não deixando de fora a educação que, diante da necessidade de evitar a proliferação do vírus precisou se recolher. A sala de aula tomou um formato inesperado e professoras, professores de todo o mundo precisaram encarar o ensino remoto, como nos explicam as palavras de Rondini (2020), “...os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso”.

Diante desse novo contexto, todas (os) as (os) docentes desenvolveram suas atividades laborais dentro dos próprios lares e novas metodologias precisaram ser implementadas e desenvolvidas mesmo em um cenário atravessado pelo medo e por incertezas. Os desafios foram inúmeros, afinal ninguém sabia e nem estava preparada para ser professora numa pandemia e, desse modo, a educação precisou pensar em novas estratégias de ensino e, assim, foi aliando-se às tecnologias digitais.

Figura 29 - Bricolagem de ferramentas digitais



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Com a mudança abrupta, em virtude do isolamento, saiu de cena o quadro escolar e entrou em campo: as aulas pelas telas dos computadores, dos *notebooks* e dos *smartphones*. A nova demanda exigiu que tanto educadores, quanto alunas (os) aprendessem a utilizar em tempo recorde diversos aplicativos, tais como: *Google Meet*, *Zoom*, *Mentimeter*, *Google forms*, *Microsoft Teams*, dentre outros a fim de dar continuidade ao exercício profissional adentramos ao universo virtual/remoto. E as escolas amparadas na portaria de nº343, publicada 17 de março de 2020, tiveram as suas aulas presenciais substituídas pelas aulas remotas. Diante dessa nova realidade, as aulas, as reuniões escolares e os planejamentos pedagógicos passaram a ocorrer em ambientes virtuais.

[...] Um(a)s suspenderam as aulas no período de quarentena. Outras, reorganizaram o trabalho escolar, optando, apressadamente, pela continuidade do processo educativo e o cumprimento do calendário escolar e da carga horária letiva por meio de atividades não presenciais (Cunha 2020, p. 2).

A busca constante por novas estratégias se tornou uma missão diária na vida das educadoras. A tentativa de manter contato com aluna(o)s e familiares passou a ser recorrente. Afinal, nem todas (os) alunas (os) puderam acompanhar o ensino remoto por falta de recursos tecnológicos, por não terem disponível um celular, um computador ou até mesmo a *internet*. Existiram também aqueles que não

conseguiram adaptar-se ao mundo das telas e optaram pelo recebimento de atividades impressas que eram distribuídas semanalmente na unidade escolar de forma presencial. E foi nesse contexto que a gente aprendeu a diferença entre as atividades síncronas e assíncronas. Nas aulas síncronas, existia a mediação em tempo real das professoras e professores. Então, nesse formato as aulas aconteceram ao vivo e permitiam uma maior interação entre alunas(os) e professores. Enquanto que nas aulas assíncronas, não existia a mediação direta. Então nós disponibilizamos atividades impressas, gravamos vídeos para que aqueles alunos que não podiam participar das aulas virtuais não ficassem totalmente desassistidos. Os discentes levavam essas atividades para responder em casa semanalmente e devolviam na escola para que pusessem ser corrigidas. Uma parcela dos alunos aprendeu estritamente com as atividades assíncronas e não participou das aulas remotas. E não podemos deixar de registrar as emoções, os sentimentos que foram experienciados, conforme podemos perceber nos relatos das nossas falas que remetem a essa questão:

Professora Nísia – Difícil e eu tinha medo porque minha minha mãe já é idosa e tem um monte de queixa e tal, meu irmão também, não é idoso, mas tem comorbidades. E eu que resolvia tudo, quando precisava sair para resolver alguma coisa na rua, eu que resolvia. Meu medo era eu adquirir, pegar o COVID na rua, trazer para casa e eles pegarem (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – A gente viveu muita coisa, gente. Era desesperador assistir a televisão, tantas mortes, tantas pessoas morreram vítimas de um vírus cruel. Então a gente, em meio ao caos, teve que aprender um novo formato de ensinar, porque era muita gente morrendo todos os dias (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – Mas teve um momento na pandemia que a gente “tava” fazendo AC do Estado de manhã e teve um momento que eu fechei tudo, câmera, microfone e desabei, comecei a chorar, foi a hora que eu percebi que eu estava precisando de ajuda porque o trabalho triplicou, se a gente achou que não seria tanto trabalho, piorou, porque vou falar da experiência da escola particular, por exemplo: a gente tinha que postar o roteiro todos os dias no *site*, mandar o roteiro para a coordenação, para o *e-mail* da direção, preencher caderneta *on-line* todos os dias, aí vinha o Estado: postar atividade para os alunos que não tinham acesso à *internet*, agendar as aulas, então assim (Roda memorialística, 2023).

Professora Rosana – para mim foi paradoxal até, porque assim, ao mesmo que a gente aprendeu muito, hoje eu digo isso, porque hoje eu acho que foi um período muito difícil, acho que eu fiquei até com trauma, porque por exemplo, apesar de todas as aprendizagens que nós tivemos de forma abrupta, “né”? Apesar de toda a aprendizagem, sabe aquele sentimento de alegria em ter aprendido? Hoje, por exemplo, a gente não tem até porque a gente não usa esses recursos hoje (Roda memorialística, 2023).

A pandemia da Covid-19 foi uma “professora” cruel, nós sofremos, choramos, sentimos as dores de um período que ficará eternizado na história. Muitos sentimentos

foram aflorados neste período, o medo de ser contaminado e de levar o vírus para os familiares era uma preocupação recorrente. Como bem disse uma das professoras, “foi desesperador enfrentar/sobreviver a uma pandemia”. Por mais que a gente tente deixar registrado o sofrimento, o medo, a insegurança, talvez ainda assim a gente não consiga expressar em palavras tudo o que vivemos. Assistir aos noticiários para acompanhar os dados, as mortes que não paravam de crescer, foi doloroso, pois faltavam leitos, balões de oxigênios. No *WhatsApp*, não paravam de chegar notícias, seja de um familiar, amigo ou conhecido que estava contaminado. E sem falar naqueles que perderam a luta contra um vírus cruel. Quantas famílias foram destruídas perderam seus entes queridos e de forma concomitante, observamos incrédulas como a pandemia estava sendo conduzida no nosso país.

Além da comoção ao ver tantas vidas ceifadas, ficávamos sem querer acreditar que o então presidente promovia aglomeração, atacava a vacina, estimulou o uso de medicamentos sem qualquer comprovação científica e ainda proferia um discurso de ódio e de ataque a ciência.

No entanto, mesmo diante de um clima inóspito, a educação não parou e precisou se reinventar. E foi preciso muita resiliência para ser professora nas águas turbulentas da maior tempestade da história recente. Apesar dos traumas, dores e medos que sentimos, a gente enfrentou essa turbulência aprendendo e ensinando. Vejamos a seguir na próxima seção.

5.2.1 Aprendendo e ensinando em meio ao caos

Parafraseando Paulo Freire (1996), a educação só tem sentido porque homens e mulheres aprenderam que a educação é um constante fazer e refazer. E assim foi no período mais abrupto e desafiador que a escola já enfrentou. Por isso é importante trazer a voz daquelas que precisaram se refazer diante de um cenário incerto. O que disseram as navegantes desta embarcação sobre aprender e ensinar em meio ao caos?

Professora Nísia – [...] a gente se deparou **com as dificuldades de manusear essas ferramentas digitais**, para fazer a escola funcionar e as coisas acontecerem, eu costumava dizer principalmente que o professor **não foi formado para ser *youtuber***, a gente foi formado para estar na sala de aula com o olho no olho. No quadro branco ou quadro negro com giz que depois foi evoluindo e chegou no quadro de vidro com marcador. Eu costumava dizer isso, mas **a pandemia veio e nos obrigou. A gente teve que aprender**. E a lição que a gente tira disso é sair mais fortes, e a gente

sabe que a educação pode acontecer de várias maneiras e a gente precisa buscar meios, mais ferramentas e mais criatividade. E a prova disso é o que a gente fez na pandemia, foi difícil, mas precisou acontecer (Entrevista, 2023, grifos meus).

Professora Mônica – [...] o período pandêmico. **Como isso nos afetou! E afetou os alunos.** Eu falo em relação a quão estressante foi. Quão exposto nós ficamos em relação a profissionais. Vivenciamos um período em que a situação da nossa vida, nosso ambiente, da nossa casa, da nossa família foi gritante. E por vezes, o aluno que não abria a câmera, o pai queria que a gente abrisse a nossa, para que eles nos vissem, mas a gente não tinha esse mesmo retorno dos alunos. E também em relação aos alunos da rede pública que não tinham noção de ter um lugar para estudar, um cantinho organizado para estudar, eles não tinham esse hábito. Então esses adultos, adolescentes, não tinham espaço apropriado para aquisição do conhecimento, alunos que estavam estudando, mas com o som alto, briga, conversação, então isso foi o que me marcou muito (Entrevista, 2023, grifos meus).

Professora Rosana – [...] foi um momento bem paradoxal, em que nós aprendemos bastante. Claro que se você aprende, tem que ficar feliz e alegre com isso, mas foi um período também muito tenso, por conta da carga horária excessiva. Eu só queria que a gente, como escola, tivesse mais oportunidade. Incentivo. E que a gente superasse esses traumas aí desenvolvidos. Agora uma coisa que você não perguntou e eu acho uma pena, é que nossos alunos, por exemplo, eles não sabem utilizar o que eles têm para a questão da aprendizagem, da educação sistematizada, do conteúdo ministrado em sala de aula, eles não têm essa habilidade. O que é um paradoxo. Como é uma geração tecnológica e eles têm uma dificuldade em fazer coisas básicas, não é regra geral, tem que estar orientando, ensinando (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Enquanto **diariamente pessoas morriam**, a gente estava **quebrando a cabeça para aprender a ensinar**, e tentando dar conta da casa, de lavar com muito mais cuidado o que entrava no nosso lar. Até a limpeza da casa dobrou porque a gente tinha medo de ser contaminado. Então o trabalho foi dobrado em todos os sentidos possíveis, e nós não podemos nos esquecer que mesmo diante dessa carga horária excessiva, a gente foi privilegiada por trabalhar de forma remota, em casa. Porque a gente não precisou ficar tão exposto ao vírus como outras profissões (Entrevista, 2023, grifo meu).

Em um outro instrumento de coleta de dados, intitulado de Roda Memorialística, momento no qual todas se sentiram à vontade para uma conversa cujo objetivo era resgatar lembranças, as professoras responderam da seguinte forma à pergunta: Como foi ser professora na pandemia?

Professora Nísia – Foi **desesperador, foi angustiante, desafiador**, assim, uma série de adjetivos nesse sentido. [...] Se fosse definir uma palavra, não só para mim, mas para todos os colegas, seria “desafiador”. Muito desafiador, porque a gente em pouco espaço de tempo, teve que aprender a transformar ferramentas que até então não eram da nossa rotina, que a gente não utilizava, e transformar em ferramentas pedagógicas para começar a utilizar para exercer o trabalho pedagógico. E assim, **essas ferramentas são as ferramentas digitais, as plataformas digitais. A gente não tinha habilidade nenhuma para lidar com isso, não fomos formados para isso** (Roda memorialística, 2023, grifos meus).

Professora Rosana – Mas para mim foi um sofrimento. Eu disse assim na primeira turma: “Gente, nós vamos fazendo um teste, eu também não sei, vamos aprender agora juntos” (risos) [...] **E para mim foi mais trabalho. Porque era de 07:30h da manhã até 22:00h da noite em frente ao**

computador. Aula por aula, e os alunos que ficavam as 5 aulas, era cansativo e os alunos que vinham pegar atividade uma vez ou outra (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Professora Jaqueline – Eu diria que ser professora numa pandemia foi um dos momentos mais angustiantes e desafiadores da minha vida. [...] muitas pessoas morreram, e a gente jamais pode banalizar isso, muitas foram as vítimas de um vírus cruel. Então a gente, em meio ao caos, teve que aprender um novo formato de ensinar (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Professora Mônica – No final, dizer assim: “**Professores, não teve muito valor o que vocês fizeram durante todos esses meses**” [...] E se demitiram. Eu tive colegas da área da Educação, quando chegaram ao final do primeiro ano, aquele ano de 2020, se demitiram, não conseguiram, não conseguiram (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Através dos relatos, rememoramos o quanto o cenário pandêmico foi desafiador, conturbado, totalmente atípico como relata uma das professoras. A nova modalidade, tornou a nossa rotina mais trabalhosa, estressante e que exigiu que todas as professoras e professores aprendessem a utilizar diversos recursos tecnológicos. E de repente, sem qualquer pretensão lá estávamos nós criando canal em plataformas, gravando aula para o *Youtube*. A gente virou quase uma “blogueira”¹⁶ para dar conta de um novo formato de ensino. E esse aprendizado da forma que foi imposta gerou angústia, pois como sinaliza uma das professoras “...a gente não sabia nada disso”. O que demonstra que as TDICS não faziam parte do cotidiano escolar antes da pandemia.

Aprender a buscar soluções para fazer a educação de forma remota sem o preparo adequado para fazer a educação acontecer se tornou o nosso maior objetivo. E para isso foi preciso reaprender a ensinar, com todo esse aumento de trabalho, aliado ao contexto pandêmico, não podemos nos esquecer o quanto a gente ficou muito mais estressada e angustiada. A nossa casa virou palco para atrair uma plateia “invisível” por trás das telas. O barulho das conversas paralelas que a gente tanto reclamava no presencial foi substituído por um silêncio que me/nos deixava preocupada. Por inúmeras vezes, a gente não tinha retorno de quem estava do outro lado e por muitas vezes tínhamos a sensação de estar ministrando aula para as paredes solitárias da nossa casa. E as nossas falas confirmam esses sentimentos e que também são reafirmados pelas demais colegas professoras:

Professora Mônica – A gente teve duas vertentes. **A primeira de que a gente precisou se capacitar de uma forma praticamente automática,** porque a gente não tinha domínio das tecnologias nesse sentido, das tecnologias para a sala de aula. E tivemos uma segunda perspectiva de que

¹⁶ Blogueira é um termo utilizado para caracterizar pessoas que produzem conteúdo em vídeos, fotos sobre assuntos na *internet*.

foi ter que conseguir atrair os nossos alunos a partir disso, que acho que foi o maior desafio, para a maioria dos professores, ter que tornar as aulas *on-line* atrativas de modo mais atrativo até do que o próprio conforto da casa deles, “né”? Acho que foi essa a experiência, esse misto de emoções, de ansiedade, de insegurança, de medo, de tentar se superar, foi esse processo em 2 anos de pandemia, de sala *on-line* (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Professora Rosana – Por isso que a **gente teve esse trauma**, “né”? Por isso que hoje a gente tem essa dificuldade, essa resistência, porque é como se a **gente lembrasse do sofrimento que a gente teve**, porque a gente **sofreu muito** (Roda memorialística, 2023).

Diante de um contexto de incertezas, a gente foi buscando alternativas para manter esse contato com aqueles que estavam do outro lado, nem todos os alunos e alunas puderam ter um espaço organizado para estudar e não era incomum ver alunos assistirem aulas enquanto faziam passeios na varanda ou no quintal de suas casas. Esses fatos foram chamados pelas colegas durante a nossa roda memorialística de “momentos cômicos da pandemia”. Vejamos a seguir:

Professora Mônica – Momentos cômicos da pandemia. Estou lá ministrando a aula de Redação de repente um menino abre a câmera e o menino está lá andando de bicicleta, na academia, passeando com o cachorro, pulando (risos). Teve uma aluna que disse: “Pró, a senhora sabia que na pandemia eu pedia para a moça lá de casa responder presente porque eu estava dormindo?” (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Professora Rosana – Quando você falou aí na questão da família eu me lembrei. Uma vez eu chamei para participar. “Fulano, responda aí”. Ele abriu o áudio. Gente, o barulho estava insuportável no fundo e aí eu fiz assim: “É o que isso aí?”. Ele fez assim: “**Minha mãe, professora, minha mãe que estava com o som alto**” (Roda memorialística, 2023, grifo meu).

Tivemos realmente momentos inusitados como um desses exemplos acima. E a gente precisou aprender não apenas sobre as tecnologias digitais, foi preciso repensar, reestruturar toda a nossa organização pedagógica uma vez que não estávamos preparados para as novas demandas que surgiram por conta da pandemia e foi preciso aprender também a lidar com essas novas situações pedagógicas que surgiram ao longo desse processo. Na verdade, nós fomos obrigadas a um aprendizado forçado do uso das TDICS. E ao relembrar todas essas vivências pandêmicas, fico me questionado: até que ponto esse aprendizado forçado dos usos das TDICS foi benéfico? Será que não poderíamos ter tido acesso a esse saber em outros momentos de nossa formação inicial ou continuada?

5.2.2 Transformações nas práticas pedagógicas

Como já destacado, o temporal da Covid-19 provocou mudanças em todos os segmentos. E em meio a essas mudanças professoras e professores foram obrigados a mudar as metodologias e aderiram novas formas de ensinar e aprender. O planejamento e o formato de ensino precisaram ser transpostos para uma realidade virtual. Entrou em cena o mundo das telas e a escola se deu conta do seu papel transformador. Em meio a um contexto caótico, ocorreram mudanças que precisaram ser implantadas. Entrou em cena uma nova realidade educacional: o uso das tecnologias digitais da Informação e comunicação. No entanto, é válido dizer que essa imersão forçada ao mundo tecnológico, aliada ao contexto social que estávamos inseridos, impactou a nossa saúde mental, porque o desafio não era somente aprender a usar as tecnologias, era também perceber quais as necessidades dos nossos alunos que estavam por trás dos celulares, dos computadores, onde muitas famílias perderam a sua fonte de renda em virtude do isolamento e em meio a tudo isso, não poderíamos ignorar os sentimentos provocados pela pandemia que abalou emocionalmente as professoras, bem como as alunas e os alunos. Observemos os relatos do que dizem as professoras:

Professora Nísia – “É isso que nos fez parar foi exatamente o contexto. A gente aprendeu na “tora”, “naturalmente”, aprendeu forçado a trabalhar. A Educação precisava continuar. A escola precisava funcionar, a gente aprendeu meio que forçado e paralelo a isso, para a escola funcionar tinha toda uma questão psicológica por trás e o momento era difícil, pessoas perdendo parentes, perdendo seus entes, então quando isso passou, quando passou o período da pandemia, que graças a Deus agora já ficou no passado, a gente já pode falar assim. **Quando passou a gente meio que esqueceu, a gente deixou de lado, “Não quero mais trazer isso, porque não me traz boas memórias.** (Roda memorialística, 2023, grifo meu)

Professora Jaqueline – Eu também usei. Você me fez recordar que durante a pandemia nós estávamos mais angustiadas com esse período remoto, porque a gente prefere o formato presencial, mas mesmo assim a gente ficava buscando novidades diferentes, justamente para trabalhar no remoto e que talvez a gente não faça isso com frequência no presencial, porque a gente ficava: “Vou aprender aqui como é que usa esse”. A cada aula a gente buscava uma novidade. A gente tinha uma preocupação de trazer algo diferente por estar no mundo tecnológico (Roda memorialística, 2023).

Professora Rosana - Maior aprendizado... eu acho que a questão de usar as próprias ferramentas, de usar o drive... (Roda memorialística, 2023).

É possível ter uma dimensão do quanto foi angustiante ensinar e aprender durante a adoção do ensino remoto. A busca pelas inovações tecnológicas diariamente foi desesperadora. Lembro-me ainda que o planejamento pedagógico

precisou ser totalmente modificado e foi possível perceber que muitos discentes não conseguiram frequentar as aulas no formato remoto, seja por falta de recursos, seja por não conseguirem adaptar-se a uma realidade estranha, angustiante. Segundo Cunha (2020), para os alunos, a ausência dos colegas e especialmente do professor no processo, ainda mais tão subitamente, pode afetar significativamente o rendimento deles. Alguns alunos não conseguiram acompanhar as aulas pelo celular, alguns por falta de dispositivos digitais, *internet* e outros porque optaram por pegar as atividades impressas por não se adaptarem ao ensino virtual.

Para Godoi (2020), no período de ensino remoto, a ausência corporal nas aulas provocou um misto de emoções, pois os professores e professoras sentem falta do contato físico. Inclusive essa ausência foi sentida após o retorno para o presencial, a maioria dos alunos e alunas voltaram desmotivados para o ensino presencial, alguns não aguentavam ficar muito tempo sentados na cadeira para assistir aula. É oportuno dizer que a Organização Mundial de Saúde-OMS (2022), chegou a fazer um alerta para que todos os países intensificassem os serviços de saúde mental, uma vez que segundo resumo científico foi revelado que no primeiro ano da pandemia da Covid-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%.

Diante de todo esse cenário, em que as emoções de aluna(o)s e professora(e)s estavam abaladas foi preciso novamente buscar estratégias para fazer para minimizar os impactos desse retorno. E mais uma vez retornamos à temática da importância da formação docente porque a educação é complexa e diariamente há novos desafios a serem enfrentados. Por isso, a seguir irei analisar as narrativas discorrendo de que modo consistiu a formação docente no período pandêmico.

5.3 FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIAS

A sociedade é movida por transformações em todas as áreas e na educação, não seria diferente porque a escola é um espaço que trabalha com as vidas das pessoas, e as pessoas estão em constante movimento. Desse modo, compreendo que a educação é um processo mutável, complexo e dinâmico. E ao entender essa dinamicidade e, conseqüentemente, a diversidade que está presente nas escolas é preciso reconhecer a importância da formação docente, inicial e continuada, de modo a garantir que o espaço escolar acompanhe essas transformações. Como afirma Farjado (2015), as instituições formadoras possuem a tarefa de preparar os docentes

para lidarem com as diversas situações e imprevisibilidades que perpassam a sala de aula, porque a educação exige criticidade, reflexão e aprimoramento constante. E, por isso, o ambiente de formação, de estudos entre os educadores são valiosos, porque são nesses encontros que compartilhamos novas ideias, novos *insights*, porque o conhecimento que surge ali na coletividade, nas rodas de conversas são valiosos e necessários para desenvolvimento de novas práticas pedagógicas.

Para tanto, a escola precisa acompanhar essa evolução não apenas no âmbito das tecnologias, como também em um maior investimento na formação docente, tendo em vista que o aprender é diário, contínuo e as escolas não podem falar em melhoria da qualidade de ensino sem falar de formação de professores. Para Couto, Kleinpau e Vargas (2016), a escola é um local privilegiado, de constante aprendizado, na qual os estudantes passam boa parte do dia realizando novas descobertas, novos vínculos de amizade e criando hábitos. Frente a isso, deve se promover no ambiente escolar novas descobertas educativas, pedagógicas a fim de fortalecer o conhecimento. E de que maneira o(a) professor(a) fará isso se não em momentos de estudo e de trocas coletivas? Desse modo, é oportuno deixar registrado nesta pesquisa o que fizeram as professoras para aprenderem durante período pandêmico. Por isso, deixo aqui registrado os excertos das nossas falas acerca de como ocorreu como “formação docente durante a Covid-19”:

Professora Mônica - Tutorial, por exemplo: para gerar documentos, *link* pelo *Google Docs*, pelo *Google Forms*, aí sim eu assistia tutoriais (Roda memorialística, 2023).

Professora Rosana – que eu digo que não aguento mais *live* (Roda memorialística, 2023).

Professora Nísia – **A Secretaria de Educação ofereceu para a gente algumas *lives*, apresentando ferramentas como *Google Meet*, o *Google Forms*, o *Mentimeter* e outras ferramentas do gênero.** Teve algumas *lives* sobre isso.[...] Lembro que pedi ajuda a outra colega que fez um videozinho, tipo um tutorial me indicando, como é que eu fazia algumas coisas, mexia no *Forms*, como compartilhava a tela, por exemplo, e a gente foi aprendendo dessa forma. Pedindo até aos meninos, aqueles que são mais espertos, que têm de certa forma, uma habilidade bem considerável com a tecnologia. “Como é que eu faço isso?” “É assim e assim, pró.” E a gente ia fazendo. A gente tem um público diversificado, com alunos que têm acesso à *internet*, alunos que têm facilidade com a tecnologia, e alunos que nem têm *internet* e nem habilidade. E a gente tinha que saber lidar com tudo isso e saber atender a todo mundo (Entrevista, 2023, grifo meu).

Professora Jaqueline – **A gente foi se virando como podia**, assistindo as *lives* ofertadas pela rede estadual e nos materiais que eram compartilhados nos grupos de *WhatsApp*, sem falar nos colegas que ajudavam-se mutuamente (Entrevista, 2023, grifo meu).

Conforme pode ser constatado acima, as “formações” no período pandêmico na rede estadual da Bahia aconteceram por meio de *lives* que buscavam contribuir com orientações e ensinamentos acerca do uso das tecnologias digitais. Não podemos deixar de dizer que tiveram muitas *lives* boas, outras nem tanto. E como disse uma das professoras participantes quando a *live* era insuficiente para ensinar sobre um determinado recurso, a gente recorria aos colegas, assistia tutoriais a fim de mediar uma aprendizagem que prendesse a atenção dos educandos do outro lado da tela. No entanto, cabe frisar que as *lives* surgiram como uma solução emergencial, e esse desespero poderia ter sido evitado se existisse formação continuada, a gente sentiu da pior forma a falta de cursos formativos teóricos e práticos.

Outro dado significativo que não pode ser desconsiderado diz respeito à falta de componente curricular, cursos de formação voltados para o uso das tecnologias nas universidades durante a graduação. Quando perguntei às demais colegas sobre terem cursado algum componente curricular a respeito do uso das tecnologias, assim como eu, as demais colegas, de forma unânime, relataram que não tiveram nenhum curso, componente ou qualquer formação voltada para o uso das tecnologias em sala de aula. E sendo importante observar que todas as participantes formaram-se em universidades públicas. Constatando que durante os anos de 2001 até 2016, não receberam formação docente nesse sentido, enquanto foram estudantes do curso de Letras, conforme é possível verificar em nossas falas nos excertos a seguir:

Professora Mônica – Não, não mesmo.[...] O que eu tive de curso diferente do tradicional foi um mini curso de libras. Mas tecnologia não (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Não tive na faculdade também não, foi algo que para mim também não foi trabalhado de hipótese nenhuma (Entrevista, 2023)

Professora Nísia – Não. Nem se falava sobre isso.

Professora Rosana – Pela universidade de jeito nenhum. [...] a secretaria de educação ofertou. [...] foi virtual mesmo através da plataforma. O ano eu não lembro não. Mas vamos pensar aqui. A pandemia começou em 2020. Em 2018 aproximadamente, porque foi aí que eu descobri o *Classroom* (Entrevista, 2023).

Conforme pode ser ratificado pelas docentes, ainda há uma carência na formação docente no âmbito dos recursos digitais. Como “exigir”, que sejam inseridas as tecnologias digitais de forma impositiva se não houve, possivelmente, a oferta desse componente nos cursos de graduação, nem investimento na formação docente por parte dos órgãos gestores no campo educacional? Observei que apesar de estarmos cada vez mais inseridas no mundo digital, ainda há muito que se investir em

formação docente. Nesse sentido, entendo que é preciso que as universidades revejam os seus currículos e já comecem desde os cursos de licenciatura preparar as/os educadora(e)s para uma nova realidade educacional. Ademais, é preciso comprometimento dos órgãos gestores a fim de que seja ampliada a formação docente nas redes de ensino e que essa preocupação acerca da formação seja um compromisso contínuo.

5.3.1 Formação na urgência

A docência, pela sua natureza, é uma profissão que requer aprimoramento e aprendizado constante. Por isso é tão importante que os professores e professoras tenham a oportunidade de participar de formações pedagógicas porque sempre há algo novo a aprender, refletir, problematizar. Ocorre que diante da chegada da pandemia da Covid-19, a rotina das pessoas em todas as partes do mundo precisou ser modificada. E não foi diferente na vida das professoras do Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso que precisou se adaptar a um novo cenário educativo. As portas da escola física fecharam em virtude da covid-19 e entrou em cena a *ciberaula*.¹⁷

Nesse novo contexto, o ambiente de aprendizagem foi totalmente alterado e foi por meio das tecnologias que a educação conseguiu continuar. Essa mudança abrupta deixou muitos educadores “perdidos” diante do novo desafio que nos foi imposto. No entanto, como afirma Hargreaves (2003) o conhecimento é um recurso flexível, fluído, sempre em expansão e em mudança. E mesmo diante de um cenário pandêmico, a gente conseguiu prosseguir. No entanto, esse aprendizado ocorreu em águas turbulentas. Foi desafiador, difícil, angustiante aprender na urgência da adoção do ensino remoto. Pelas nossas falas é possível perceber como foi para nós esse cenário:

Professora Nísia – Se fosse definir uma palavra, não só para mim, mas para todos os colegas, seria “desafiador”. Muito desafiador, porque a gente em pouco espaço de tempo, teve que aprender a transformar ferramentas que até então não eram da nossa rotina, que a gente não utilizava, e transformar em ferramentas pedagógicas para começar a utilizar para exercer o trabalho pedagógico. E assim, essas ferramentas são as ferramentas digitais, as plataformas digitais. A gente não tinha habilidade nenhuma para lidar com isso, não fomos formados para isso (Roda memorialística, 2023).

¹⁷ Considera-se ciberaula, a aula virtual que acontece em tempo real com auxílio das tecnologias digitais.

Professora Jaqueline – em tão pouco tempo a gente teve que dar conta de tanta coisa que quando a gente voltou, parece a sensação de que a gente apagou (Roda memorialística, 2023).

Professora Rosana – Foi o que me salvou, de uma certa forma, porque antes da pandemia eu já usava o *Classroom* (Roda memorialística, 2023).

Os desafios enfrentados foram inúmeros, afinal não existia livros, cursos, formações sobre como ser professora numa pandemia. Como disse uma das colegas foi “muito desafiador”, aprender num espaço curto de tempo a utilizar as ferramentas digitais. Diante do que vivemos foi preciso reconhecer a falta que formação docente voltada para o uso das tecnologias. Pelos excertos das nossas falas, foi possível analisar também que a professora que teve menos dificuldade foi a que participou de um curso pela rede estadual no ano de 2018, o que demonstra que o acesso a esse conhecimento facilitou o seu trabalho docente. No entanto, é preciso ressaltar que nos chamou a atenção o quanto as professoras estão ainda traumatizadas com tudo que viveram.

Por isso é tão salutar estar atento às necessidades formativas dos educadores a fim de que o aprendizado na educação flua de forma leve. Quando as pessoas lembram do aprendizado como algo sofrido, doloroso isso não pode ser ignorado. Convém então relembrar o resultado de uma pesquisa feita pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG), que inclusive foi publicada no *site* do G1 (2020) e que apontou que 89% dos professores não tinham experiência anterior à pandemia para dar aula de forma remota. Desse modo, é válido ratificar a importância da formação continuada no cenário educacional para que estejamos cada vez mais atualizados para oferecer um ensino com qualidade e que não seja um aprendizado traumático nem para os alunos, nem para os professores.

5.3.2 Adaptação curricular

O ensino remoto exigiu uma adaptação curricular em todas as escolas. Diversas atividades pedagógicas que não faziam parte do cenário escolar foram incorporadas visando manter os alunos estudando no período pandêmico da Covid-19. Apesar de ter sido uma situação totalmente inusitada, agravante, observou-se que inúmeras atividades foram adaptadas para o cenário virtual a fim de minimizar os impactos do isolamento e colaborar com o aprendizado dos educandos que de uma hora para outra precisaram ficar longe da escola. E como afirma Moran (2007), o

mundo físico e o virtual não se opõem, mas se complementam, se integram, combinam numa interação cada vez maior, contínua e inseparável. Ter acesso contínuo ao digital é um novo direito da cidade plena. Embora o autor já falasse da importância dessa conexão tecnológica bem anterior ao período da pandemia, notou-se que não restou outra alternativa diante da situação pandêmica a não ser incorporar, adaptar o ensino para o mundo digital.

Para tanto, selecionei excertos que comprovam de que modo essas adaptações ocorrem e quais atividades e plataformas foram mais utilizadas por mim e pelas demais colegas no período do ensino remoto que podem ser constatadas nas nossas falas a seguir:

Professora Nísia – Usei muito o *Google Forms*, foi a ferramenta digital que mais eu me adaptei e também foi assim a que melhor atendeu a necessidade daquele momento, até porque é uma ferramenta muito simples, né? A gente já faz lá e coloca a questão, já faz tipo teste, já responde, tem ali o resultado. Então eu usei bastante o *Google Forms* e usei também o *Youtube*. Foi uma plataforma que usei bastante para ministrar aulas e passar alguns vídeos como exemplo de algumas temáticas que eram discutidas durante as aulas. [...] quanto a leitura eu geralmente pesquisava, via se tinha texto, “né”? Via se o texto estava disponível *on-line* e na própria chamada eu colava o *link* do texto ali no *chat* da chamada, colava o *link* do texto para os meninos terem acesso a esse texto (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – Eu utilizei muito o *Google Docs*. Muito. Enquanto professora de Redação eu utilizava para fazer as correções. Porque ele é prático e eu utilizei muito com os meninos. O *Classroom* eu usei muito. Eu usava muito porque eu conseguia disponibilizar para os meus alunos os *links* dos vídeos, as atividades, então assim, eu usei muito o *Classroom* porque o *link* do *Meet* já vinha junto quando a gente gerava aula. Eu usei muito mesmo o *Google Docs*. Ah, e eu também utilizei muito o *Google Forms* para gerar avaliações (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Para as aulas virtuais, utilizei o *Google Meet*, para as atividades usei *Google Classroom*, para mim ele era excelente porque a gente podia acompanhar os alunos que estavam fazendo as atividades e dar por lá mesmo um retorno, avaliamos tudo num só lugar. Acabei inserindo também o *Mentimeter* e o *Padlet* em aulas específicas, assim como o *Google Forms*, *Google Docs* e o contato pelo *WhatsApp* era diário, eu diria que exaustivo porque às vezes estávamos em aula e alunos de outras turmas enviavam mensagens para tirar dúvidas e se a gente demorasse por estar em aula, já era motivo para conflitos (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – Eu usei muito a questão do sala de aula, o *Classroom*, o *Google Sala de Aula*, até porque era uma questão que eu já usava antes, então para mim, foi muito tranquilo. E fui buscando outros recursos aprendendo outros recursos como: *Padlet*, *Mentimeter*, não sei se é assim que fala. E as atividades eram feitas para aqueles alunos que assistiam aula virtualmente pelo *Google Sala de Aula* mesmo e aí eles davam *feedback* em relação a isso. Além do *Meet*, que era o nosso ponto de contato. [...] usei muito o *Google Docs*, gerava o *link* e fazia uma escrita compartilhada, fiz bastante com eles. Também no próprio *Padlet*, também fiz isso com muita frequência (Entrevista, 2023).

Conforme pode ser percebido, foram realizadas várias adaptações em virtude da adoção do ensino remoto. Saiu de cena o quadro, o papel e deu lugar ao *Google Meet*. É preciso dizer que é possível observar mediante as nossas falas que, a todo tempo, a gente buscava diversificar as atividades a fim de que não ficasse cansativo para aqueles que estavam do outro lado da tela e para cada tipo de atividade específica, utilizávamos um recurso diferente. Para escrita, elegeu-se o *Google docs*, para avaliações e encaminhamentos o *Google Classroom* e outros, todos seguindo um direcionamento específico.

Apesar da resistência, estranheza com os formatos já citados é válido dizer que houve dinamismo na condução das atividades. Por isso, a seguir analisarei as nossas narrativas sob a ótica do letramento digital a fim de compreender a ausência/presença dos letramentos digitais nas práticas educativas das professoras do Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso.

5.4 NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS: CONCEPÇÕES DO LETRAMENTO DIGITAL EM PERÍODO PANDÊMICO

Considerando as transformações impostas pelo Coronavírus, no qual foi preciso dar lugar ao ensino remoto, analisei os dados nesta seção sob a ótica dos letramentos digitais, já que os dispositivos tecnológicos se tornaram indispensáveis no contexto Pandêmico. Segundo afirma, Xavier (2009), o letramento digital tem relação com os novos modos de ler e escrever a partir dos códigos e sinais verbais e não verbais que estão presentes nas novas tecnologias. Partindo desses pressupostos, os discentes ao longo da sua caminhada aprendem, adquirem novas habilidades a partir das vivências e contatos com outros textos.

E com isso, é pertinente observar o que diz Barbosa, Araújo e Aragão (2016) acerca dos multiletramentos, quando nos informam que esses não devem ficar restrito ao campo das linguagens, mas envolvem o domínio e a capacidade de desempenhar diferentes habilidades e competências. Desse modo, os letramentos digitais, que está inserido no campo dos multiletramentos, requer um aprendizado que garanta o desenvolvimento dos estudantes de forma crítica, reflexiva e que permitam a comunicação nas mais diversas situações. Conforme afirma Rojo (2016) é preciso que a escola se desvincule da concepção de que letramento é apenas da letra, letramento da escrita e de que as outras linguagens são apenas ilustrações do texto

verbal. Pois, a pandemia escancarou a importância de refletir sobre isso e deu um novo direcionamento para que mais pessoas consigam enxergar que há inúmeras maneiras para ensinar e aprender, seja esse aprendizado por meio de texto, imagens, vídeos, hipertextos e outros.

Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente. [...] A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento (Soares, 2002, p. 149-151).

Dessa maneira, é válido frisar que irei me deter em compreender o letramento digital e como ocorreu as interações entre as participantes envolvidas no processo a fim de compreender como se deu a ausência/presença nas práticas docentes das professoras que mergulharam comigo nessa embarcação.

Conforme já explicitado teoricamente no terceiro capítulo desta dissertação, compreendo letramento digital como: fazer uso da língua(gem) e das tecnologias digitais nas mais diversas situações comunicativas no mundo virtual. Por meio do letramento digital é possível escrever, produzir, bem como pesquisar e construir um pensamento crítico diante da realidade que nos cerca.

Nesse sentido, é preciso salientar o que disseram as professoras nas entrevistas sobre como era o uso das tecnologias digitais antes do período pandêmico:

Professora Mônica – Antes da pandemia eu usava o básico. O *YouTube* e o *e-mail* eu usava bem raramente em relação aos alunos, porque as aulas eram presenciais e não tinha o por que de eu utilizar aquilo para enviar os textos. Eu usava mais o *YouTube*, uma pesquisa ali ou outra. Então depois da pandemia isso se acentuou (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – Antes da pandemia, no meu caso sim, mas era de forma bem tímida. A única coisa que utilizava era o *Classroom* que eu colocava as propostas de atividades lá e eu obtinha os resultados. Menina, eu gostei demais. E foi por isso que eu aprendi na prática. Porque eu achei muito prático (Entrevista, 2023).

Professora Nísia – Eu costumava dizer lá no início quando a gente se deparou com as dificuldades de manusear essas ferramentas digitais, para fazer a escola funcionar e as coisas acontecerem, eu costumava dizer principalmente que o professor não foi formado para ser *youtuber*, a gente foi formado para estar na sala de aula com o olho no olho. No quadro branco ou quadro negro com giz que depois foi evoluindo e chegou no quadro de vidro com marcador. Eu costumava dizer isso, mas a pandemia veio e nos obrigou. A gente teve que aprender. E a lição que a gente tira disso é sair mais fortes, e a gente sabe que a educação pode acontecer de várias maneiras e a gente precisa buscar meios, mais ferramentas e mais criatividade. E a prova disso é o que a gente fez na pandemia, foi difícil foi, mas precisou acontecer (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Embora eu seja bem curiosa no âmbito das tecnologias, utilizava em sala de aula de forma bem tímida os recursos digitais. Costumava usar com mais frequência a plataforma do *Youtube* sem deixarmos de falar que antes da pandemia a escola tinha apenas um *datashow* que mal funcionava e que isso nos desestimulava a preparar uma aula voltada para as tecnologias digitais. Sem deixar de falar que tivemos uma maior autonomia quanto a isso apenas em virtude da pandemia. E não posso deixar de falar que a minha filha, foi a minha maior parceira na pandemia no início, me ensinando como eu deveria proceder por inúmeras vezes (Entrevista, 2023).

Conforme visto nos excertos acima, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação-TDICS era tímido antes da pandemia. Apesar de compreender que por meio do uso das tecnologias digitais é possível explorar, diversificar algumas estratégias de ensino. Foi mediante a urgência do ensino remoto que assim como eu, as demais colegas professoras percebemos que pouco conhecíamos a respeito dos recursos digitais. No entanto, a gente se deu conta que a gente pode ter as tecnologias digitais como aliadas na nossa prática pedagógica a fim de dinamizar a nossa metodologia e incorporar outros conhecimentos. Além do que, por meio das TDICS é possível trabalhar diferentes gêneros discursivos, como um post do *Twitter* ou do *Instagram* por exemplo.

Como afirma Lewgoy e Arruda(2003), a expansão da internet e das TDIC desafiaram os professores a repensarem e inovarem as suas práticas pedagógicas. Na condição de mediadoras do conhecimento no período pandêmico, nós professoras tivemos que aprender e implantar novas formas de aprendizagem mesmo diante das nossas limitações, nós conseguimos desenvolver novas e estratégias e novas potencialidades educacionais.

5.4.1 Letramento digital: aprendizagens e desafios

A escola, enquanto instituição de transformação, precisa ser um espaço de constante evolução. Diante da responsabilidade social que ocupa não pode se abster do compromisso de promover um ensino de qualidade, por isso deve criar possibilidades de aprendizagens diversas a fim de ampliar os saberes dos educandos. Desse modo, em uma sociedade que se mostra cada vez mais digital, é preciso desenvolver atividades que busquem contemplar as reais necessidades educativas dos educandos. Para Ribeiro (2016):

(...) a participação na cultura letrada passou a ser mediada por vários dispositivos e por outras

maneiras de ler que desafiam as concepções de leitura mais tradicionais. O aparecimento de formas de comunicação com as redes sociais (a exemplo do *WhatsApp* e do *Facebook*), implica transformações no processo de criação e de recepção de textos, uma vez que exploram aspectos como multimodalidade, a hipertextualidade e a interatividade. Essas formas de interação demandam habilidades de leitura e de produção específicas, e conseqüentemente, exigem uma formação mais O letramento digital visa o domínio de técnicas diversas, visto que a construção do conhecimento é pautada na interação, na construção de sentido diante dos textos digitais. Sendo assim corroborando com Xavier (2008) é preciso que as escolas preparem os nossos educandos para dominarem essas novas habilidades que são exigidas.

Esse novo letramento (o digital) considera a necessidade de os indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitá-los mais rápido possível os alunos a viver como verdadeiros cidadãos neste novo milênio, cada vez mais cercado de máquinas eletrônicas e digitais (Xavier, 2008, p 1).

Ocorre que apesar de muitos defenderem que esse assunto já foi muito explorado e que há pesquisas diversas nesse sentido, pude observar a importância de continuar promovendo discussões e formações acerca do letramento digital. É possível observar nas falas das professoras que esse conceito precisa ser melhor aprofundado.

Vejamos de que modo as professoras compreendem Letramento digital nos excertos abaixo:

Professora Rosana – Eu defino letramento digital como necessário. É você dominar essa tecnologia e que ela converta em aprendizagem e o dominar é o saber gerir, sabendo interpretar os dados, a questão dos aplicativos, as suas funções (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – Vou fazer uma analogia com o próprio letramento. Porque o letramento é o alfabetizar, a escrita e a fala, é você saber ler, saber interpretar, saber escrever. E quando se fala sobre letramento digital, perpassa justamente essa perspectiva do aluno saber efetivamente utilizar todos os recursos disponíveis digitais, todos os recursos digitais disponíveis. E o que a gente percebe é que não há esse letramento digital, a aula ela não alfabetiza o digital, porque existe o analfabetismo funcional, que é o aluno que só sabe assinar, e também perpassa **os meios digitais, o aluno fica restrito a usar apenas as redes sociais e só, não tem o excesso** (Entrevista, 2023, grifo meu).

Professora Nísia – Letramento digital é ficar livre, ter a proficiência de fazer atividade, postar os trabalhos. Ter habilidade para manusear as ferramentas digitais ao seu favor e a favor da construção do conhecimento (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – O letramento digital acontece quando a pessoa adquire competências e habilidades de leitura, escrita oralidade no ambiente digital a fim de comunicar-se utilizando recursos *on-line*, seja meio de *sites*, aplicativos, plataformas, redes sociais e outras (Entrevista, 2023).

Entendo pelos excertos que as professoras demonstram a necessidade de formações teóricas, de momentos de estudos, que seja oportunizado cursos, formações acerca dos conceitos e concepções de letramento, letramento digitais e

multiletramentos. Acredito que quanto mais seguras, preparadas estivermos, conseqüentemente, mais se ampliarão as competências e as habilidades dos educandos. No entanto, observa-se que mesmo não tendo o domínio dos conceitos e de algumas ferramentas digitais antes da pandemia, as professoras foram em busca do aprendizado, assistindo as *lives* e pedindo auxílios aos colegas. No entanto, percebeu-se que os conceitos de multiletramentos, letramentos digitais, hipertexto, multimodalidade precisam ser melhor apropriados. Desse modo, é importante refletir sobre o que disseram/dissemos sobre o que entendíamos sobre o conceito de multiletramentos:

Professora Rosana – Aí eu vou ter que pegar um livro de Roxane para saber entender. (risos) Eu esqueci o conceito. [...] Só sei que dentro desses multiletramentos está a tecnologia (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – As diferentes formas de você utilizar os recursos, não apenas os digitais, todos os recursos que transmitam qualquer tipo de mensagem, qualquer tipo de informação. Então se você não compreende o que um anúncio está trazendo, um texto está abordando, qual o recurso que um computador traz, então não se encaixa nessa perspectiva (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Os multiletramentos visam compreender as múltiplas linguagens, considerando os fatores sociais, culturais. Os multiletramentos nos permitem trabalhar com uma variedade maior de recursos a fim de que esse conhecimento faça sentido na vida dos estudantes (Entrevista, 2023).

Professora Nísia – Você ter habilidade para acessar diversos ambientes, diversas modalidades, textos digitais, textos verbais, textos não verbais, textos escritos. É como o próprio nome já diz “Multi” multi modalidades, vários tipos de texto, vários tipos de contexto, sendo digital ou não (Entrevista, 2023).

Ao analisar as respostas sobre o que são os multiletramentos, ratificamos o nosso posicionamento de que a formação docente se faz necessária para que os conceitos sejam melhor compreendidos a fim de as práticas pedagógicas não sejam selecionadas “intuitivamente”, mas que estejam amparadas nas concepções dos letramentos, multiletramentos, de modo que o conhecimento seja ampliado de forma intencional e seja a aprendizagem adquirida para além do espaço escolar. E por saber que os letramentos são múltiplos e são produzidos/reproduzidos diariamente na nossa sociedade. Por isso é válido dizer o que abordam Mafra e Coscarelli (2013):

(...) o letramento digital não está, portanto, localizado numa instância totêmica, mas ordinariamente entranhado em diferentes práticas sociais. Por isso mesmo, essa forma de letramento está aprioristicamente acessível a todos que militam no ensino, porquanto, não é as NTIC que devemos nos dirigir, mas às demandas que a sociedade constrói para fins de utilização desses recursos digitais. Infelizmente, no que compete aos cursos de formação, eles ainda não se deram efetiva conta dessa constante e crescente demanda, presente de forma significativa a partir da década de 1990 no Brasil (Mafra; Coscarelli, 2013, p.903).

Desse modo, para que as docentes construam os seus planejamentos e consigam efetivá-los é necessário que dominem os conceitos a fim de que isso não esteja sendo realizado de forma aleatória. E consigam perceber o quanto eles estão entranhados na nossa sociedade e que as demandas são crescentes. Para tanto, entendo que é preciso que existam grupos de estudos, formações docentes que visem ampliar não apenas expandir o conhecimento dos alunos, sobretudo dos educadores. Por que como os alunos irão desenvolver práticas multiletradas se os educadores não dominarem esses conceitos?

5.4.2 Legado do letramento digital pós pandemia

De fato, conforme verificado nos excertos acima, a Covid-19 nos obrigou a adotar e construir novas maneiras de ensinar e aprender. No entanto, é preciso analisar de que modo nós fomos impactadas e de que modo essas transformações interferiram nas nossas práticas pedagógicas. O que restou de toda essa experiência, e de que modo os letramentos impactaram na práxis pedagógica durante as atividades desenvolvidas no contexto pandêmico e qual o legado do letramento digital no pós pandemia? Vejamos então o que nós dissemos a respeito disso:

Professora Mônica – Um dos maiores legados da pandemia para o cenário educacional é o aprendizado adquirido no campo das tecnologias digitais para aqueles que viveram a experiência de ensinar e aprender na pandemia. Se nós não tivéssemos encarado a realidade remota mesmo que de forma intempestiva, nós não teríamos aprendido sequer a metade do conhecimento que adquirimos. Foi no período remoto que a gente conheceu e aprendeu a utilizar inúmeros aplicativos, plataformas (Entrevista, 2023, grifo meu).

Professora Jaqueline – E eu tenho a sensação às vezes de que a gente aprendeu tanto e deixou lá juntamente com aquele período. E quando a gente voltou para escola, parece que apagamos o que a gente viveu, vamos esquecer, porque foi tão traumático. Antes a gente tinha a desculpa de que a gente não sabia. **Antes do período pandêmico que a gente não utilizava a tecnologia, porque a gente não tinha recursos,** porque a gente não sabia, mas hoje a gente sabe, a gente aprendeu e a gente não usou. Então assim, para a gente perceber o que é que nos fez parar. Foram os traumas, de ter sido professora em meio a uma pandemia (Entrevista, 2023, grifo meu).

Professora Nísia – [...] eu percebo que eu não uso mais, não faço mais parte dessa diversificação tanto quanto a gente fazia na época do remoto (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – É duro falar isso. Mas hoje não chega a 20%. [...] Eu uso bem pouco *slide*. Para ser sincera, eu uso apenas o da secretaria de educação, que é o Plural (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – E interessante que a gente ouvia e a gente mesmo dizia que não seríamos mais os mesmo em relação à questão da Educação e voltamos à mesma coisa do mesmo jeito (Roda memorialística, 2023).

Diante dos excertos, é possível constatar que todas as docentes reconhecem que no âmbito das tecnologias digitais todas aprenderam, se superaram e encaram mesmo com limitações o desafio de lecionar no contexto pandêmico. No entanto, nota-se que ficaram sequelas emocionais, e como disse uma das colegas talvez ainda estejamos traumatizadas quando falamos em ensino remoto, pandemia e *lives*. A gente percebeu que mediante a volta para o ensino presencial, não conseguimos acompanhar o dinamismo do remoto no que diz respeito a uma maior diversificação dos recursos. E chamou-me a minha atenção ao refletir sobre os dados que até a professora que mais fazia uso das tecnologias digitais antes da pandemia, que ajudou muitas colegas durante a adoção do ensino remoto não está trabalhando nem 20 % de tudo que aprendeu e utilizou no contexto da pandemia.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito a mudanças realizadas na unidade escolar no âmbito das tecnologias após o retorno para a sala de aula presencial após a pandemia da COVID 19. Notem o que dissemos acerca disso:

Professora Nísia – Sim. A gente ganhou alguns recursos. Televisão a gente tem em todas as salas. A gente quer mostrar um vídeo, a gente quer mostrar um *slide*, um texto. Então a gente já tem uma facilidade. Que a gente antes dependia. A gente já tem televisão, *tablet*, a gente pode fazer um trabalho com os meninos no *tablet* em sala de aula, isso foi um ganho extraordinário. A gente nem tinha, e quando tinha, a TV, o *datashow* tinha que reservar, às vezes quebrado, dificultava. A gente teve um avanço. Televisão em todas as salas. Que é algo no sentido de tentar trazer essas práticas para esse contexto (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – Sim, em todas as salas do nosso colégio nós temos televisões conectadas à *internet*, tablets também e temos *notebooks* disponíveis para os professores. Isso foi depois da pandemia e facilita porque por exemplo, eu estou trabalhando em física sobre o universo e quero mostrar um vídeo, e se não tivesse a televisão até organizar o espaço para mostrar o vídeo demoraria muito. Hoje eu ligo, mostro, isso facilitou muito. A escola agregou nesse contexto os recursos. O que é muito bom para o professor que sabe utilizar e utiliza de fato (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – Não há nenhum incentivo nesse sentido. Mas tenho que abrir uma exceção para as televisões que nós temos em sala de aula, um recurso midiático e importante inclusive. Mas de uma forma bem limitada. A *Netflix*, quando quer assistir algum filme, geralmente nessa perspectiva aí.

Professora Jaqueline – Observei que escola após o período pandêmico teve uma preocupação maior nesse sentido. Foram instaladas *smart* Tvs em todas as salas, foram comprados 20 *tablets* para utilizar com os alunos. Embora ainda tenhamos uma *internet* que oscila bastante, não podemos dizer que a escola que hoje temos é a mesma escola que tinha apenas um *datashow* que mal funcionava.

Constata-se nas falas que apesar de reconhecer que ainda há muito a avançar, o ensino remoto deixou um legado de aprendizado no âmbito dos letramentos digitais, no sentido que os gestores também entenderam a importância de disponibilizar os

recursos necessários. E por isso é válido reafirmar a importância desse aprendizado para que todo o conhecimento adquirido no contexto pandêmico possa ser incorporado a fim de que não sejam “esquecidos”. Para tanto, é preciso que as escolas estejam atentas para intermediar essa relação de aprendizagem mediada pela tecnologia, investindo em recursos digitais e criando possibilidades de formação docente acolhendo as dores, as angústias, os traumas que possivelmente ficaram e que seja oportunizado a continuidade do aprendizado fazendo uso das tecnologias digitais.

Diante do exposto, queria deixar registrado por meio desse resgate de memórias, qual o maior aprendizado, a maior lição que a pandemia deixou no âmbito educacional. O que disseram as professoras acerca do que ficou dessa experiência?

Professora Nísia – [...] a gente foi formada para estar na sala de aula com o olho no olho. No quadro branco ou quadro negro com giz que depois foi evoluindo e chegou no quadro de vidro com marcador. Eu costumava dizer isso, mas a pandemia veio e nos obrigou. A gente teve que aprender. E a lição que a gente tira disso é sair mais fortes, e a gente sabe que a educação pode acontecer de várias maneiras e a gente precisa buscar meios, mais ferramentas e mais criatividade. E a prova disso é o que a gente fez na pandemia, foi difícil, mas precisou acontecer (Entrevista, 2023).

Professora Mônica – Primeiro sobre o período pandêmico. Como isso nos afetou. E afetou os alunos. Eu falo em relação a quão estressante foi. Quão exposto nós ficamos em relação a profissionais. Vivenciamos um período em que a situação da nossa vida, nosso ambiente, da nossa casa, da nossa família foi gritante. E por vezes, o aluno que não abria a câmera, o pai queria que a gente abrisse a nossa, para que eles nos vissem, mas a gente não tinha esse mesmo retorno dos alunos. E também em relação aos alunos da rede pública que não tinham noção de ter um lugar para estudar, um cantinho organizado para estudar, eles não tinham esse hábito. Então esses adultos, adolescentes, não tinha espaço apropriado para aquisição do conhecimento, alunos que estavam estudando, mas com o som alto, briga, conversação, então isso foi o que me marcou muito. [...] A pandemia veio para nos tirar da zona de conforto e quem soube se adequar a isso, fez curso, se adequou, então entendeu, o que é tirar oportunidade em meio a dificuldade (Entrevista, 2023).

Professora Rosana – Só quero dizer que foi um momento bem paradoxal, em que nós aprendemos bastante. Claro que se você aprende, tem que ficar feliz e alegre com isso, mas foi um período também muito tenso, por conta da carga horária excessiva. Eu só queria que a gente, como escola, tivesse mais oportunidade. Incentivo. E que a gente superasse esses traumas aí desenvolvidos (Entrevista, 2023).

Professora Jaqueline – Eu diria mesmo que com tanto tempo de sala de aula, o ensino remoto foi um dos meus maiores desafios educacionais. Talvez por ser muito sensível às questões sociais, me fazia muito mal a forma com que o nosso país estava sendo governado, foram muitas vidas que foram embora. E às vezes o sentimento que eu tinha era de que eu estava me tornando uma pessoa fria, porque a gente trabalhou tanto que mal dava tempo a gente lamentar porque às vezes a vontade que tinha era só de sentar e chorar porque nada era feito. A gente viu amigos e familiares indo embora e a gente tinha que estar lá sentado no horário da aula, tinha que estudar e se planejar com muito mais antecedência e ainda tínhamos que corrigir, elaborar e enviar as atividades impressas para aqueles que não podiam

assistir à aula remota. E além do mais, tinha toda uma preocupação em tentar explicar o assunto na atividade impressa, porque diferente daqueles que assistiam às aulas e recebiam as orientações era uma realidade totalmente diferente para aqueles que não pegavam as atividades. No entanto, reconheço o quanto nós aprendemos. Mas ainda carrego comigo as dores de ter sido professora numa pandemia (Entrevista, 2023).

Fazendo um retrospecto de como foi ser professora na pandemia, e qual foi o maior aprendizado que carregamos conosco dessa experiência diante das inúmeras adaptações e mudanças que a gente precisou fazer, destaco o conhecimento que adquirimos a respeito das tecnologias digitais como uma ferramenta que nos possibilitou conhecer e desvendar várias plataformas e aplicativos mediante ao ajuste que tivemos que fazer para dar conta dos conteúdos e atividades. Para Personi (2020), a utilização das ferramentas digitais tem o pressuposto de uma discussão reflexiva.

Neste sentido, as nossas práticas pedagógicas devem incorporar as tecnologias a fim de que os nossos educandos tenham a oportunidade de conhecer, explorar e de se apropriarem de outros gêneros, de outros letramentos, multiletramentos. Outro fator que vale deixar registrado nesta pesquisa diz respeito ao papel dos professores e professoras não apenas os do Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso, para que a educação pudesse continuar, mesmo com limitações e desafios lá estávamos nós fazendo a educação acontecer. E embora reconheçamos a necessidade e importância das tecnologias digitais, a gente percebeu que nenhuma tecnologia será capaz de substituir as professoras e professores deste país. Ao contrário, a gente constatou que os professores assumiram um papel fundamental para que o ensino remoto pudesse dar certo, mesmo com dificuldades e limitações. Cada um a seu modo, buscou aprender e fez a educação acontecer, ainda que diante de um cenário tão adverso como foi a pandemia da Covid-19.

6 CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS: NOVAS ROTAS A SEGUIR E SUGESTÕES DE PESQUISA

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados (Freire, 2002, p. 24).

Ao refletir sobre tudo que vivemos e enfrentamos durante a pandemia da Covid-19, corroboro com a epígrafe Freiriana ao compreender o quanto nós somos seres frágeis e inacabados. E por isso a gente aprende de forma permanente. Portanto, a beleza da vida consiste em enxergar que diariamente a gente sempre tem algo a aprender. E como este trabalho aborda também as memórias de como foi ser professora num período Pandêmico, não podemos nos esquecer o quanto a gente aprendeu mesmo diante de um contexto totalmente adverso e tão desafiador.

As mudanças provocadas pela pandemia nos possibilitaram a oportunidade de enxergarmos os letramentos digitais no contexto escolar, sobretudo, considerando a importância da necessidade formativa deste. Uma vez que ao reconhecer que sou/ somos professoras inacabadas busquei/buscamos aprender a fim de ressignificar as práticas pedagógicas em sala de aula. Para isso, realizei a presente pesquisa, ciente que um sou um ser em constante construção/desconstrução.

Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi analisar a ausência/presença dos letramentos digitais no Colégio Estadual de Junco/Anexo Paraíso em Jacobina-BA. Para tanto, foi realizado inicialmente um estudo teórico e fichamentos acerca de diversos textos a respeito dos conceitos de letramento digital e ensino remoto. Em seguida, considerei importante e necessário realizar um levantamento de portarias, resoluções, reportagens diversas que tratassem do período de adoção do ensino remoto em virtude do isolamento provocado pela covid-19 a fim de deixar registrado memórias, documentos que seriam necessários para embasar e fundamentar a pesquisa.

Desse modo, pretendi encontrar as respostas para os questionamentos que foram inicialmente pensados para a execução deste trabalho, a saber: Como a formação docente inicial e/ou continuada possibilitaram o desenvolvimento dos letramentos digitais nas aulas do Colégio Estadual de Junco? Como as docentes experienciaram os letramentos digitais durante a adoção do ensino remoto? Quais os principais impactos na práxis pedagógica no âmbito dos multiletramentos foram

desenvolvidas durante período pandêmico e que foram incorporadas para a modalidade presencial atual?

Percebi que a ausência/presença do letramento digital andaram de mãosjuntas, à medida que se percebia a ausência, as professoras corriam atrás da presença. Assim como a própria Secretaria de Educação tinha ciência das possíveis ausências à medida que ofertava as tais *lives* como uma possível “formação”. Compreendi que ainda é preciso investir na formação docente inicial e continuada, uma vez que essa/esse profissional precisa estar em constante aprendizado e contínua evolução. Observou-se que apesar de todo conhecimento adquirido pelas participantes da pesquisa durante o período pandêmico a respeito das tecnologias, notou-se que isso foi feito de forma “intuitiva”, sem aprofundamento teórico- metodológico. Cada uma a sua maneira foi procurando caminhos para aprender a utilizar as tecnologias digitais porque o que aprenderam nas *lives* ofertadas pela Secretaria de Educação do Estado em período pandêmico não foram suficientes para dar conta da nova realidade imposta pela Covid-19. Nesse sentido, é importante refletir e compreender sobre as implicações da necessidade da formação docente voltada para o aprendizado das tecnologias digitais.

Durante a navegação, pude constatar juntamente com as demais colegas como foi doloroso enfrentar esse mau-tempo da Covid-19 e perceber o quanto foi sofrido trabalhar num país que foi recorde de mortes, em que o cenário social, cultural estava marcado pela negligência. O “tal comandante”, deixou a embarcação chamada Brasil totalmente à deriva e muitas vidas se foram por conta dessa condução irresponsável do então presidente fazia campanhas de ataque a ciência e acreditem: fez abertamente campanhas atacando a vacinação. Nesse cenário, hostil lá estávamos nós nos reinventando, aprendendo.

Quanto aos impactos investigados na práxis pedagógica acerca dos multiletramentos, notou-se que toda a nossa rotina docente pessoal, profissional precisou ser ressignificada. Nesse cenário de adoção do ensino remoto, novas práticas pedagógicas precisaram ser incorporadas, mesmo com todas limitações emocionais, sociais que nós enfrentamos e de todos os desafios que foram impostos pela pandemia da Covid-19. E posso afirmar de acordo com as nossas falas e registros que foram desenvolvidas tanto nas professoras quanto nos alunos que participaram das aulas remotas habilidades diversas no âmbito dos multiletramentos, letramentos digitais. E como afirmam as autoras Kleiman e Silva (2008), sobre o

letramento docente, o conhecimento é resultado das construções pessoais dos professores que acontecem no curso da sua atuação. Diante do cenário pandêmico, foi preciso que todas (os) nós profissionais docentes desse país redimensionássemos as nossas práticas e o nosso fazer pedagógico.

Nesse cenário, nós nos aproximamos mais dos letramentos digitais diante da necessidade e o uso de ferramentas como o *Google Meet*, *Google Classroom*, *Youtube*, *Moodle*, *Zoom*, *Hangout*, *WhatsApp*, *Instagram* e outras. Sendo assim, para alcançar os alunos que conseguiram participar das aulas *on-line* a gente foi enfrentando a insegurança de utilizar as tecnologias digitais e conseguimos promover, mesmo que às vezes com dificuldade diante da emergência do momento.

Durante toda a navegação realizada até aqui, reafirmo o quanto foi importante realizar a presente pesquisa e por isso não a enxergo como um produto “acabado” mas como um dos passos dessa navegação que foi fruto de muitas leituras, diálogos, que buscou resgatar memórias de um período desafiador que precisam ficar documentadas, registradas para além das memórias. E que as discussões sobre formação docente, letramentos digitais continue a acontecer e contemplem outras rodas, outros espaços e por saber que aperfeiçoamento profissional deve ser uma construção diária.

Para tanto, como sugestão de pesquisa para trabalhos futuros pretende-se que os estudos acerca dos multiletramentos, letramentos digitais, formação docente, bem como os impactos na saúde mental do docente após a pandemia continuem sendo pesquisados, explorados e sobretudo que os docentes e discentes tenham a oportunidade de adquirir habilidades e competências e construir o conhecimento num espaço heterogêneo, dinâmico, diverso, multicultural e que sejam colocados em prática o que orienta a BNCC sobre o ensino com as tecnologias digitais. Embora, cientes que nem sempre encontraremos uma maré favorável, a educação não combina com o porto porque sempre há novos mares para serem desbravados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2000.
- ALONSO, K. M. *et al.* **Aprender e ensinar em tempos de cultura digital**. Em Rede: Revista de Educação a Distância, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 152-168, 2014.
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. “Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. In: **Revista em Rede**. v. 7 n. 1 (2020): Responsabilidades e Desafios para a consolidação da EaD. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57329>. Acesso em 31 março de 2023.
- BAHIA. **Decreto nº 19528**, de 16 de março de 2020. Institui, no âmbito do Poder Executivo Estadual, o trabalho remoto, na forma que indica, e dá outras providências. Acesso em 31 de março de 2023.
- BAHIA. **Portaria 637**, 03 de março de 2021. Dispõe sobre a reorganização das atividades letivas nas escolas da rede estadual de ensino, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96). Disponível em : [http://escolas.educacao.ba.gov.br/noticias/sec-publica-portaria-sobre-reorganizacao-das-atividades-letivas-nas-escolas-estaduais#:~:text=A%20Secretaria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do,\(LDB%209394%2F96\)..](http://escolas.educacao.ba.gov.br/noticias/sec-publica-portaria-sobre-reorganizacao-das-atividades-letivas-nas-escolas-estaduais#:~:text=A%20Secretaria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do,(LDB%209394%2F96)..) Acesso em 17 de junho de 2023.
- BEHAR, Patricia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a Educação a Distância**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 23 de fev.2023.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmica do nosso tempo, 78).
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. **Decreto Legislativo nº 06 de 2020**. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública. Acesso em 17 de junho de 2023.
- BRASIL. MEC. **Portaria n.º 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- BRASIL. **Medida Provisória nº928**, de 23 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância de emergência de saúde pública. Disponível em :

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm. Acesso em 17 de junho de 2023.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 27**, de 25 de março de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 34**, de 28 de abril de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 41**, de 22 de junho de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 48**, de 06 de outubro de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 53**, de 25 de março de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 36**, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 37**, de 28 de maio de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

_____ Conselho Estadual de Educação. **Resolução CEE n° 40**, de 22 de junho de 2020. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador.

COSCARELLI, C. V. **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (Org.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016. pp. 7-14.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ELLIS, C. **The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography**. EUA: Altamira Press, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GARCIA, T. C. M. et al. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas**. Natal: SEDES/UFRN, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29767/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERG%20ENCIAL_proposta_de_design_organizacao_aulas.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

HODGES, Charles *et al.* **A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizado *on-line***. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 16 set. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013
informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009. 144 p.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e o ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

KLEIMAN, ngela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela B. “Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. *In*: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Nágila Rabelo. **Ensino Remoto Emergencial: análises das práticas pedagógicas de alfabetização e avaliação implementadas por docentes do 2º ano do E.F. de municípios cearenses/ Nágila Rabelo.de Lima- 2022**.

MATENCIO, M. de L. M. “Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos”. **Revista Calidoscópico**, Vol. 7, n. 1, p. 5-10, jan/abr 2009. Disponível em: Acesso em: 05 jun. 2015.

MILLIET, Joana Sobral. **Ensino remoto emergencial e letramentos midiáticos de professores na pandemia de Covid-19?** Joana Sobral Milliet; orientadora: Rosália Maria Duarte-2022.

MORALES, J. (2020). **Os Impactos Psicológicos do Ensino a Distância**. Disponível em: <file:///C:/Users/Eduardo/Downloads/20865-Texto%20do%20Trabalho-85433-1-10-20201230.pdf>. Acesso em 25 out.2023.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria A. **Tecnologias e mediação pedagógica**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

MOREIRA, J. A., & SCHLEMMER, E. “Por um novo conceito e paradigma de educação digital *online*”. **Revista UFG**, 2020, V.20. Goiânia/GO. 2020. Disponível

em <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>. Acesso em: 20, dez., 2023.

MOREIRA, J. A., Henriques, S., Barros, D. (2020). **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. *Dialogia*, 34, 351-364. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote. 1992.

PETITTO. **Projetos de Trabalho em Informática: Desenvolvendo Competências**. Campinas: Papirus, 2003.

PICCOLI, Luciana. **Prática pedagógica nos processos de alfabetização e de letramento: análises a partir dos campos da sociologia e da linguagem**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18400?show=full>>. Acesso em 17 junho. 2023.

PICHEL, Mar. **O coronavírus é um professor cruel porque ensina matando**. BBC News, 4 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53281462>. Acesso em: 6 jul. 2020.

REN L.L. WANG Y.M., WU ZQ. *et al.* **Identification of a novel coronavirus causing severe pneumonia in human: a descriptive study**. *Chin Med J (Engl)*. 2020 May 5; 133(9): 1015-24.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editora, 2012.

SAVIANI, D; GALVÃO, A, C. **Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto**. 2021. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/download/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-ensino-remoto/> Acesso em: 02 out. 2021.

SILVA, Lorena. “Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v.3, n.7, p. 53-64. 2020.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, n. 81, 2002.

SOARES, Magda B. “Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. *In: Língua Portuguesa*: história, perspectivas, ensino. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1998, vol. 1.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Magda. “Letramento e escolarização”. *In: RIBEIRO, era Vera (org.). Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003. Pt. 2 p.89-115.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com.**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUZA, Katia Reis de *et al.* “Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde”. **Interface**, Botucatu, v. 26, p. 1-16, 2022.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado passado passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

Winters JRF, Nogueira DR, Heidemann ITSB, Durand MK, Magagnin AB, Arakawa-Belaunde AM. **Remote teaching during the COVID-19 pandemic**: repercussions from professors' perspective. *Rev Bras Enferm.* 2023;76(Suppl 1):e20220172. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0172pt>

ANEXOS

ANEXO 01

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID 19: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL DE JUNCO/ANEXO PARAÍSO EM JACOBINA-BA.

Pesquisador: MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60512422.8.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.583.347

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa que abordará a compreensão das competências do letramento digital e as suas implicações nas práticas pedagógicas adotadas no formato de ensino remoto implantado durante a pandemia da COVID 19. A partir da abordagem qualitativa, por entender que seja a mais adequada para estudos que envolvem e centram-se na compreensão e explicação de questões relacionadas às dinâmicas das relações sociais. À consecução da coleta de dados, utilizaremos as seguintes técnicas de pesquisa: a análise documental, discorrendo sobre os documentos institucionais como Projeto Pedagógico da Instituição; a observação e a entrevista como condição à captação de percepção dos sujeitos, os quais serão representados pelos professores.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme descrito no Formulário de Informações Básicas da Plataforma Brasil:

Objetivo Primário:

"Compreender os impactos do letramento digital mediante a adoção do ensino remoto implantado durante a pandemia do COVID 19 no Colégio Estadual de Junco."

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.583.347

"Identificar as concepções de Letramento digital;
Descrever como ocorreu transição do ensino presencial para o ensino remoto;
Entender como ocorreu esse processo de mudança de rotina vivenciada por educandos e educadores do Colégio Estadual de Junco;
Analisar as percepções dos alunos e professores quanto a adoção da tecnologia como instrumento essencial para o aprendizado;
Desvelar os processos de convergência digital dos educadores do Colégio Estadual de Junco;
Compreender os desafios e conquistas alcançados durante o formato de ensino remoto."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme descrito no Formulário de Informações Básicas da Plataforma Brasil:

Riscos:

"A pesquisa presente prevê como riscos um possível e eventual constrangimento por parte dos sujeitos que serão entrevistados, já que nem todos gostam de estarem se expondo. Risco que esse que será minimizado por meio de uma conversa dialógica, sensibilizando sobre a importância e propósito da pesquisa e que será garantido o anonimato dos entrevistados a fim de evitar qualquer tipo de situação que possa provocar algum tipo de situação constrangedora aos sujeitos envolvidos."

Benefícios:

"Dentre os benefícios que a presente pesquisa pode oferecer é o registro documental e histórico dos alunos e professores do Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso que viveram a realidade do letramento digital por meio da adoção do ensino remoto. Para tanto, será um registro de suma importância para também entender as implicações que foram vivenciadas durante o período pandêmico."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa vinculado ao PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA da UFBA.

Trata-se de um protocolo cuja a coleta de dados utilizaremos como instrumentos a observação participante, entrevistas semiestruturadas, bem como como fontes documentais, o Projeto Político Pedagógico da Instituição, a fim de compreender como ocorreu e como foram os impactos do letramento digital no Colégio Estadual de Junco/ Anexo Paraíso. Após a realização da pesquisa, os

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.583.347

dados serão triangulados, pois acreditamos que a triangulação seja uma estratégia de combinação de métodos e técnicas, na tentativa de aproximar ao máximo possível da compreensão da realidade pesquisada.

Número previsto de participantes: 12;
Previsão de início da pesquisa: 02.2023;
Previsão de encerramento da pesquisa: 12.2023.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados 11 documentos ao protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil. Há inadequações em alguns documentos, sendo necessário alterações.

Cronograma: pendente;
Projeto brochura - file:///C:/Users/anderson.sousa/Downloads/projeto_letramento.pdf: pendente;
Orçamento: pendente.

Recomendações:

Cronograma:
Incluir período da elaboração e entrega do Relatório Parcial e final ao CEP.

Projeto Brochura:

- Ampliar a descrição dos riscos derivados da pesquisa conforme orienta a Resolução 466/2012;
- A descrição dos riscos no TCLE se encontra diferente dos descritos no projeto brochura e no Formulário de Informações Básicas da Plataforma Brasil;
- Ajustar a escrita do público alvo da pesquisa, que no Formulário de Informações Básicas da Plataforma Brasil insere os estudantes, mas não consta tal informação no projeto brochura e no TCLE;
- Recomenda-se preservar o nome da instituição a fim de evitar a exposição dos possíveis participantes em publicações futuras dos resultados.

Orçamento:
-Discriminar o orçamento. Com o que será gasto?

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.583.347

- Informar sobre a existência de financiamentos públicos: bolsas de iniciação científica, extensionista, de ingresso em programas de pós-graduação à nível de mestrado, doutorado, pós-doutorado e de outras naturezas;
- Listar os materiais disponibilizados pela instituição proponente à custo zero, a saber: acesso à internet, computadores, biblioteca, serviço bibliotecário, linguístico e de tradução, orientação acadêmica;
- Descrever se o projeto de pesquisa gerará ou não custos diretos para os serviços públicos pesquisados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo de pesquisa apresenta pendências descritas nos tópicos anteriores e requer alterações. Assim, é necessário atender as recomendações explicitadas no tópico acima no sentido de resolver as pendências, atendendo aos preceitos éticos emanados das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Portanto, sugere-se parecer de pendência. Conforme o Art. 23 da Resolução 674 de 2022: O pesquisador tem prazo de até 30 (trinta) dias, prorrogáveis mediante justificativa, para responder a um parecer de pendência do CEP, na Plataforma Brasil. Destacar, em vermelho, as alterações realizadas nos documentos da nova versão, mantendo na Plataforma Brasil as versões antigas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado homologa parecer de pendência emitido pelo relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1935862.pdf	08/07/2022 22:40:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_letramento.pdf	08/07/2022 22:37:02	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Cronograma	cronograma_de_execucao_de_pesquisa.pdf	08/07/2022 22:33:12	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	08/07/2022 22:32:37	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA - UFBA



Continuação do Parecer: 5.583.347

Outros	Termo_de_autorizacao_coparticipante.pdf	08/07/2022 21:20:46	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZAA_A_O_DA_IN STIUIA_A_O_PROPONENTE_MICHEL E.pdf	06/07/2022 22:32:28	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	06/07/2022 22:28:30	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_concordancia_pesquisador_ responsavel.pdf	06/07/2022 22:27:25	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Declaracao.pdf	06/07/2022 22:26:59	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Justificativa_de_ausencia_dos_apendice s.pdf	06/07/2022 22:23:11	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_VERSAO_FINAL.pdf	06/07/2022 20:49:36	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	plataforma_Brasil.pdf	06/07/2022 19:59:56	MICHELE JATOBA PEREIRA DE ALMEIDA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 15 de Agosto de 2022

Assinado por:
Anderson Reis de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

APÊNDICES

APÊNDICE A: INSTRUMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE DADOS



INSTRUMENTO 01- QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Estimadas professoras e professores,

Estamos conduzindo uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, cujo título provisório é MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA BAHIA.

Tal pesquisa consiste em investigar a ausência/presença dos multiletramentos e as suas implicações nas vivências e práticas pedagógicas mediante a adoção do ensino remoto implantado durante a pandemia. Temos a imensa satisfação de convidá-las/los para participar conosco respondendo esse Questionário-diagnóstico a fim de coletar dados para seleção das nossas professoras colaboradoras. Sendo assim, solicito sua atenção inicial, para que possa responder o questionário em anexo, sob a garantia de que todos os nomes serão mantidos em sigilo. Agradecemos pela atenção, ao passo em que também nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Michele Jatobá
Estudante de Mestrado
PPGLINC- UFBA

Profª Drª Cristiane Lopes Landulfo
Orientadora
Matrícula 2615558

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua faixa etária?
 - a) Até 30 anos
 - b) Entre 30-35 anos
 - c) Entre 35-40 anos
 - d) Entre 40- 45 anos

- e) Entre 45-50 anos
- f) Acima de 50 anos

3. Em qual área/curso você é graduado(a)?

- a) Letras
- b) Letras- Habilitação Inglês
- c) Geografia
- d) História
- e) Matemática
- f) Biologia
- g) Química
- h) Física
- i) Filosofia

4. Em que ano você concluiu o seu curso de graduação?

5. A universidade em que você estudou é:

- a) Pública
- b) Particular

6. Qual nível de escolaridade você tem atualmente?

- a) Graduação completa
- b) Pós-graduação
- c) Mestrado
- d) Doutorado

7. Qual (quais) as matérias que você leciona?

- a) Língua Portuguesa
- b) Língua Inglesa
- c) Geografia
- d) História
- e) Matemática
- f) Biologia
- g) Química
- h) Física
- i) Filosofia
- j) Sociologia

8. Por favor, especifique sua situação de trabalho no ensino público estadual.

- a) Professor(a) Efetivo
- b) Professor(a) Contratado em regime temporário

9. Você estava lecionando durante a pandemia do COVID 19?

- a) Sim
- b) Não

APÊNDICE B



INSTRUMENTO 02 - QUESTIONÁRIO: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS?

O presente questionário se configura como um instrumento necessário à construção de dados referentes ao Projeto de pesquisa: MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA BAHIA. Os registros desses dados servirão para a conclusão de uma pesquisa de mestrado do o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura -PPGLINC da Universidade Federal da Bahia-UFBA. A pesquisadora, conforme Termo de Consentimento Livre, compromete-se a preservar a privacidade das participantes sujeitas da pesquisa, bem como, divulgar as informações anonimamente. Desse modo, os instrumentos de coleta de dados estarão sob a responsabilidade da pesquisadora, Sra Michele Jatobá Pereira de Almeida. A sua contribuição, respondendo a este instrumento, será valerosa para os propósitos do trabalho.

1. Escolha um nome fictício para que eu possa fazer referência as suas informações, mantendo a sua identidade em sigilo.

2. Quantos anos você tem?

- a) Até 30 anos
- b) Entre 30-35 anos
- c) Entre 35-40 anos
- d) Entre 40- 45 anos
- e) Entre 45-50 anos
- f) Acima de 50 anos

3. Qual a sua Formação acadêmica?

- a) Letras
- b) Letras- Habilitação Inglês
- c) Geografia
- d) História
- e) Matemática
- f) Biologia

- g) Química
- h) Física
- i) Filosofia

4. Você concluiu o seu curso em uma universidade pública ou privada?
5. Em qual Universidade você concluiu o seu curso?
6. Em qual ano você concluiu o seu curso?
7. Há quanto tempo você é professora da rede pública?
8. Fez outro(s) curso(s) de graduação? Se sim, quais?
 - E de pós-graduação?
9. Qual(is) o(s) local(is) onde trabalha e função/funções que exerce?
10. Entre os equipamentos tecnológicos abaixo você possui? (pode assinalar mais de um)
 - a) Computador
 - b) Notebook/Netbook
 - c) Tablet
 - d) Smartphone
 - e) Outros
11. Há quanto tempo você possui os equipamentos tecnológicos informados?
12. Onde costuma usar o computador?
 - a) Em casa
 - b) Na escola
 - c) Em Lan House
 - d) Em espaços públicos
13. Onde você costuma usar a internet ?
 - e) Em casa
 - f) Na escola
 - g) Em Lan House
 - h) Em espaços públicos

14. Com que frequência usa a internet?

- a) Diariamente
- b) Uma vez por semana
- c) Raramente
- d) Em alguns dias da semana

15. Com que finalidade usa a internet? (Enumere as alternativas, considerando a ordem da resposta)

- a) Bate-papo (chat)
- b) Comunicar-se com pessoas por meio das redes sociais
- c) Ler notícias em sites diversos
- d) Organizar/acompanhar atividades propostas para os alunos
- e) Envio de e-mail
- f) Realizar pesquisas

16. Você possui: (pode assinalar mais de uma alternativa)

- a) E-mail
- b) Blog
- c) Twitter
- d) Instagram
- e) Facebook
- f) WhatsApp
- g) Outro

17. Há quanto tempo você utiliza as redes sociais citadas?

18. Quais desses gêneros/redes sociais você utiliza com mais frequência?

- a) E-mail
- b) Blog
- c) Twitter
- d) Instagram
- e) Facebook
- f) WhatsApp
- g) Outro

19. Com que frequência utiliza esse gênero/redes sociais?

- a) Diariamente
- b) Uma vez por semana
- c) Raramente

d) Em alguns dias da semana

20. Com que finalidade utiliza esses gêneros/redes sociais?

- a) Publicações de informações pessoais
- b) Diálogos
- c) Pesquisas
- d) Organizar/acompanhar atividades propostas para os alunos

21. O que pensa sobre as tecnologias digitais dentro do contexto educacional?

22. Qual/Quais equipamento (s) tecnológico (s) você mais utilizou durante o período pandêmico?

23. Como era a sua relação com os aparelhos eletrônicos no início da pandemia?

- a) Muito ruim
- b) Ruim
- c) Boa
- d) Muito boa
- e) Excelente

24. Como avalia o uso das tecnologias digitais durante o período pandêmico?

25- Quais plataforma de comunicação por vídeo utilizadas para o ensino remoto você usou para dar as suas aulas durante o período pandêmico?

- a) Moodle
- b) Skype
- c) Google Meet
- d) Zoom
- e) Microsoft Teams

26- Qual(is) ferramentas digitais você utilizou durante o período pandêmico?

- a) Google Classroom
- b) Trello
- c) Google Docs
- d) Jamboard
- e) Google Drive

27- Você precisou fazer algum curso para aprender a usar a plataforma de ensino?

28-Você precisou da ajuda de alguém para ter acesso às plataformas para a realização das aulas durante o período pandêmico? Caso, a sua resposta seja positiva de quem e com qual frequência?

29. E em sua realidade de vivência como professora no Colégio Estadual do Junco/ Anexo Paraíso quais práticas pedagógicas foram implantadas/ modificadas durante a adoção do ensino remoto?

APÊNDICE C



INSTRUMENTO 03- RODA MEMORIALÍSTICA

A presente entrevista configura-se como um instrumento necessário à construção de dados referentes a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida pela professora Michele Jatobá Pereira de Almeida que tem por título: **MEMÓRIAS PANDÊMICAS EM UM COLÉGIO ESTADUAL DO INTERIOR DA BAHIA: LETRAMENTOS DIGITAIS E FORMAÇÃO DOCENTE**. Esses dados servirão à escrita da dissertação de Mestrado em Língua e Cultura ofertado pela Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora, conforme o Termo de Consentimento Livre, compromete-se em preservar a privacidade das participantes da pesquisa, bem como divulgar as informações em anonimato e os instrumentos de geração de dados estarão sob a responsabilidade da pesquisadora. A sua contribuição será de grande valia, respondendo a este instrumento. Por isso, desde já agradecemos pela sua valorosa contribuição.